

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

**SANTIAGO MIGUEL GÓMEZ**

**UMA LEITURA DECOLONIAL DE LIMA BARRETO E ARLT**

**Florianópolis**

**2018**



Santiago Miguel Gómez

UMA LEITURA DECOLONIAL DE LIMA BARRETO E ARLT

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Literatura da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito para a  
obtenção do título de Mestre em  
Literaturas.

**Orientador:** Prof. Dr. Raúl Antelo.

Florianópolis

2018







## AGRADECIMENTOS

À população brasileira, pela hospitalidade, e por ter escolhido colocar à frente do Estado uma força política que aumentou o investimento na educação, que priorizou a integração latino-americana, como foram os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, possibilitando que estudantes de outros países possam se formar no Brasil. À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina, por fomentar a formação e ter me concedido uma bolsa de mestrado. A Laura, a quem devo ter conhecido o amor, meu ingresso na literatura, e quem organizou, junto com autoridades diplomáticas do governo de Cristina Fernández de Kirchner, no Brasil, um evento na UFSC pela defesa da soberania das Ilhas Malvinas, no qual conheci ao professor Raul Antelo e à professora Liliana Reales. A meu orientador, por sua contribuição e fomento do pensamento crítico, sob uma perspectiva latino-americanista. A Liliana Reales, por seu carinho e acolhimento, por acreditar que eu tinha condições para fazer o mestrado. A Juan Manuel Terenzi, por ter me apresentado a Lima Barreto, pela amizade, pelo entendimento, sua coragem e sua poesia. A Diego Moreira, por sua amizade, por sua perseverança na escritura, na busca pela palavra justa, por apostar na poesia. A meus colegas da chapa Contragolpe, a única chapa que se apresentou na eleição de 2017, a qual vencemos sendo votados por mais seis pessoas. Aos colegas do Núcleo Onetti, por fomentar a integração latino-americana e a tentativa de montar uma oficina literária. Às companheiras Sandra Maria Sales Fagundes e Analice Palombini, por ter acreditado no que escrevi, por ter me convidado, em 2008, a conhecer o Brasil. A Rafael Wolski de Oliveira, pela irmandade, pelo seu exemplo de que é possível não perder a ternura no meio do inferno, por ser dos imprescindíveis. A Vera Wolski, Jalise, Mário e Cristina Wolski de Oliveira, a Jonathan Lopes, pela acolhida em Porto Alegre, por nos tratar como família. Junto com Vladimir Romanov, são nossa família no Brasil. A Márcio Mariath Belloc, pela amizade, pelo convite para trabalhar na Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul, quando Sandra assumiu como secretária. A Afonso Henriques de Lima Barreto pela coragem entre tanta covardia, por ter legado uma obra mestra à literatura latino-americana, por reconhecer que a arte mais valiosa do Brasil está nos morros, por denunciar as injustiças das quais até hoje padece mais da metade da população brasileira simplesmente pela cor da pele. Pela coragem que teve Lima Barreto, o isolaram, para depois dizer que seu problema era a bebida. Minha gratidão e admiração, mestre Afonso.





*Dissertar sobre literatura estrangeira supõe, entre muitas, o conhecimento de duas coisas primordiais: ideias gerais sobre literatura e compreensão fácil do idioma desse povo estrangeiro. Eu cheguei a entender perfeitamente a língua da Bruzundanga, isto é, a língua falada pela gente instruída e a escrita por muitos escritores que julguei excelentes; mas aquela em que escreviam os literatos importantes, solenes, respeitados, nunca consegui entender, porque redigem eles as suas obras, ou antes, os seus livros, em outra muito diferente da usual, outra essa que consideram como sendo a verdadeira, a lídima, justificando isso por feição antiga de dois séculos ou três.*

Lima Barreto, *Os bruzundangas*.



## RESUMO

Este trabalho versa sobre a presença do colonialismo na literatura de Alfonso Henriques de Lima Barreto e Roberto Arlt. Para efetuar esta leitura, trabalhamos com os romances *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Os sete loucos*, utilizando a teoria do pensamento decolonial, com o objetivo de identificar a colonialidade oculta do discurso moderno nos romances escolhidos. Considerando que na origem do colonialismo está a violência pela apropriação dos recursos, abordamos a problemática da guerra presente nas duas obras.

**Palavras-chave:** Colonialismo; Colonialidade; Modernidade; Decolonial; Guerra.



## RESUMEN

Este trabajo versa sobre la presencia del colonialismo en la literatura de Afonso Henriques de Lima Barreto y Roberto Arlt. Para efectuar esta lectura, trabajamos con las novelas *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Los siete locos*, utilizando la teoría del pensamiento decolonial, con el objetivo de identificar la colonialidad oculta del discurso moderno en las novelas elegidas. Considerando que en el origen del colonialismo está la violencia por la apropiación de recursos, abordamos la problemática de la guerra presente en las dos obras.

**Palabras claves:** Colonialismo; Colonialidad; Modernidad; Decolonial; Guerra.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. LIMA BARRETO E ARLT SÃO ESCRITORES LATINO-AMERICANOS? .....	23
1.1. O pensamento decolonial.....	35
1.2. O que é América Latina? .....	50
1.3. Autores latino-americanos .....	53
2. A COLONIALIDADE NAS QUATRO DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA HUMANA .....	59
2.1. Entre a liberação e a emancipação .....	96
3.1. O fim do progresso é a morte.....	122
4. A GUERRA NO INÍCIO E NO FIM.....	133
4.1. A guerra em Tolstoi .....	137
4.2. Guerra e progresso em Ernst Junger .....	146
4.3. Triste fim .....	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS .....	163





## INTRODUÇÃO

Quando começamos o mestrado, em 2016, o Brasil era governado por uma força política que tinha chegado ao governo após cumprir com o processo democrático estabelecido pela Constituição, que estabelece que quem quiser chegar à presidência deve filiar-se a um partido político, disputar uma eleição e vencê-la. Dois anos depois, o destino de 208 milhões de brasileiros e brasileiras é governado por uma força política que chegou ao Planalto após acontecerem os mesmos procedimentos que acabaram com o governo de Fernando Lugo no Paraguai: ataque da mídia contra o governo eleito democraticamente, acordo entre forças políticas que representam os interesses do setor financeiro internacional em fazer um impeachment contra o Presidente. Na programação do *World Economic Forum Annual Meeting* de 2018, informa-se que foram convidados líderes de governos, empresas e da sociedade civil, com o objetivo de “moldar a nova narrativa para a região”<sup>1</sup>. O jornal *Estadão* informou, em dia 16 de janeiro de 2018<sup>2</sup>, que o Fórum Econômico Mundial colocou em sua programação o debate “Moldando a nova narrativa do Brasil”. Não foram convidados para participar da mesa escritores nem professores de literatura. Para o debate foram convidados o prefeito de São Paulo, o presidente do Bradesco, o CEO do Itaú Unibanco e o CEO da Nestlé. Quem acompanhou a realidade dos países da América Latina através da mídia nos últimos anos, teve a possibilidade de observar que as mesmas manchetes foram reproduzidas tanto em português quanto em castelhano. Enquanto esse processo de golpe se preparava, quem escreve estas palavras começou a encontrar semelhantes críticas contra a política na literatura de Alfonso Henriques de Lima Barreto e Roberto Arlt. Por isso nos perguntamos: será que a literatura tem alguma coisa a dizer sobre esse processo, conhecendo a ligação entre os jornais e a ficção? Acreditamos que sim.

Assim que comecei o mestrado perguntei a um colega, filho de argentinos exilados após o golpe de 1966, quem era o Roberto Arlt brasileiro. “Lima Barreto”, respondeu meu amigo. Fui procurar na

1 <<<https://www.weforum.org/press/2018/01/world-economic-forum-uplink-start-up-initiative-expands-into-latin-america-and-caribbean>>>. Acesso dia 22 de janeiro de 2018.

2 <<<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,temer-doria-e-meirelles-vao-a-davos-vender-um-novo-brasil,70002152647>>>. Acesso dia 22 de janeiro de 2018.

biblioteca da universidade, e levei de empréstimo *Os bruzundangas*. Enquanto lia essa grande obra da literatura latino-americana, pensava: como explicar que as críticas que o autor carioca fazia à sociedade brasileira, à política local, fossem as mesmas que o escritor argentino faria em suas águas-fortes portenhas? O que era aquilo que ambos os escritores tinham em comum, além de ser jornalistas e marginalizados pelos cânones literários de sua época? Quem se perguntava isso também é jornalista, trabalha como correspondente argentino no Brasil, fazendo trabalho de análise internacional.

A primeira coisa em comum que consegui identificar nos dois autores foi que ambos criticavam suas realidades locais, mas comparando-as com um ideal de sociedade europeia. Nos textos, tanto a sociedade brasileira quanto a argentina nunca eram colocados como exemplos de democracia, como o eram as sociedades europeias. Ambos os autores coincidiam em que a nossa classe política era composta simplesmente por bandidos, ignorantes, que entraram na política com o único objetivo de enriquecer. Na estrutura discursiva das narrativas de Lima Barreto e Arlt, aparecia um ordenamento hierárquico, no qual se fazia uma comparação das nossas repúblicas com o ideal de república europeia, de república francesa, colocando-se o estrangeiro como melhor que o local; além das críticas que os autores faziam às ideias estrangeiras, assim como aos fenômenos que aconteciam no mundo.

Era assim que devíamos considerar desde que lugar escreviam os dois autores, e a resposta não demorou a chegar, era simples: desde países que tinham sido colônias. Territórios que tinham sido colonizados por países com línguas diferentes, mas com uma origem e ideário semelhante. Foi por esse motivo que escolhemos fazer uma leitura da obra de Lima Barreto e Arlt desde uma perspectiva que levasse em consideração a problemática colonial, e decidimos fazer uma leitura baseada no pensamento decolonial da literatura do escritor brasileiro e do escritor argentino. Considerando que a produção de ambos os autores é extensa, tomamos para o trabalho da dissertação os romances *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Os sete loucos*, com o objetivo de mostrar como é possível observar neles a estrutura da matriz colonial de poder.

Para isso, dividimos esse trabalho em quatro capítulos. No primeiro, tentaremos responder por que é que Lima Barreto e Arlt podem ser considerados escritores latino-americanos, para além do fato de terem nascido em países que formam parte do que conhecemos como América Latina. Perguntamo-nos: o que é América Latina? Quando é que começou a se falar de América Latina, sendo que no início nem existia um continente chamado América; e o sul desse continente era

chamado de Hispano-América? Para nos responder a essas perguntas, trabalharemos com textos próprios do pensamento decolonial, como o livro de Walter Mignolo, *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial* (2005) e *La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial* (1992), de Walter Quijano e Immanuel Wallerstein; assim como também estudaremos outros textos, como *Génesis de la idea y el nombre de América Latina*, de Arturo Escobar (1980).

Conforme estabelecem Quijano e Wallerstein, a colonização de América fez possível o surgimento da ideia de modernidade, assim como o desenvolvimento de Europa e a emergência do capitalismo. Os autores estabelecem que, a partir do momento em que os europeus colocaram aos povos originários dessas terras na posição de “primitivos”, foi que surgiu a ideia de progresso, que se estabeleceu a ideia linear da história, do pensamento universal. A história da humanidade que foi imposta nesse continente iria no sentido do desenvolvimento conseguido pela Europa; e a situação na qual viviam as sociedades desse continente, provaria que as sociedades europeias seriam as desenvolvidas, as comunidades que teriam progredido, enquanto os demais países estariam numa etapa de subdesenvolvimento, ou tratar-se-ia de sociedades primitivas.

Nesse primeiro capítulo, estabeleceremos o que entendemos por colonialismo, para depois diferenciar o colonialismo da colonialidade, seguindo as conceitualizações realizadas por Quijano em *Colonialidad y Modernidad/Racionalidad* (1992). Conforme o sociólogo peruano, a colonialidade forma o lado escuro da modernidade, aquilo que fica na escuridão para que o relato moderno consiga-se sustentar. Para Quijano, Wallerstein e Mignolo, a colonialidade é constitutiva da modernidade, sendo preciso, no momento de pensar o colonialismo, pensar também a colonialidade, que é a sua matriz de poder. Conforme esses autores, a modernidade se postulou como uma narrativa que foi sinônimo de salvação, de novidade. No terceiro capítulo dessa dissertação, mostraremos como é possível observar que a narrativa da salvação encontra-se presente nos dois romances escolhidos para esse trabalho.

A colonialidade, conforme estabelecem Quijano e Wallerstein, se caracteriza como a criação de um conjunto de Estados reunidos em um sistema hierárquico interestatal, que teve como consequência uma organização social, também hierarquizada. Hierarquia que se estabelecerá sobre uma lógica racista, entendendo o racismo como a hierarquização das relações sociais, estabelecendo relacionamentos nos quais algumas pessoas consideram-se superiores às outras. Conforme

Quijano e Wallerstein, emergiram quatro novidades como consequência do “descobrimento” do “Novo mundo”: a colonialidade, a etnicidade, o racismo e o conceito mesmo de novidade. Trabalharemos esses quatro elementos, procurando mostrar se eles se encontram presentes na literatura de Lima Barreto e Arlt. Para isso, não só trabalharemos com os romances escolhidos, os quais serão o eixo do nosso trabalho, como com algumas das outras produções literárias dos escritores escolhidos.

Cabe salientar que a posição de Lima Barreto, assim como a de Arlt, frente ao racismo e ao colonialismo, não são semelhantes. Assim como Mignolo afirma que o sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein consegue conceitualizar o colonialismo, mas foi o sociólogo peruano Aníbal Quijano quem sentiu a colonialidade na pele; também nós utilizaremos dessa comparação para afirmar que, enquanto Arlt consegue pensar o colonialismo, foi Lima Barreto quem sentiu a colonialidade na pele. Para sustentar essas afirmações, trabalharemos com o diário do escritor carioca, artigos que publicou em diversas revistas brasileiras, assim como com diversas águas-fortes portenhas, e as *Águas-fortes cariocas*, escritas pelo escritor argentino quando visitou o Brasil em 1930.

Ainda no primeiro capítulo, conforme as conceitualizações de Mignolo, estabeleceremos o que entendemos por pensamento decolonial, assim como colocaremos o contexto no qual surge esse conceito na década de sessenta na América Latina, sua relação com o pensamento econômico e o surgimento do conceito de “centro-periferia”, criado por Raúl Prebisch. A problemática dos recursos econômicos, do desenvolvimento tecnológico, da força das grandes potências, está na origem do pensamento decolonial, assim como esses problemas foram colocados nos romances de Lima Barreto e Arlt com os quais trabalharemos. Para desenvolver a ideia do pensamento decolonial, Mignolo traçará uma genealogia, na qual coloca os livros *Corónica del Nuevo Mundo y Buen Gobierno*, de Guaman Poma de Ayala e *Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery*, de Otabbah Cuogano, autores que coloca na origem do pensamento decolonial. Seguindo as conceitualizações de Mignolo, perguntaremos se não é possível inserir *Triste fim de Policarpo Quaresma* na genealogia desse tipo de pensamento.

Durante o primeiro capítulo, procuraremos estabelecer como é possível observar a presença da colonialidade do poder na literatura do escritor carioca e do escritor portenho, conforme o marco teórico do pensamento decolonial, mostrando como as discussões que os dois autores estabeleceram com os defensores da gramática estabelecida,

pode ser pensada como uma disputa com a matriz colonial do poder, quando se expressa na dimensão epistemológica. Para finalizar essa primeira parte, trabalharemos a ideia de América Latina e justificaremos por que é possível, sob uma perspectiva decolonial, considerar ambos os autores como latino-americanos.

No segundo capítulo, analizaremos a colonialidade nas quatro dimensões da experiência humana: econômica, política, social e epistêmica, conforme as conceitualizações do pensamento decolonial, com o objetivo de mostrar como é possível identificar a colonialidade do poder nas suas quatro dimensões em *Triste fim...* e *Os sete loucos*. Seguindo as colocações de Walter Mignolo, consideraremos a matriz colonial do poder como uma rede de crenças, sobre as quais age-se e racionaliza-se o agir, e a especificação do que o termo “mundo colonial” significa para o autor, lembrando que foi Quijano quem introduziu o conceito de colonialidade, no cruzamento entre formações disciplinares do primeiro mundo, enquanto ele atravessava os problemas que tinha que confrontar nos tempos da guerra fria, vivendo num país do chamado “terceiro mundo”.

Começaremos por analisar a dimensão econômica da matriz colonial do poder, considerando que, conforme o pensamento decolonial, o desenvolvimento europeu só foi possível pela apropriação da terra e dos recursos naturais que fizeram os colonizadores, assim como também porque a problemática dos recursos é um assunto fundamental tanto do romance de Lima Barreto quanto do de Arlt. No caso do romance do escritor carioca, Policarpo Quaresma é uma personagem que dedica seu tempo ao estudo das condições materiais do Brasil, seus recursos naturais, com o objetivo de gerar ferramentas que contribuam para o seu desenvolvimento, desenvolvimento que considera que só ser possível como consequência de uma emancipação linguística. No caso de Remo Erdosain, a personagem principal de *Os sete loucos*, o romance começa com um problema financeiro, no início há um crime, e Erdosain procurará auxílio com o Astrólogo, que construiu uma sociedade secreta, que tem como projeto gerar uma revolução, e para conseguir seu objetivo, a ideia é montar uma rede de prostituição para financiar o esquema. Nos dois romances a problemática da escravidão, da comercialização de pessoas, estará presente.

Com o objetivo de colocar em contexto o surgimento dos romances, assim como o contexto no qual surgiu o conceito de colonialidade em Quijano, tomaremos como referência o trabalho de Theotonio dos Santos, no que diz respeito aos três tipos de dependência econômica colonial que o autor estabelece; não só porque o autor é uma

referência do pensamento decolonial, como porque algumas das considerações desenvolvidas por Lima Barreto em suas colunas e nas afirmações do major Quaresma estão em série com o pensamento do economista, o que nos permitiu entender melhor por que o crítico Ronaldo Lima Lins considerará que *Triste fim...* tem trechos próprios de um trabalho feito por técnicos ou economistas. É preciso destacar que a problemática da dependência econômica também será tratada por Arlt em seu romance. No segundo capítulo, observaremos que o tipo de dependência descrita pelo escritor argentino corresponde com o terceiro tipo de dependência econômica colonial, desenvolvida por Thetonio Dos Santos em *The structure of dependence* (1970).

Cabe destacar que, assim como Mignolo afirma que a problemática da colonialidade – assim como a teoria da dependência –, devem ser pensadas no contexto da guerra fria, consideramos que as literaturas de Lima Barreto e Arlt devem ser pensadas como produções artísticas surgidas após a guerra do Paraguai e a primeira grande guerra europeia. Não só porque os autores trataram do assunto, mas porque a guerra coloca o foco na problemática dos recursos, na dependência material dos países para alcançar seu desenvolvimento e o relacionamento com os outros Estados, os quais facilitam ou obstaculizam as possibilidades de concretizar o objetivo do progresso. Cabe destacar que, assim como o major Quaresma será considerado um visionário, o escritor Ricardo Piglia chamará Arlt de historiador do porvir. Trabalharemos sobre essa caracterização do crítico argentino, articulando a mesma com as afirmações da crítica Sylvia Saïtta, especialista na obra de Arlt, assim como responsável pela edição de grande obra do escritor.

Após tratar a questão econômica da matriz colonial do poder, trabalharemos com a dimensão epistêmica da colonialidade, com o objetivo de mostrar como a problemática foi tratada por Arlt, assim como por Lima Barreto. Ambos os autores trataram o assunto, seja criticando a apropriação da gramática e as regras do uso da linguagem pela elite do momento, quanto por ter analisado e pensado a força das palavras, sua capacidade de produzir e gerar ideias e sentimentos, e a consequências sociais que esses processos acabam produzindo. No caso do romance de Lima Barreto, o major Quaresma afirmará que a via para a emancipação política será a emancipação linguística; no caso do projeto do Astrólogo, será fundamental para atingir o objetivo da criação de *Acadêmias revolucionárias*.

Arlt tratará a questão da força do conhecimento, do poder das ideias de condicionar o comportamento humano, também nas águas-

fortes, e por isso deter-nos-emos particularmente numa, na qual abordará a problemática da força das ideias, contrapondo a questão com o livro *Nada de novo no Front*, de Erich Maria Remarque. Livro que leu entre a publicação da primeira parte do romance *Os sete loucos* e a segunda, *Os lança-chamas*. No quarto capítulo dessa dissertação, quando trabalhemos a questão da guerra, tentaremos mostrar a influência do romance do escritor alemão no romance do congênere argentino. Por enquanto, é preciso considerar a relevância que a propaganda, a questão da força das ideias, teve na primeira guerra mundial; a ligação entre propaganda e jornais, levando em consideração que Lima Barreto, bem como Arlt, sabiam do assunto.

Aliás, analisando as descrições que Arlt realizou nas águas-fortes, assim como algumas das expressões racistas expressadas nos seus romances, tomaremos os conceitos desenvolvidos pelo escritor, militante e psiquiatra argelino Frantz Fanon, em *Os condenados da terra*, com o objetivo de pensar se a narrativa do escritor portenho articula-se sobre o que Fanon descreve como discurso próprio dos intelectuais colonialistas; e se é possível inserir Lima Barreto na série dos intelectuais em processo de descolonização.

Para finalizar esse segundo capítulo, seguindo as teorias de Mignolo e as diferenças que o autor estabelece entre os projetos de liberação e os projetos emancipatórios, colocaremos em questão os projetos do Major Quaresma e do Astrólogo, para pensar, dentro da narrativa da modernidade, em qual posição deve ser colocado cada um. Para isso, além de nos apoiarmos na obra de Mignolo e Fanon, trabalharemos com *Discurso sobre o colonialismo*, de Aimé Cesáire.

Para continuar, no terceiro capítulo procuraremos mostrar a presença da ideia do progresso nos romances escolhidos para esse trabalho, quais são as vias alternativas a esse progresso e como é possível observar a busca da salvação nas personagens. Se conforme Quijano e Wallerstein, a apropriação dos recursos naturais e a comercialização de pessoas tornou possível o surgimento do relato moderno, procuraremos observar se é possível identificar essas problemáticas em *Triste fim...* e *Os sete loucos*, assim como as particularidades próprias da narrativa da modernidade descrita por Mignolo.

Mignolo coloca na genealogia do discurso moderno, da salvação, primeiro a conversão cristã; salvação que depois será substituída pela salvação através da constituição dos Estados-nação, e por último a salvação pela via da técnica. É por isso que nosso objetivo será analisar os dois romances em questão, procurando observar se é possível

identificar os traços do discurso do progresso, do discurso moderno, atravessando o romance, assim como procuraremos observar se é possível identificar se as personagens estão colocadas nas vias do progresso, na busca pela salvação, seja pela religião, seja pela via da república ou da técnica.

Considerando que, conforme o pensamento decolonial, na origem da modernidade está a colonização desse continente, isso quer dizer, o assassinato e a violência como vias da apropriação dos recursos materiais que fizeram possível o desenvolvimento europeu, fecharemos o terceiro capítulo colocando a questão da morte no início e no fim dos dois romances, para passar ao quarto capítulo, no qual analisaremos os dois romances, levando em consideração a problemática da guerra e a presença da mesma na obra dos dois autores latino-americanos.

Para isso, trabalharemos com a teoria da *mobilização total* desenvolvida pelo escritor e filósofo alemão Ernst Junger, que participou da primeira grande guerra europeia; assim como com os textos sobre a guerra escritos por Liev Tolstói, que participou da guerra da Crimeia, autor que foi referência tanto para Lima Barreto, quanto para Arlt. Junger caracterizará as particularidades próprias da primeira grande guerra europeia, a incorporação das armas químicas no combate, armas químicas que cumprirão um papel fundamental no projeto do Astrólogo. No caso da presença da guerra em *Triste fim...* tentaremos mostrar os vínculos, as críticas que compartilha o escritor carioca com o escritor russo.

Por último, estabeleceremos uma ligação entre a morte no início da modernidade e o triste fim de Policarpo Quaresma, estabelecendo um relacionamento entre os conceitos de Quijano sobre a condição do discurso moderno de deixar na escuridão a colonialidade, a violência sobre a qual se funda o relato do progresso, e o fuzilamento do major Quaresma, após dar visibilidade a isso numa segunda carta ao presidente, denunciando a violência vivida por aqueles que foram tomados prisioneiros.



## 1. LIMA BARRETO E ARLT SÃO ESCRITORES LATINO-AMERICANOS?

*“Imagina que medito grandes obras, uma reforma, a emancipação de um povo”.*

Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

*“¿Qué era mi obra...? ¿Existía o no pasaba de ser una ficción colonial, una de esas pobres realizaciones que la inmensa sandez del terruño endiosa a falta de algo mejor?”.*

Roberto Arlt, *Escritor fracasado*

*El colonialismo no se conforma simplemente con imponer su dominio sobre el presente y el futuro de un país dominado. El colonialismo no se satisface con mantener a un pueblo entre sus garras y vaciar el cerebro del nativo de toda forma y contenido. Por una suerte de lógica perversa, se vuelve al pasado del pueblo oprimido, lo distorsiona, lo desfigura y lo destruye.*

Frantz Fanon, *Los condenados de la tierra*.

Afonso Henriques de Lima Barreto e Roberto Arlt são reconhecidos como dois grandes cronistas de suas épocas. Se, conforme escreveu Jorge Luis Borges, “ter legado a um país a imagem de uma época não é pouca glória” (BORGES, 2011, p.198) – a qual foi desejada pelo escritor argentino –, podemos afirmar que essa glória Lima Barreto e Arlt a alcançaram. Aliás, consideramos que não só legaram a imagem de uma época do Brasil ou da Argentina; eles foram mais além, quanto à imagem de uma época numa região, à imagem de um tipo de relacionamento social que persiste até nossos dias. É por isso que, neste trabalho, temos como objetivo fazer uma leitura decolonial das obras desses autores, para, assim, podermos mostrar a presença do colonialismo, da colonialidade, em suas obras, conforme esses conceitos foram descritos por Aníbal Quijano, Immanuel Wallerstein e Walter

Mignolo. Mas, para tal, nesse primeiro capítulo, vamos nos questionar, seguindo a afirmação de Mignolo, de que a “América Latina” é uma ideia criada pela modernidade/colonialidade, se é possível colocar esses dois autores dentro do conjunto de “escritores latino-americanos”, ainda que em suas obras descrevam algumas situações semelhantes.

O colonialismo é um problema que foi considerado por Lima Barreto e Arlt. Sobre esse fato, o escritor carioca, na primeira folha de seu diário íntimo, afirmou que tinha como objetivo escrever a “História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade” (BARRETO, 1953, p.9). O mesmo não escreveu essa história, embora possamos afirmar que, nas histórias que escreveu, nos romances, nos contos, nas crônicas e nas críticas literárias que assinou, conseguiu mostrar a influência do colonialismo no Brasil e as suas consequências. No caso de Arlt, em seu romance *Os sete loucos*, traz a questão do imperialismo e os limites que os impérios delegam aos Estados, como um dos assuntos fundamentais do romance. Ainda em seu conto “Escritor fracassado”, Arlt inseriu a pergunta: “¿Qué era mi obra...? ¿Existía o no pasaba de ser una ficción colonial, una de esas pobres realizaciones que la inmensa sandez del terruño endiosa a falta de algo mejor?” (ARLT, 2006, p.56).

No entanto, antes de desenvolver o que entendemos por uma leitura decolonial, vamos começar por deixar claro o que entendemos por colonialismo, para depois diferenciar o colonialismo da colonialidade, à qual vamos nos referir, considerando as análises feitas por Quijano, Wallerstein e Mignolo. Por colonialismo, entendemos uma dominação direta, política, social e cultural, dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes, o que deu início à formação de uma ordem mundial, a qual Wallerstein definiu como sistema-mundo; à criação do capitalismo e à invenção da América, para posteriormente dar nascimento à América Latina. O colonialismo, como um sistema de dominação política, foi primeiramente derrotado nesse continente nos séculos XVIII e XIX, mas a estrutura colonial do poder que estabeleceu produziu as discriminações sociais que foram codificadas como “raciais”, “étnicas”, “antropológicas” ou “nacionais” (QUIJANO, Anibal, 1992), as quais persistem até nossos dias e – também – estão presentes tanto na obra de Lima Barreto quanto na de Arlt.

Logo, cabe destacar que até a chegada dos espanhóis e portugueses nessas terras, a “América” não existia – o nome foi dado no século XVI –, muito menos “América Latina”, denominação criada no século XIX. Porém, existia o território, havia povos que moravam nessas terras, os quais Lima Barreto trouxe à luz em *Triste Fim de*

*Policarpo Quaresma (1922)*, mas os nomes que davam a essa região eram outros: Tawantinsuyu, para a região andina, que era território inca; Anahuác, para o que hoje é o vale de México onde viviam os astecas; e Abya-Yala, para a região que hoje é o Panamá (MIGNOLO, Walter, 2007). “América cayó del cielo – literalmente hablando- que Américo Vespucio estaba observando cuando descubrió que las estrellas que veía desde el sur del Brasil de hoy en día no eran las mismas que solía ver desde el Mediterráneo” (MIGNOLO, 2007, p.28).

“América” não foi um continente descoberto. O relato do “descobrimento” pertence aos conquistadores, assim como a invenção da “América”, nos dizem Quijano e Wallerstein em *La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial* (1992). “América – como entidad geosocial – nació a lo largo del siglo XVI (...) fue el acto constitutivo del moderno sistema mundial. América no se incorporó en una ya existente economía-mundo capitalista. Una economía-mundo capitalista no hubiera tenido lugar sin América” (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992, p.583). Conforme esses autores, “a descoberta do Novo Mundo” deu nascimento à narrativa da modernidade e a americanidade é um elemento essencial para pensar a modernidade, porque deu lugar a uma leitura do progresso, a partir de uma divisão entre o “Novo Mundo” e o mundo de origem ou “a origem do mundo”. Desse modo, cria-se o progresso como destino desse “Novo Mundo”, para alcançar o patamar europeu. Com o passar dos séculos, o “Novo Mundo” teria se convertido no padrão do sistema mundial, a partir de quatro novidades que têm que ser pensadas em conjunto: colonialidade, etnicidade, racismo e o conceito de novidade mesmo.

Em relação à modernidade, concordam Quijano, Wallerstein e Mignolo, ela é uma narrativa europeia que tem uma face oculta e obscura: a colonialidade. Para ser mais preciso, afirmam os autores, a colonialidade é constitutiva da modernidade, não se pode pensar nela sem levar em consideração o colonialismo e a colonialidade, que é a sua matriz de poder. Deste modo, a modernidade, conforme os autores, se postulou como uma narrativa que foi considerada sinônimo de salvação e novidade. Desde o Renascimento até o Iluminismo, nos diz Mignolo em *La colonialidad: la cara oculta de la modernidad* (2009), a modernidade teve como nova insígnia a teologia cristã. Porém, a retórica da salvação por meio da conversão transformou-se em retórica da salvação através da missão civilizatória, a partir do século XVII, após a Inglaterra e a França suplantarem a Espanha como liderança imperial/colonial.

Assim, a lógica da colonialidade passou por etapas sucessivas, que foram apresentadas positivamente na retórica da modernidade, especificamente nos termos da salvação, do progresso, do desenvolvimento, da modernização e da democracia (MIGNOLO, Walter D; OLIVEIRA, 2017). Conforme desenvolve Mignolo, em artigo referido, na etapa inicial a salvação era focada na conversão ao cristianismo; na seguinte, através da missão civilizatória fora da Europa e da administração dos Estados-nações. Hoje estaríamos em uma terceira etapa, que começou após a segunda grande guerra europeia, quando as corporações e o mercado se tornaram dominantes. *Os sete loucos* prova que, ainda que Arlt não tenha vivido para ver o fim da segunda guerra, conseguiu ler que o mundo estava indo nessa direção.

É preciso voltar aos quatro elementos que formam as “novidades” que emergiram como consequência do “descobrimento” do “Novo Mundo”, porque os mesmos se encontram presentes nas obras literárias que analisaremos. Começamos pelo primeiro dos quatro, a colonialidade, que, conforme estabelecem Quijano e Wallerstein, trata-se da criação de um conjunto de Estados reunidos em um sistema hierárquico interestatal, que teve como consequência uma organização social, também hierarquizada, razão pela qual uma vez finalizada a dependência política dos impérios europeus, a colonialidade não acabou. A hierarquia da colonialidade se manifesta em todos os domínios: político, econômico e cultural. Quijano nos diz, em *Colonialidad y Modernidad/Racionalidad* (QUIJANO, 1992), que isso ocorre porque no colonialismo se observa um fenômeno de colonização do imaginário dos dominados, que acaba atuando na interioridade desse imaginário, assim como também aplica uma repressão sobre as crenças, ideias, imagens, símbolos e conhecimentos que não fossem úteis à dominação colonial.

Ao invocar esse assunto, podemos relembrar o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* e observarmos as tentativas do Major Quaresma de conservar cantos e histórias “tradicionais”, em sua viagem junto ao General Albernaz, até a casa da tia Maria Rita, “uma velha preta, que morava em Benfica, antiga lavadeira da família Albernaz”(LIMA BARRETO, 2004, p. 25); como também as consequências que teve a proposta do Major de fazer do tupi-guarani a língua nacional do Brasil, enquanto no país discutia-se a criação de uma identidade nacional, na plena efervescência política da Primeira República. O Major é tratado como louco, vai preso, acaba fuzilado. Quatro anos após a publicação do romance no *Jornal do Comércio*, em 52 folhetins, de 11 de agosto a 19 de outubro de 1911, mas no mesmo ano da primeira edição do livro, Lima Barreto publicou um artigo na revista *Careta*, n.360, de 15 de

maio de 1915, titulado “Muito justa!”, assinado por “Ingênuo”, no qual escreveu: “A lógica, a bem dizer, não reside nos cérebros normais. O que estes possuem é a lógica dos malucos que já passaram; e cada dia se faz uma nova lógica na lógica dos desequilibrados que fica como herança para gente vindoura de bom senso” (BARRETO; CORRÊA, 2016, p. 220).

O segundo elemento que os autores colocam é a etnicidade. Pois a colonialidade, em seu ordenamento hierarquizado, fez também emergir a etnicidade como um elemento constitutivo do moderno sistema mundial. A etnicidade, conforme Quijano e Wallerstein, é o conjunto de limites comunais que em parte são colocados pelos outros, mas que também nos impomos, como forma de definir nossa identidade e nosso status em relação ao Estado. Os grupos étnicos, dizem os autores, reivindicam sua história, mas todas as categorias de que se utilizam para dividir as populações de América e o mundo, como índios, negros, brancos, crioulos e mestiços, não existiam antes do moderno sistema mundial, mas formam parte do que foi conformar a americanidade, como parte da matriz cultural do sistema mundial inteiro. Não obstante, nenhuma dessas categorias, assinam os autores, está ancorada no genético, nem numa história cultural. A divisão social entre etnias e a hierarquização das mesmas é produto da colonialidade, como sistema de hierarquização social. “A etnicidade foi a consequência cultural inevitável da colonialidade”<sup>3</sup>, afirmam. E será sobre essa hierarquização que será feita a divisão social do trabalho.

Todavia, os autores também salientam que a etnicidade foi reforçada por um consciente e sistemático racismo, que sempre esteve implícito na etnicidade, e que as atitudes racistas foram parte e propriedade da americanidade e da modernidade desde seu início. Além do mais, o racismo nem sempre requer ser verbalizado, simplesmente consegue-se observá-lo na hierarquia étnica. Sobre esse fato, os autores salientam que a segregação racial também foi formalizada e lembram que os Estados Unidos de América, após a abolição da escravatura, foi o primeiro Estado no sistema moderno a aplicar a segregação formal.

Essa era uma das razões pelas quais Lima Barreto não gostava muito do país do norte, dos “yankees”, como chamava-os ele. Foram várias as oportunidades nas quais Lima Barreto utilizou sua pluma para atacar o país do norte, mas deter-nos-emos, por ora, em dois exemplos. Na revista *O Debate*, do Rio de Janeiro, ele publicou dois artigos

3 “La etnicidad fue la consecuencia cultural inevitable de la colonialidad”. p.585. Tradução livre.

intitulados “Coisas Americanas I” e “Coisas Americanas II”, o primeiro no dia 6 de outubro de 1917, e o segundo no dia 27 do mesmo mês. Nos dois artigos o autor mostrou o racismo, em tempos que o Brasil andava “de derriço pelos Estados Unidos”, após a chegada de navios desse país (BARRETO, 1956, p.195).

Na primeira parte desse texto, Lima Barreto, fazendo uso de sua aguda ironia, se refere ao Almirante Caperton, o mesmo que estava a cargo das embarcações, como um “especialista em intervenções na vida íntima das fracas repúblicas de origem ibérica”, e acrescenta: “é de crer que Sua excelência esteja se aborrecendo de contemplar as belezas da Guanabara e com gana de fazer qualquer coisa bem americana”. Posteriormente, Lima Barreto se serve de uma matéria publicada no jornal francês *O Fígaro*, “jornal parisiense bem conhecido em todo mundo, a 9 de dezembro de 1909, na secção que se ocupava dos outros jornais, transcrevia a seguinte notícia do *Petit Journal*”, que dizia que o primo do antigo chanceler do Império Alemão, estabelecido nos Estados Unidos, suicidara-se após ser conhecido o segredo de que havia se casado com uma mulher que tinha “traços de sangue negro nas veias”.

E, conforme estabelecia a lei nos Estados Unidos, um branco era proibido de casar-se com qualquer mulher que tenha “sangue negro nas veias”. “Depois do conhecimento desta e de outras, certamente não faltaria nenhum brasileiro, inclusive o Senhor Nilo Peçanha, para vitoriar os marinheiros dos Estados Unidos, quando pisarem brutalmente na avenida, em qualquer próximo carnaval internacional” (BARRETO, 1956, p.195).

Em “Coisas Americanas II”, o escritor dá conta de outro tipo de segregação formal, a qual estabelecia a hierarquização racial no transporte público.

É de bom alvitre continuar a informar os leitores das belezas, das liberdades, da transcendente generosidade, de tudo superior, enfim, que caracteriza a civilização americana”.

Estas informações que vamos dando aos poucos não são sem propósito: elas visam aumentar ainda mais a admiração carinhosa do nosso povo pelos “buques” do Almirante Caperton e preparar um mais esfuziante entusiasmo quando, mais uma vez, os seus marinheiros desembarcarem na Avenida Central.

(...)

Jules Huret, que ficou célebre na imprensa francesa, como jornalista itinerante, na página 382, do volume I da viagem aos Estados Unidos (*De New York à la Nouvelle-Orléans*), conta o seguinte fato que aqui vai narrado com as suas próprias palavras:

‘Desde a saída da *gare*, de bonde, eis-me em plena vida do sul: na retaguarda do elétrico, há dois compartimentos pequenos, com quatro lugares, separados do resto do veículo por uma tela de arame onde está escrito:

‘Colored patrons only’ - para passageiros negros, unicamente”.

(...)

É preciso lembrar, para provocar o amor dos brasileiros, de todos eles, pela grande república dos dois oceanos, que a teoria *yankee* a respeito é a mais simples possível; e pode ser resumida naquela frase nossa e muito comum nos bate-bôlas jornalísticos e de estalagem: quem escapou do branco, negro é. (BARRETO, 1956, p.197-198)

Mas, como afirmam Quijano e Wallerstein, o racismo não se expressa só na segregação formal, e isso mesmo mostra Lima Barreto, em uma cena semelhante à do bonde, que o autor descreveu em seu diário íntimo, em 1904, mas sem ter especificado a data. “Hoje, observei uma moça que parecia amigada com um português; viajavam em bondes separados” (LIMA BARRETO, 1953, p.28). Uma e outra vez estará presente a questão racial em Lima Barreto, não apenas para mostrar o posicionamento social no qual são colocados os negros na divisão social do trabalho, mas igualmente, como no caso do bonde, as consequências do racismo nos relacionamentos amorosos. O bonde, como espaço de encontro do diverso, dava-lhe material para analisar e descrever seu tempo. Em seu diário insere uma outra cena no bonde, na qual também encontra-se presente a problemática do racismo, embora dessa vez o protagonista seja ele mesmo.

Dia de ano-bom de 1905, Lima Barreto resolveu sair porque a casa aborrecia-lhe, pela casa em si e pela “tristonha moléstia” do pai. Pegou o trem, viu três soldados forçando os vendedores ambulantes a lhes darem seus produtos gratuitamente. No banco em frente a ele iam “dois burgueses, dêsses respeitáveis, passados dos 50 e ainda em lauta paz conjugal”. Subiram dois “rapazes e uma rapariga”. Ela sentou-se ao

lado de Lima Barreto, estendeu a mão, ele mirou-lhe a mão “com amor e firmeza”. Ela escondeu-a. Continuaram durante um tempo esse galanteio, durante o qual ele descobriu que ela era italiana. Ele preparou-se para avançar, “mas aí chegando o cioso irmão, percebendo, levou-a para longe. A minha covardia não permitiu que a seguisse, nem que a esperasse, de volta. Com isso, eu adquiri uma certeza; embora mulato, os meus olhares podem interessar às damas e desconfiar os irmãos delas” (BARRETO, 1953, p.33).

A quarta contribuição da americanidade foi a deificação da “novidade”.

El Nuevo Mundo era nuevo, esto es, no viejo, no atado a la tradición feudal del pasado, al privilegio, a las maneras anticuadas de hacer las cosas. Cualquier cosa que fuera “nueva” y más “moderna” era mejor.

(...)

Fueron las independencias de América las que representaron la realización política de esta novedad que se reputaba de mejor. A partir de ahí, a medida que Norte América se separaba de Latinoamérica, su ventaja fue adscrita por mucha gente al hecho de que encarnaba mejor lo ‘nuevo’, de que era más ‘moderna’. La modernidad se convirtió en la justificación del éxito económico; pero también en su prueba. Se trataba de un argumento circular perfecto que desviaba la atención del desarrollo del subdesarrollo. El concepto de la ‘novedad’ fue así la cuarta y quizá la más eficaz contribución de la modernidad al desarrollo y la estabilización de la economía-mundo capitalista. (QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, 1992, p.586)

Dessa forma, afirmam os autores, a americanidade se erigiu como um “gigantesco escudo ideológico” do modelo do sistema mundial. Mas a própria americanidade gerou sua contradição, sendo que esse sistema persistiu durante séculos nesse continente, expondo-se à mirada crítica. Os autores salientam – ainda – que não foi casualidade que os movimentos políticos antirracistas tenham recebido seu primeiro grande impulso na América do Norte. Porém, não nos deteremos na história da separação das Américas no período colonial, pois consideramos que excederia o objetivo dessa dissertação, mas destacaremos que a partir da



articulação que se deu entre América do Norte, mais precisamente os Estados Unidos e a América do Sul ou América Latina, desde o século XIX, se manteve uma hierarquização nesse relacionamento, numa estrutura de poder na qual a hegemonia ficou nas mãos do país do norte. Salientamos este aspecto porque os Estados Unidos foram um alvo permanente das críticas de Lima Barreto, como também de Arlt.

Aqui podemos levar em consideração outro artigo do autor carioca, titulado “Academia comercial”, publicado em *Fon-Fon*, n.4, de 4 de maio de 1907, com ilustrações de Calixto Cordeiro, assinado com o pseudônimo “Amil”, inédito em livro até a recente publicação de *Sátiras e outras subversões* (2016). Esse texto é uma sátira dos estabelecimentos criados com o objetivo de oferecer instrução comercial. O instituto que Lima Barreto imaginou mostra a divisão social do trabalho por etnias, tal como descreveram Quijano e Mignolo. As aulas de venda ambulante de fósforos ficariam a cargo de “um velho turco”, possuidor de uma “voz roufenha e lenta”. As aulas de jornalismo admitiriam um número restrito de alunos, “portadores de atestado valioso de que sabem tomar o bonde andando”. Conforme a conversa de Amil com os “homens de boa vontade” que resolveram fundar esse estabelecimento, o intuito deles é “banir do seu ensino todo o pedantismo, todo o luxo teórico; fazê-lo prático, moderno, à americana” (BARRETO; CORRÊA, 2016, p.89).

As ilustrações de Calixto que acompanham o texto são quatro. Na primeira, o turco, de calças curtas, rendadas nas extremidades, dirige um coro de crianças magras, descalças e de cabeças raspadas. Na segunda ilustração, há um homem também descalço, de boca aberta, vendendo a revista *Fon-Fon*. Atrás dele, um homem negro carrega uma bandeja com produtos. Na terceira, um homem gordo, sentado na mesa de um bar, aguarda ser atendido por um homem negro que encontra-se bocejando. Na quarta e última ilustração, uma mulher de vestido elegante, chapéu e guarda sol, observa a tela que lhe oferece um homem de bigode, terno e colete.

Esse artigo mostra com clareza como o colonialismo, a colonialidade, instituíram uma hierarquização que se expressa em todos os níveis da vida humana, nas suas produções, e que essa hierarquização vai gerar tensões, não só nos relacionamentos entre os Estados, mas entre as pessoas, tanto quanto nas subjetividades, fenômeno esse ao qual Mignolo denominará “dupla consciência”, e o explicará como uma consequência da “ferida colonial”.

A questão da raça, nos diz Mignolo, não se trata de uma questão da cor da pele, vai além da pele, não tem a ver com a pureza do sangue,

mas sim com a categorização dos indivíduos conforme um ideal de humanidade pressuposto. Essa hierarquização social gera o que Mignolo denomina “ferida colonial”, o sentimento de inferioridade imposto aos seres humanos que não conseguem se encaixar no modelo predeterminado pelos relatos euro-americanos (MIGNOLO, 2007, p.17). O racismo não se trata tanto de uma diferenciação do outro por uma questão genética ou fenotípica, quanto pela consideração do outro como um ser inferior. Essa característica do colonialismo, um de seus quatro elementos, como mencionamos, é fundamental na organização social do colonialismo, que depois se instituirá como colonialidade e será um dos elementos negados da colonialidade. Mignolo dirá que a colonialidade é a vergonha da família, todos sabem de sua existência, mas preferem não falar sobre o assunto (*idem*. p. 107).

Antes de passar ao tipo de pensamento que surgiu em contrapartida à colonialidade, no diálogo crítico com a narrativa moderna, queremos marcar que assim como Lima Barreto e Arlt consideraram o colonialismo e refletiram sobre o assunto em suas produções literárias, o posicionamento desses autores sobre tal assunto não é semelhante, uma vez que, enquanto Lima Barreto escreve desde a ferida colonial, sabe desde criança sobre a hierarquização social da colonialidade e as consequências sociais da mesma, Roberto Arlt desconhece o padecimento subjetivo por questões raciais, sendo um branco filho de imigrantes europeus, nascido numa capital que vangloria-se de suas semelhanças com as cidades da Europa. Enquanto Lima Barreto lê a hierarquização social levando em consideração a questão racial, a leitura de Roberto Arlt é uma leitura de classe e uma leitura que lê o problema das classes desde uma perspectiva que poderíamos chamar colonialista. Quando a colonialidade do poder se expressa em Arlt, o autor repete e amplifica a lógica dessa colonialidade.

Inserimos dois exemplos para mostrar tais dissemelhanças. O primeiro, quando Francisco Assis Barbosa recupera, na biografia de Lima Barreto, uma história contada pelo escritor Nicolao Ciancio, de quem foi companheiro de quarto na Politécnica o escritor carioca. Conta Ciancio que um outro colega de turma de Lima Barreto, ao saber do ensaio que faria a Companhia Lírica Italiana no Rio de Janeiro, convidou seus colegas a pularem do muro do teatro, para ouvir a ópera *Aida*. Lima Barreto não foi. Quando Ciancio voltou para o quarto e perguntou para seu companheiro por que não tinha ido, o autor de *Clara dos Anjos* respondeu:

– Para não ser preso como ladrão de galinha!

- ?!
- Sim, preto que salta muros de noite só pode ser ladrão de galinhas!
- E nós, não saltamos?
- Ah! Vocês, brancos, eram ‘rapazes da Politécnica’. Eram ‘acadêmicos’. Fizeram uma ‘estudentada’ ... Mas, eu? Pobre de mim. Um pretinho. Era seguro logo pela polícia. “Seria o único a ir preso. (BARBOSA, 1964, p.88)

No caso de Roberto Arlt, podemos observar que quando a hierarquização social ligada ao racismo se expressa em sua escrita, em repetidas oportunidades o autor argentino se coloca não tanto do lado das vítimas do racismo quanto do lado dos conquistadores ou, melhor dizendo, se presta a repetir a colonialidade do poder. Há diversas amostras disso em suas *Aguas-fortes portenhas*, detenhamo-nos em uma, compilada no livro *Águas-fortes portenhas: cultura y política*, intitulada “En el santo nombre de la democracia”, que tem também muitas semelhanças com a temática das críticas dos dois autores, já que tanto Arlt como Lima Barreto criticarão, em diversas oportunidades, o sistema político local, as contradições entre a República como ela é e como deveria ser, conforme a teoria política moderna, assim como criticarão os políticos, associando-os sempre com o crime.

Mas na água-forte referida, aparece em Arlt uma crítica à democracia, ao sistema republicano, com um claro timbre racista, entendendo o racismo como a expressão de uma hierarquização na qual algumas pessoas seriam superiores às outras. No artigo publicado no jornal *El mundo* em 10 de janeiro de 1929, Arlt diz que nosso século admirará os “futuros historiadores por esa enorme y voraz caterva de pilletes que ha originado la Democracia; la Democracia que llena la boca de todos los oradores de plazoleta”(ARLT; SAÍTTA, 1994, p.126), afirmação com a qual bem poderia estar de acordo Lima Barreto, para pouco depois escrever, sob o subtítulo “Los resultados de la Democracia”:

A mí me encanta particularmente oír hablar de Democracia a uno de esos mulatos con cuello palomita, chaleco de fantasía y zapatos con capellada de color. Y me encanta porque asisto a un espectáculo: el del triunfo de la más grosera pillería sobre el sentido común. Yo miro a este hombre y me pregunto.

- ¿A cuántos habrá traicionado; a cuántos engañó; cuántas veces se vendió por un plato de lentejas y otras gratuitamente?(ARLT; SAÍTTA,1994, p.127)

Nesse trecho do texto, podemos observar a repetição de uma lógica que encontra-se presente nesse continente desde a conquista em 1492. As apreciações de Arlt concordam com o terceiro tipo de bárbaro que descreveu Fray Bartolomé de las Casas, em *Historia de las Indias*: “son muy alejados de razón, no viviendo ni pudiendo vivir segun las reglas de ella, ó por falta de su entendimiento, ó por sobra de su malicia y costumbres” (FABIÉ, 1879, p.248). Sendo assim, Arlt mostra que não quer negros ocupando cargos no governo, já que associa o mulato/negro com a criminalidade; e não pode deixar de pensar que esse tipo de pessoas não são de confiança, pois são pessoas que não têm respeito pelos mínimos valores morais, pessoas dispostas a entregar a qualquer um por um prato de arroz com feijão, ou mesmo de graça.

Arlt explica, nesse texto, que a razão pela qual a democracia fracassa na Argentina, ainda que possamos considerar que refere-se também à América Latina, é porque não há em nossos países movimentos industriais efetivos, deixando clara a ligação que está implícita na relação que faz entre progresso e democracia; entre um avanço tecnológico e a qualidade do sistema democrático. E, para provar seu argumento, trará como exemplo os Estados Unidos, onde as plataformas eleitorais representariam os problemas reais da população. Vale lembrar que Arlt escrevia esses textos desde um jornal, pelo que podemos supor que tinha acesso a muita informação, tanto nacional, como internacional, e que no ano 1929 ainda nos Estados Unidos a população negra não tinha o direito de votar, direito que será reconhecido na totalidade dos Estados que compõe o país em 1965. No mesmo ano em que o escritor argentino afirmava que os partidos políticos do país do norte representavam os problemas que interessavam “a toda la población”, nascia Martin Luther King.

Nos Estados Unidos, conforme escreve Arlt nessa água-forte, o sistema político funcionaria tanto porque não chegam a ocupar cargos nos governos homens preguiçosos, quanto porque os que chegam sabem o que é o melhor para a população e as melhores formas de administrar o Estado, porque são pessoas com sólidos conhecimentos técnicos e que, felizmente, não tem “psicologia latina”. “Y los candidatos de ‘psicología latina’ como el señor Alfredo Smith, aspirante que era a la presidencia de los Estados Unidos, se van al tacho. Por tener psicología latina ¡precisamente por eso! ...” (ARLT; SAÍTTA, 1994, p.129).

## 1.1. O pensamento decolonial

Assim como o colonialismo expressava-se em diferentes âmbitos do social, a colonialidade do poder também se expressa num controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade, assim como da subjetividade e do conhecimento. Junto com a colonialidade, nasceu o pensamento decolonial, em diálogo conflitivo com a teoria política europeia. O pensamento decolonial, dirá Mignolo, é um pensamento que se coloca na fronteira, que critica a modernidade desde a modernidade, porém procurando levar as fronteiras do pensamento além da modernidade, colocando em questão a uni-versalidade do saber ocidental. Uma vez que o colonialismo precisou do silenciamento do saber e das memórias dos povos originários, o pensamento decolonial é aquele que buscará na memória colonial, nas línguas locais, que não são só as seis línguas imperiais (espanhol, português, francês, inglês, italiano e alemão), um saber que possibilite outros pensamentos ou um pensamento outro.

“El paradigma decolonial lucha por fomentar la divulgación de otra interpretación que pone sobre el tapete una visión silenciada de los acontecimientos y también muestra los límites de una ideología imperial que se presenta como verdadera y única interpretación de los hechos” (MIGNOLO, 2007, p.57). E é desse silenciamento que nasce o pensamento decolonial, ou fronteiriço, como consequência do diferencial de poder existente no contexto moderno/colonial, e essa diferença de poder vai constituir o que o autor denomina *diferença colonial*. A ideia de *diferença colonial* não pode ser pensada sem levar em consideração a produção teórica de Aníbal Quijano, que trabalhou na CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e o Caribe) entre 1966 e 1971, instituição na qual começou utilizar-se, a partir do pensamento econômico, a ideia e o conceito de “centro-periferia”, criada por Raúl Prebisch, pensando na questão de se é possível o “progresso” das nossas economias ao nível das centrais.

Apenas para inserir o contexto no qual surgiu o conceito de “colonialidade” em Quijano, como a face oculta do colonialismo, é preciso lembrar o papel relevante que teve a CEPAL no pensamento teórico latino-americano e também no surgimento do pensamento decolonial. Prebisch, que foi secretário executivo da CEPAL entre 1950 e 1963, foi um economista argentino, que representava os interesses dos

agroexportadores desde 1930 e um dos principais opositores ao governo desenvolvimentista que surgiu nesse país a partir da chegada de Juan Domingo Perón ao governo, governo que teve, entre os seus objetivos, como todo governo desenvolvimentista, conseguir o progresso social a partir do progresso tecnológico e a criação e fortalecimento de indústrias, políticas que estão em consonância com o relato moderno. Mas não só nesse governo, como em todos os governos latino-americanos que tentaram seu desenvolvimento industrial, esbarrou-se com a dificuldade de não contar com as divisas, os dólares, que precisavam para sustentar no tempo a expansão econômica, o que os economistas chamam de “restrição externa”, pelo que surgirá, dentro do debate econômico, para depois se expandir a outras áreas, o problema da dependência e do desenvolvimento (BIELSCHOWSKY; 2000).

É possível o desenvolvimento, o progresso proposto pelo relato da modernidade, nos países da América Latina que dependem da tecnologia dos países centrais para desenvolver sua indústria e assim alcançar o patamar “moderno”? É dentro desse debate que Prebisch criará o conceito de “centro-periferia” e, desde a “periferia latino-americana”, formulará a questão da dependência e do limite que essa dependência econômica impõe ao desenvolvimento social e político dos países desse continente. É preciso levar em consideração que todos os governos populares que defenderam um modelo de Estado desenvolvimentista, progressista, no momento de sua queda, seja por golpe de Estado ou como consequência de um processo eleitoral, encontravam-se com problemas de falta de divisas, com a impossibilidade de continuar avançando por depender da moeda de outro país.

Dessa maneira Quijano, assim como Wallerstein, postulam que não é possível pensar o desenvolvimento europeu, os privilégios do centro, sem levar em consideração a colonização desse continente, com a correspondente apropriação dos recursos naturais, dos conhecimentos tecnológicos na exploração dos metais que possuíam os povos originários, que tornaram possível o desenvolvimento europeu. Contudo isso não só possibilitou o surgimento do capitalismo, quanto acabou por fazer com que os europeus ocidentais se vissem como a culminância de um percurso civilizatório, que teria partido de um estado de natureza, de um estado “primitivo”, no qual se encontrariam civilizações como os incas ou os astecas, o que acabou por lhes fazer ver-se como os *modernos* da humanidade, o *novo*, o mais *adiantado*.

Conforme Mignolo, a partir de uma perspectiva decolonial, é preciso analisar a história levando em consideração que acontecem fatos

simultaneamente nas metrópoles e nas colônias, e não seguindo uma linha temporal que começa nas metrópoles e chega até as colônias. Levando em consideração a primeira perspectiva, seria possível observar os vínculos histórico-estruturais heterogêneos, entre as duas faces de cada acontecimento, entre as duas faces da modernidade/colonialidade. É a partir da conquista de América que se possibilita o desenvolvimento econômico, industrial, social de Europa. É a partir da conquista dos povos desse continente que vai surgir a ideia de modernidade, após os colonizados terem sido inseridos na categoria de primitivos, ficando os colonialistas na posição de adiantados, os que já progrediram.

Evidente que essa perspectiva gerou resistência. Quijano afirma, em *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina* (2001), que essa resistência não surgiu até fins do século XIX, mas Mignolo vai destacar dois livros fundamentais anteriores, os quais insere na genealogia do pensamento decolonial, esse pensamento que na fronteira da modernidade dialoga com seus pressupostos, os reconhece, mas também os critica.

Desse diálogo nasceu o que Mignolo chama pensamento “fronteiriço”, e escolhe esse termo pois considera que seria redundante chamá-lo de “crítico”, após ter lido *Corónica del Nuevo Mundo y Buen gobierno*, de Guaman Poma de Ayala, aborígene de Tawantisuyu. Mignolo aponta esse livro como uma das primeiras manifestações do pensamento decolonial, do giro decolonial, dirá ele, para descrever essa virada de um pensamento, o moderno, a um outro modo de pensar. Junto ao livro de Poma de Ayala, Mignolo põe em perspectiva a obra de Otabbah Cugoano, um escravo liberto, que publicou em Londres, em 1787, *Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery*, dez anos após a publicação de *The Wealth of Nations*, de Adam Smith. Ambos os autores eram cristãos, mas Mignolo diz que Guaman Poma foi um aborígene cristão, não cristão por ter adotado o cristianismo, senão por ter encontrado no cristianismo uma mesma cosmovisão do bom viver, do tipo de relacionamento que estabeleciam os povos originários. De todo modo, Guaman Poma inaugura, conforme Mignolo, a prática da “crítica dupla”, sendo que critica tanto os espanhóis quanto os incas.

Guaman Poma dedicou seu livro, de 1616, ao Rei Felipe III, e ali ocupou-se em contar e mostrar – já que o autor também fez ilustrações – as contradições entre as palavras da Bíblia e as condutas dos representantes da Igreja nas colônias, denunciando a violência com a qual os padres tratavam índios e negros. Basicamente, o que Guaman Poma fez foi contrastar os dez mandamentos com o comportamento dos

padres na colônia. Narra e mostra que roubam, matam, cometem adultério, desejam as mulheres dos outros, dão falso testemunho. Mas a “corónica del nuevo mundo” também é uma proposta de governo, de um novo tipo de governo nessas terras, que surgiria de uma mistura entre as formas originárias e o cristianismo, e é por isso que Guaman Poma não só descreve a violência dos representantes da Igreja, mas também critica os incas, com o objetivo de mostrar a viabilidade desse novo tipo de governo que propõe. Adentrar numa análise sobre essa proposta, fazer uma análise das críticas de Guaman Poma ao governo espanhol, vai além do objetivo do trabalho. Trazemos essa questão porque, enquanto representante do pensamento decolonial, Guaman Poma não só dirá o que não é ouvido, mostrará o que é ocultado, mas porque reconhecerá que um outro saber, além do imperial, existe.

Cugoano também sustenta suas críticas marcando as contradições sobre a base do cristianismo, mas o século que passou entre um livro e outro fez com que o autor, escravo liberto, também dirigisse o foco de suas críticas para as contradições entre o discurso liberal e a escravidão. O autor denuncia a escravidão e, como Guaman Poma, descreve as formas de organização social dos originários, para dar conta de que os povos da África também sabiam como se organizar. Cugoano mostra as semelhanças entre os “Africanos” – termo utilizado pelo autor – e os homens brancos, numa tentativa de visibilizar aquilo que era negado, a humanidade dos escravos, a igualdade entre um homem branco e um homem negro. O autor reconhece que nem todos os homens brancos da Inglaterra defendem a escravidão, e clama àqueles que reivindicam o nome de Cristo para fazer alguma coisa a fim de acabar com esse violento sistema. Um fato a considerar, é o diálogo que estabelece Cugoano com autores como Locke ou Hobbes que, muito embora não fossem a favor da escravidão, não dão indicativos de que considerassem os negros como iguais.

Outro fato que vale ressaltar em relação aos dois autores, posto que também serve para dar conta da “ferida colonial”, é que suas preocupações vão além da etnia à qual pertencem.

Cómo los dichos padres y curas de las doctrinas tienen en su compañía a los dichos sus hermanos, y a sus hijos o parientes, o algún español, o mestizo o mulato, o tienen esclavos o esclavas, o muchos indios yanaconas o chinaconas, cocineras de que hacen daño, y con todo este dicho receren



muchos daños y robamientos de los pobres indios de estos reinos (DE AYALA, 1956, p. 10).

Como muitos cavalheiros instruídos e de habilidades distintas, eminentes por sua grande humanidade, liberalidade e franqueza, escreveram vários ensaios contra o tráfico infame do comércio de escravos africanos, exercido também pelos lavradores e mercadores das índias ocidentais, para a grande vergonha e desgraça de todas as nações cristãs onde quer que isto seja admitido, em quaisquer de seus territórios, ou em qualquer lugar ou situação; não seria inoportuno se eu devesse reconhecer esses verdadeiros e valiosos cavalheiros com o mais alto senso de gratidão, por seus caridosos e louváveis esforços para a total supressão desse iníquo e infame tráfico que rouba, sequestra, compra vende e cruelmente escraviza o homem (CUGOANO; WINTER, 2012, p.261).

Conforme Mignolo, o fato dessas obras terem aberto as portas ao “pensamento outro”, pensamento que “abre a ranhura do impensável na genealogia imperial da modernidade”, (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007) é o que as coloca na genealogia do pensamento decolonial. Conforme o autor, Guaman Poma adentra essa genealogia por ter aberto as portas a partir de sua experiência e memória de Tawantisuyu, e Cugoano por tê-lo feito a partir de sua memória e experiência da brutal escravidão; portas que só conseguiram abrir por haverem escrito desde a “ferida colonial”, desde aquele corpo que sabe o que é a hierarquização social, que sabe da força do silenciado, da insistência do que não foi dito. É desde essa ferida que o pensamento decolonial vai procurar nas línguas, nas memórias indígenas, nas experiências da escravatura, histórias silenciadas as quais confrontar com o discurso da modernidade, não só para colocar em questão a ideia de uma única verdade, da verdade uni-versal, quanto para gerar um outro pensamento, porque “no es com la modernidad que se superará la colonialidad, pues es precisamente la modernidad la que necesita y produce la colonialidad” (MIGNOLO, 2007, p.37). Esse outro pensamento, o decolonial, procura acabar com a colonização pelo imaginário europeu, mas sem que isso signifique acabar com tudo o que a Europa tem contribuído conceitualmente, e sim colocar em questão,

em tensão, aquilo que é aceito simplesmente por ser “estrangeiro” ou, melhor dizendo, não ser local.

Mignolo se pergunta como interpretar a metáfora que o próprio autor compartilha, de que Guaman Poma e Cugano “abriram as portas ao pensamento outro”, e responde “como desprendimento e abertura”. Mas,

Já não se trata das portas que conduzem à “verdade” (*aletheia*), quanto a outros lugares: aos lugares da memória colonial; das marcas da ferida colonial desde onde se tece o pensamento decolonial. Portas que conduzem a outro tipo de verdades cujo fundamento não é o *Ser* senão a *colonialidade do Ser*, a ferida colonial. (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007, p.29)<sup>4</sup>

Dessa maneira, uma vez que o pensamento decolonial é um pensamento que procura colocar em questão a verdade europeia como dada, que procura na memória colonial as histórias silenciadas, que considera que não há como aceitar a cosmovisão dos povos da Europa como uma cosmovisão universal e que leva em consideração o colonialismo, a colonialidade, como base e sustentação do regime social atual, não seria oportuno inserir também Lima Barreto na genealogia do pensamento decolonial? Se, conforme Mignolo, o pensamento fronteiriço é aquele que vem, desde a modernidade, em diálogo com sua narrativa, criticando e questionando o instituído dos valores do progresso, propondo e resgatando a possibilidade de um outro pensamento, um outro saber nas outras línguas que não as seis línguas imperiais, não teríamos que nos perguntar se não é isso mesmo o que faz o Major Quaresma? Porque enquanto no Brasil o pensamento europeu era hegemônico, principalmente o ideário francês, e encontrava-se em debate a necessidade de criar uma identidade nacional, o autor carioca criou uma personagem, em seu romance *Triste Fim de Policarpo*

4 “Ya no se trata de las puertas que conducen a la ‘verdad’ (*aletheia*), sino a otros lugares: a los lugares de la memoria colonial; a las huellas de la herida colonial desde donde se teje el pensamiento decolonial. Puertas que conducen a otro tipo de verdades cuyo fundamento no es el *Ser* sino la *colonialidad del Ser*, la herida colonial”. Tradução livre.

*Quaresma*, que denuncia o ocultamento de uma cultura, de um saber, e não só valorizará a língua tupi-guarani, propondo o reconhecimento dessa língua como oficial, quanto destacar a relação entre a língua e o império.

Lembremos o que escreveu o Major em seu requerimento à Câmara, que “o burburinho e a desordem que caracterizam o recolhimento indispensável ao elevado trabalho de legislar não permitiram que os deputados ouvissem; os jornalistas, porém, que estavam próximos à mesa, ao ouvi-lo, prorromperam em gargalhadas” (BARRETO, 2004, p.49).

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que *alíngua portuguesa é emprestada* ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência *de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua*; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, *deixando de parte os argumentos históricos* que militam em favor da idéia, pede *vênia lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo*, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, *a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática*.

Demais, Srs. Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que

tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem o progresso de nossa cultura literária, científica e filosófica.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômulo de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade.

P. e E. deferimento. (BARRETO, 1997, p.59-60, grifos nossos)

Temos nesse requerimento o que seria próprio do pensamento decolonial. O Major Quaresma solicita recuperar-se uma língua silenciada. Destaca que a língua é a “mais alta manifestação da inteligência de um povo”, reconhece inteligência nesse povo ignorado, silenciado, tratado como bruto desde o século XV. Afirma que a língua com a qual escreve, a fronteira desde a qual se expressa, é uma língua emprestada, uma fronteira imposta, e que os proprietários dessa língua estabelecem limites a aqueles que a utilizam, que “se vêm na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas”. Lima Barreto sabia disso desde criança. Assis Barbosa conta em *A vida de Lima Barreto* que, no momento em que se matriculou no primeiro ano do Curso Geral na Escola Politécnica, “ao tomar conhecimento do nome bonito do nôvo colega – Afonso Henriques de Lima Barreto –, um veterano mal-humorado fizera para o secretário da Escola, Sousa Ferreira, o seguinte comentário: Vejam só! Um mulato ter a audácia de usar o nome do rei de Portugal!” ( BARBOSA, 1964, p.85).

Uma vez que tanto Assis Barbosa quanto Lilia Moritz Schwartz, autora da última biografia sobre o autor carioca, *Lima Barreto. Triste visionário*, assim como Nicolau Sevcenko, entre outros críticos, coincidem em marcar as semelhanças entre os (2017) acontecimentos da vida de Lima Barreto, ao que acontece com seus personagens, é difícil não relacionar esse evento da escola Politécnica com o que aconteceu ao Major Quaresma na Secretaria de Guerra, onde trabalhava. Após seus colegas terem notícias de que o Major dedicava-se ao estudo do tupi-guarani, passaram a chamá-lo “Ubirajara”. “Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse em tom chocarreiro: “Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?”. Mas, sabemos o que o Major Quaresma respondeu “Sr. Azevedo, não seja liviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que

trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria”. (BARRETO, 2004, p.16)

O Major, em seu requerimento, afirma deixar à parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia. Há que se pensar que Lima Barreto nasceu em tempos de escravidão, e foi levado por seu pai no 13 de maio para presenciar o anúncio da Princesa Isabel sobre o fim do regime escravista no Brasil, com o qual, durante toda a sua vida, o autor conviveu, manteve relacionamentos com pessoas que tinham se beneficiado direta ou indiretamente desse sistema de exploração, que possivelmente tiveram escravos em suas casas, razão pela qual se poderia pensar a opção de deixar de lado os argumentos da história como uma tentativa, por parte do autor, de não bater ainda mais de frente e lembrar que, conforme suas palavras, sua tática era a sátira, preferia que as coisas caíssem pelo ridículo. “A troça é a maior arma de que nós podemos dispor e sempre que pudermos empregar é bom e é útil. Nada de violências, nem barbaridades. Troça e simplesmente troça, para que tudo caia pelo ridículo. O ridículo mata e mata sem sangue” (BARRETO; CORRÊA, 2016, p.13).

Mas esses argumentos da história também foram deixados de lado, em algumas oportunidades, pela crítica, no momento de analisar a obra de Lima Barreto considerando suas críticas sociais, suas críticas aos críticos de sua época, principalmente como consequência de sua história individual. Claro que não é possível negar que o fato de ser neto de escravos tem a ver com seu interesse em escrever a história da escravidão no Brasil, mas não é nosso interesse tentar entender ou ler a produção do autor como uma projeção de sua história individual, mas sim procurar observar em sua produção literária as marcas da história na qual viveu, se desenvolveu e construiu sua arte.

Seguindo nossa afirmação de inserir Lima Barreto na genealogia do pensamento decolonial, encontramos mais uma semelhança com o que escreve Cugoano, o reconhecimento de um saber não ocidental. Voltemos para seu livro, traduzido ao português como *Pensamentos e sentimentos sobre os males da escravidão*, já que, assim como o Major Quaresma reconhece sabedoria, inteligência e conhecimento no tupi-guarani, ante os “seletos” representantes do Congresso, Cugoano, ao se dirigir aos liberais ingleses, também dá provas e exige o reconhecimento do saber dos povos africanos, assim como de seu tipo de organização social.

Nesse manifesto do homem que foi escravizado e liberto, o autor questiona a ideia, estabelecida na Europa, de que o conhecimento, os valores morais, as formas certas de governo, o respeito dos súditos ao

governante sejam uma característica própria e exclusiva dos homens brancos, que a origem de todo o saber começa na Grécia. Explica Mignolo que isto acontece porque, enquanto a genealogia do pensamento decolonial estrutura-se no espaço planetário da expansão colonial/imperial, em sentido contrário à genealogia da modernidade, o pensamento colonial estrutura-se na linha temporal de um espaço reduzido que vai da Grécia à Roma, da Europa Ocidental aos Estados Unidos.

Cugoano destaca que a escravidão não é uma prática que começa com a chegada do homem branco na África, reconhece que a retirada da liberdade era uma prática habitual com os prisioneiros de guerra, mas destaca que a particularidade da escravidão pelo homem branco é a comercialização das pessoas. Cugoano reconhece que alguns africanos foram cúmplices dessa comercialização, mas afirma que foi a partir da chegada do colonialismo no continente africano que alguns começaram a comercializar os escravos que possuíam, o que acabou dando lugar à criação de uma narrativa conforme a qual, nos diz Cugoano, os africanos não tinham sentimentos familiares de nenhum tipo.

Em seu texto o que autor negro faz é resgatar do silêncio o sofrimento dos pais, das mães, quando foram privados de seus filhos, com o objetivo de mostrar que não há grandes diferenças entre ambos os povos. Ocupa-se de informar que na África diversos povos também tinham reis, e súditos livres que eram treinados, por vontade própria, para um tipo de serviço militar, caso fosse preciso defender o líder da comunidade. Mas, sobretudo, Cugoano destaca, em seu diálogo crítico com os teóricos da época, que “os Africanos, apesar de não serem educados assim [nas formas europeias], são tão sábios quanto os Europeus; e quando o assunto é confiado à sabedoria humana, são ambos passíveis de errar” (CUGOANO; WINTER, 2012, p.278).

Lima Barreto também foi vítima desse silenciamento. Conforme registra em seu diário, no dia 10 de fevereiro de 1908, em que, passeando pelo município de São Gonçalo, lembrou de sua vida, de seus avós escravos, e lembrou-se de algumas frases ouvidas no âmbito familiar, que lhe deram “vagas notícias das origens da minha avó materna, Geraldina” (BARRETO, 1953, p.93). Conforme pesquisou Assis Barbosa, Geraldina Leocádia da Conceição, avó materna do escritor, descendia de africanos da nação rebola. Enquanto Lima Barreto caminhava pelo município no qual os Pereira de Carvalho, proprietários da avó do autor, eram lavradores, o escritor perguntava-se se alguma dessas pessoas que atravessava na rua não seriam também parte da família.

Lembrando-me disso, eu olhei as cassas da estrada com mais simpatia. Eram muito novas; nenhuma delas teria visto minha avó passar, a caminho da Costa, quando os seus senhores vieram estabelecer-se na cidade. Isso devia ter sido por volta de 1840, ou antes, e nenhuma delas tinha a venerável idade de 70 anos.

Entretanto, eu não pude deixar de procurar nos traços de um molequinho, que me cortou o caminho, algumas vagas semelhanças com os meus. Quem sabe, se eu não tinha parentes, quem sabe se não havia gente do meu sangue naquelas praias, que passavam cheios de melancolia, passivos e indiferentes, como fragmentos de uma poderosa nau, que as grandes fôrças da natureza desfizeram e cujos pedaços vão pelo oceano a fora, sem consciência do seu destino e de sua fôrça interior.

Entretanto, embora enchesse-me de tristeza o seu estado, eu não pude deixar de lembrar-me, sem algum orgulho, que o meu sangue, parente do seu, depois de três quartos de século, voltava àquelas paragens radiante de mocidade, saturado de noções superiores, sonhando grandes destinos, para ser recebido em casa de pessoas que, se não foram senhores dêles, durante algum tempo, tinham-o sido de outrem da mesma origem que o meu. (BARRETO, 1953, p.93-94)

Voltemos ao requerimento do Major Quaresma, no qual nos diz também que há um relacionamento entre língua e colonialismo, entre língua e imperialismo, e que para conseguir a emancipação política de um país, também é preciso a sua emancipação idiomática. Aqui inserimos um parêntese, para destacar que tanto Lima Barreto quanto Arlt, em seus romances *Triste fim...* e *Os sete loucos*, desenvolvem um projeto emancipatório, ou um projeto de liberação, e que entre as duas concepções, seguindo a teoria de Mignolo, há diferenças, porque a liberação supõe ir além do projeto da modernidade, enquanto a emancipação seria uma proposta de reforma dentro do projeto moderno. Entretanto, aprofundar-nos-emos nesse aspecto quando trabalharmos as concepções de liberação ou emancipação que estão presentes nas obras

dos autores. Por ora, seguimos pensando nas consequências da hierarquização social – produto da colonialidade – na língua e como esta é abordada nos dois autores.

Na citação referida de *Triste fim...*, Lima Barreto não só deixa clara a diferença hierárquica entre quem são os proprietários da língua e aqueles a quem a língua foi emprestada, quanto os papéis sociais dos censores, policiais do bem dizer, tarefas que são responsabilidade dos gramáticos. Lima Barreto joga para baixo do tapete um problema com o qual teve que lidar, por não respeitar as corretas formas da gramática. Pela boca do Major Quaresma, chama-as de “as estéreis controvérsias gramaticais”, “controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica”. Não duvidamos em afirmar que esse é um problema que se repete em toda sociedade à qual se tenha imposto uma língua; sociedades nas quais a partir das instituições erguidas como reguladoras das formas corretas da língua, se estabeleceram críticas e separações entre aqueles escritores ou aquelas escritoras que não respeitaram o correto uso da mesma.

No caso de Arlt, em sua água-forte portenha, “O idioma dos argentinos”, o escritor argentino critica uma matéria publicada no jornal *El Mercurio* do Chile – no qual Domingo Faustino Sarmiento publicou *Facundo* – na qual Monner Sans, membro de uma das famílias aristocráticas da Argentina, reclama que “ninguém defende a Academia nem sua gramática. O idioma, na Argentina, atravessa momentos críticos... A moda do “gauchesco” passou; mas agora principia-se outra ameaça, está em formação o ‘lunfardo’, léxico de origem espúria”(ARLT, 2007, p.222), léxico do qual fazia uso Arlt tanto em suas águas-forte quanto em seus romances, pelo que respondeu:

Chega de lorota! Como vocês gramáticos são! Quando eu cheguei ao final da sua reportagem, isto é, a essa frasezinha: “Felizmente realiza-se uma obra depuradora na qual acham-se empenhados altos valores intelectuais argentinos”, comeci a rir a valer, porque me lembrei de que esses “valores” não são lidos nem pelas famílias, de tão chatos que são. (ARLT, 2007, p.222)<sup>5</sup>

5 Tradução de María Paula Gurgel Ribeiro. No original: “El señor Monner Sans, en una entrevista concedida a un repórter de *El Mercurio*, de Chile, nos alacrane de la siguiente forma: ‘En mi patria se nota una curiosa evolución. Allí, hoy nadie defiende a la Academia ni a su gramática. El idioma, en la Argentina, atraviesa por momentos críticos... La moda del “gauchesco”



O argumento que Arlt utilizou para responder a Monners Sans, bem como para criticar as exigências de respeitar a rigidez da gramática, é que a gramática, o idioma, tem muitas semelhanças com o boxe, e que, como ocorre nesse esporte, existem alguns que estudam mas não tem condições, e só repetem a lição do professor; e outros, com condições, que estudam e, ainda que não respeitem as normas da técnica, escapam-lhe “por uma tangente a escolástica gramatical do boxe” (ARLT, 2007, p.223).

Com os povos e o idioma, senhor Monner Sans, acontece a mesma coisa. Os povos bestas se perpetuam em seu idioma, como se, não tendo idéias novas que expressar, não necessitem de palavras novas ou variantes estranhas; mas, em compensação, os povos que, como o nosso, estão em contínua evolução, tiram palavras de todos os lados, palavras que indignam os professores, como indigna a um professor de boxe europeu o fato inconcebível de que um garoto que boxeia mal acabe com a alma de um aluno seu que, tecnicamente, é um perfeito pugilista. Isso sim; me parece lógico que vocês protestem. (ARLT, 2007, p.222)

Observamos que a colonialidade encontra-se presente em seu argumento, ao se referir aos “povos bestas”, e não temos como evitar pensar no conceito de “civilização e barbárie” de Sarmiento, uma outra expressão da colonialidade na literatura latino-americana. Nessa água-forte Arlt desconhece, ou também deixa na escuridão, o vínculo entre a língua e o colonialismo, entre a língua e a dominação cultural pela força,

---

pasó; pero ahora se cierne otra amenaza, está en formación el “lunfardo”, léxico de origen espurio, que se ha introducido en muchas capas sociales pero que sólo ha encontrado cultivadores en los barrios excéntricos de la capital argentina. Felizmente, se realiza una eficaz obra depuradora, en la que se hallan empeñados altos valores intelectuales argentinos”. ¿Quiere usted dejarse de macanear? ¡Cómo son ustedes los gramáticos! Cuando yo he llegado al final de su reportaje, es decir, a esa frasecita: “Felizmente se realiza una obra depuradora en la que se hallan empeñados altos valores intelectuales argentinos”, me he echado a reír de buenísima gana, porque me acordé que a esos “valores” ni la familia los lee, tan aburridores son”. (ARLT, 2007, p.222)

assim como repete a lógica do pensamento colonial, não só por falar de “povos bestas”, mas também porque mais adiante vai deixar explícito que existem povos, ou culturas, superiores.

“Um povo impõe sua arte, sua indústria, seu comércio e seu idioma por prepotência. Nada mais. O senhor veja o que acontece com os Estados Unidos. Mandam-nos seus artigos com rótulos em inglês, e muitos termos ingleses nos são familiares. No Brasil, muitos termos argentinos (lunfardos) são populares. Por quê? Por prepotência. Por superioridade”

(...)

Este fenômeno nos demonstra até a saciedade o absurdo que é pretender engessar numa gramática canônica, as idéias sempre mutantes e novas dos povos (ARLT, 2007, p.224-225).

Nessa água-forte, a lógica que sustenta as afirmações de Arlt é a da força, mas a força da prepotência e a prepotência como um rasgo de superioridade. A crítica de Arlt a Monner Sans como representante dos defensores da gramática não é uma crítica do que significa o domínio cultural de uma nação sobre outra através da língua; não é a crítica de quem defende um projeto de nação ou está pensando, ou debatendo, com aqueles que defendem um projeto de nação, como é o caso de Lima Barreto. Podemos interpretar essa crítica como a demanda de um escritor que exige o direito de se expressar com liberdade, um escritor que faz uso do “lunfardo”, da gíria portenha, feita das palavras que trouxeram os imigrantes nos navios que chegavam da Europa, entre eles, os pais de Arlt.

Mas não foi essa a única água-forte na qual Arlt debateu com os gramáticos. Em outra, intitulada “¿Cómo quieren que les escriba?”, de 3 de setembro de 1929, Arlt fez referência a uma matéria publicada no jornal *El Sol* de Madrid, no qual também se fazia uma crítica ao castelhano argentino, perguntando-se onde iria acabar essa língua alterada por tantos dialetos. “¿A dónde iremos a parar? Pues a la formación de un idioma sonoro, flexible, flamante, comprensible para todos, vivo, nervioso, coloreado por matices extraños y que sustituirá a un rígido idioma que no responde a nuestra psicología?” (ARLT; SAÍTTA, 1994, p.32).

Podemos afirmar que, assim como coincidem os dois autores em criticar o estrito respeito pela gramática, e considerar que semelhante atitude traz como consequência a rigidez mental e literária, é preciso apontar que a posição desde a qual fazem essas críticas não é semelhante. A crítica de Lima Barreto é feita desde a ferida colonial, é a crítica de quem sabe o que é o silenciamento de uma língua, o silenciamento de uma história, porque ainda nele essa história não é bem conhecida. Também os dois autores reconhecem uma ligação entre a língua e a psicologia, entre a língua e a constituição subjetiva, poderíamos dizer, mas nessa constituição há diferenças. Para continuar, inserimos a água-forte portenha também dentro da genealogia de uma crítica.

Trazemos para consideração uma carta que bem poderia ser colocada na genealogia das água-forte portenhas, que é a carta que Juan María Gutiérrez escreveu ao Secretário da Academia Espanhola das Letras, rejeitando tomar posse como “Acadêmico correspondente no estrangeiro”. Essa carta foi compilada num livro titulado *Cartas de un porteño. Polémicas en torno al idioma y a la Real Academia Española*. Cabe destacar que o título e subtítulo do livro foi dado por Ernesto Morales, autor da biografia *Don Juan María Gutiérrez, el hombre de Mayo* (1937). Sem dúvida que a comparação entre Arlt e Gutiérrez pode parecer forçada, considerando que o primeiro só se dedicou à literatura e o jornalismo, enquanto o segundo, além de crítico literário, de ter se desenvolvido como publicista, jornalista, poeta, também teve importante participação na política, sendo um dos redatores da Constituição da Argentina, além de ter participado como membro do Congresso Constituinte, assim como reitor da Universidade de Buenos Aires. Mas nessa carta, Gutiérrez também rejeita a defesa da gramática da academia, levando em consideração não só os aportes das línguas dos imigrantes, quanto a defesa de um projeto emancipador, o que o posiciona em paralelo ao escritor carioca. Citemos alguns fragmentos da mesma a fim de mais bem demonstrá-lo:

Aquí, en esta parte de América Latina, poblada primitivamente por españoles, todos sus habitantes, nacionales, *cultivamos* la lengua heredada, pues en ella nos expresamos, y de ella nos valemos para comunicarnos nuestras ideas y sentimientos; pero no podemos aspirar a *fixar* su pureza y elegancia, por razones que nacen del estado social que nos ha deparado la emancipación política de la antigua Metrópoli (GUTIÉRREZ et al., 2003, p.68).

En las calles de Buenos Aires resuenan los acentos de todos los dialectos italianos, a par del catalán que fue el habla de los trovadores, del gallego en que el Rey sabio compuso sus cántigas, del francés del Norte y Mediodía, del galense, del inglés de todos los condados, etc., y estos diferentes sonidos y modos de expresión cosmopolitizan nuestro oído y nos inhabilitan para intentar siquiera la inamovilidad de la lengua nacional en que se escriben nuestros numerosos periódicos, se dictan y discuten nuestras leyes, y es vehículo para comunicarnos unos con otros los *porteños* (GUTIÉRREZ et al., 2003, p.69).

Trazemos essa citação de Gutiérrez porque, enquanto no segundo parágrafo nos remete a Arlt, desenhando uma imagem de Buenos Aires como uma orquestra plurilinguística, afirmando que a riqueza dessa diversidade de línguas faz da cidade uma representação cosmopolita, no primeiro nega a existência dos povos anteriores à conquista dos espanhóis, porém, a exemplo de Lima Barreto, reconhece que a língua utilizada não é própria. Mas, ao passo que o autor carioca faz o Major Quaresma dizer que o português é uma língua emprestada, o portenho Gutiérrez se reconhece herdeiro dela, reconhecendo a existência de outras, porém dos outros conquistadores, quer dizer, os portugueses, os ingleses, os franceses, reconhecimento que está presente quando escreve “en esta parte de América Latina”. E ao pensar em América Latina, temos que voltar à pergunta formulada no início. Como reconhecer um escritor latino-americano? O que faria de Lima Barreto e Arlt escritores latino-americanos?

## 1.2. O que é América Latina?

Como já mencionamos, América foi a denominação que a Europa deu para esse extenso continente, em homenagem a Américo Vespúcio, continente do qual foram extraídas as riquezas que fizeram possível o surgimento do capitalismo. Mas o surgimento do termo “América Latina”, nos diz Mignolo em *La idea de América Latina*, em concordância com Arturo Escobar, tem a ver com a disputa intraeuropeia, entre a Inglaterra e a França, pela hegemonia mundial do poder, após o deslocamento da Espanha como primeira força imperial. Foi a partir do

século XIX que a ideia de América, como uma unidade, começou a se dividir, não em conformância com os Estado-nação que foram surgindo, mas sim com as diferentes histórias imperiais do hemisfério ocidental, de forma que ficou configurada como América Saxônica no norte e América Latina no sul. A escolha do termo “América Latina”, nos diz Mignolo, foi produto da identificação das elites crioulas com o projeto político moderno da França.

A América Latina, afirma Mignolo, não é um subcontinente, mas um projeto político das elites crioulo-mestiças, as quais se alienaram em sua adaptação e adoção dos projetos republicanos e liberais (MIGNOLO, 2007). Na América do Sul, a “latinidade” se constituiu como uma identidade transnacional, que mantinha unidas as antigas colônias espanholas e portuguesas, as quais consideravam-se herdeiras da tradição político-filosófica da França, razão pela qual a sua latinidade ia até as origens da república, se colocando na genealogia ocidental, reconhecendo vínculos históricos com Roma e Grécia. O termo “latinidade”, diz o autor, quando surgiu, cumpria uma função específica dentro dos conflitos imperiais das potências europeias. Nesse ponto Mignolo coincide com Arturo Ardao, filósofo e historiador uruguaio, autor de *Genesis de la idea y el nombre de América Latina* (1980), quem afirma que a América Latina surgiu dentro do posicionamento das elites crioulas, após a Independência, quando Espanha tinha perdido a corrida da modernidade e até os intelectuais espanhóis elegiam a França como modelo.

Diz Ardao que a ideia de América Latina passou por um processo de gênese que passou por três etapas. O ponto de partida da ideia de América Latina é a Independência, desde a sua gestação até o fim das colônias. Mas mesmo depois da Independência não existia nem a ideia, nem o nome “América Latina”: o termo que se utilizava para se referir a essas terras era América Espanhola ou Hispano-américa. Numa segunda etapa, que vai desde a década de 30 até a década de 50 do século XIX, surgiu a ideia da “latinidade” de toda América do Sul, em textos de escritores franceses, que começam a distinguir no “Novo Mundo” uma divisão conforme a procedência das línguas, razão pela qual existia uma América saxônica e outra latina.

Conforme Ardao, essa ideia foi assimilada por publicistas hispano-americanos que residiam na Europa, principalmente em Paris e Madrid. “Al principio, la idea les interesa vivamente como connotación sólo del mundo hispanoamericano. En un momento histórico em que se agita com intensidad la cuestión de las razas, se inclinan de buen grado a subsumir lo español o hispano, em lo latino, para mejor contrastarlo a

lo sajón o anglo-sajón” (ARDAO, 1980, p.27). Até aí só existia a ideia, mas não ainda o nome. A terceira etapa teria se dado como consequência de que aqueles mesmos publicistas deixaram de utilizar o termo como adjetivação, para substantivá-lo, na denominação do termo composto América Latina. “De un modo insensible, el reconocimiento de **una América latina**, pasa a ser la afirmación de **la América Latina**” (ARDAO, 1980, p.27).

Não nos deteremos em uma análise de cada uma dessas etapas pois consideramos que excede o objetivo desse trabalho, uma vez que se trata de mostrar a colonialidade nas obras de Lima Barreto e Arlt. Retomando a afirmação de Mignolo, de que a América Latina é um projeto político, que tomou como modelo o ideal francês ou, melhor dizendo, o discurso da modernidade, que é a face oculta da colonialidade, e uma consequência do colonialismo, seguimos com as conceitualizações dos autores referidos. A modernidade nasce após a conquista de América, do estabelecimento de uma linha temporal que iria do estado de natureza até a “evolução” dos países europeus que, após relegarem os povos desse continente à posição de “primitivos”, colocaram-se na posição de sociedades adiantadas, mais avançadas, que teriam progredido, razão pela qual eram modernas.

Porém nos diz Wallerstein que, até a Revolução Francesa, o moderno sistema-mundo não tinha um imaginário próprio, um conjunto de ideias que lhe dessem uma coerência conceitual, e que esse imaginário se constituiu a partir de três ideologias em disputa, mas complementares: o conservadorismo, o liberalismo e o socialismo (DUSSEL et al., 2010). Mignolo acrescentará uma quarta ideologia para entender América Latina: o colonialismo. “Así, las cuatro ideologías del mundo moderno/colonial juntas hacen visible la grieta entre las tres primeras y la última, que resulta fundamental para entender cómo funcionan en la geopolítica del conocimiento (modernidad/colonialidad)” (MIGNOLO, 2007, p.105).

Seguindo então esse raciocínio, de que América Latina é uma ideia, trata-se da ideia de um projeto político moderno, produto de um imaginário no qual encontram-se entrelaçadas as ideologias conservadoras, liberais, socialistas e colonialistas, consideramos que para poder afirmar que Lima Barreto e Arlt são autores latino-americanos, teriam que se achar presentes no tecido de suas obras esses fios, e na trama desse tecido as figuras do progresso, o progresso como via da salvação, a expressão de sociedades onde há uma hierarquização entre os “adiantados” e os “atrasados”; teriam que se encontrar presentes os debates ou as ideias próprias do liberalismo, dos conservadores, os

debates que institui o surgimento do socialismo e, sendo assim, teríamos que afirmar que sim, que Lima Barreto e Arlt são dois autores latino-americanos.

### 1.3. Autores latino-americanos

Lima Barreto escreveu *Triste Fim...* no início do século XX, enquanto no Rio de Janeiro vivia-se a efervescência política da Primeira República, e debatia-se, como aconteceu no surgimento de toda república, quais deveriam ser as bases do país, o conceito de patriotismo, assim como a necessidade de construção de uma identidade nacional, com o argumento de que junto com a democracia, junto com a cidadania, a civilização, chegaria o progresso. No romance de Arlt, *Os sete loucos*, as personagens encontram-se envolvidas nas possibilidades de desenvolver um projeto de “salvação”, para o qual precisam do desenvolvimento técnico. Mas, enquanto o Major Quaresma quer a salvação do Brasil a partir de uma emancipação linguística, Remo Erdosain, protagonista do romance de Arlt, procura se salvar conseguindo desenvolver uma rosa de cobre. E os debates com as três ideologias da modernidade, conservadorismo, liberalismo e socialismo, encontram-se presente nos dois autores.

Começemos por *Triste fim...* No primeiro capítulo do romance, “A lição de violão”, Lima Barreto debate com o conservadorismo da sociedade brasileira, seu preconceito para com os setores populares, e afirmará que é nesses sectores que encontra-se o nacional. Lima Barreto apresenta o Major Quaresma como uma personagem com uma vida muito conservadora, que trabalha há vinte anos no mesmo lugar e chega em casa todos os dias no mesmo horário, mas que vai dar o que falar à vizinhança ao começar a ter aulas de violão. Diante da crítica de sua irmã, por um homem de idade, com posição, respeitável, andar metido com alguém que toca esse instrumento, o Major responde, não só que o mesmo representa a poesia nacional, mas igualmente apelando ao argumento de que o instrumento também era valorizado pela cultura imperial. “A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede. Nós é que temos abandonado o gênero, mas ele já esteve em honra, em Lisboa, no século passado” (BARRETO, 2004, p.13). É preciso levar em consideração que Lima Barreto escreveu no Rio de Janeiro após a “higiene urbana” da Primeira República, que esvaziou a cidade da população pobre, negra, obrigando-

a a se deslocar em direção aos morros. Podemos pensar que, enquanto no centro da capital, nos ambientes intelectuais nos quais debatia-se a identidade nacional, a pátria, o Major Quaresma faz um convite a essa mesma elite intelectual: subam aos morros que aqui vão encontrar o espírito nacional. Um século depois, poderíamos afirmar que o mesmo não se equivocou, considerando o que afirmou-se como Música Popular Brasileira.

Mas isso foi em outro tempo, responde a irmã, e o Major utiliza a desculpa da tradição, uma desculpa conservadora, poderíamos pensar, como argumento para defender seu interesse na cultura popular. Lima Barreto, nesse primeiro capítulo, leva ao leitor para Portugal, leva a história do Brasil para o império, mas posteriormente colocará a origem nacional na cultura tupi-guarani. Para isso, construirá uma personagem com sólida formação intelectual, que segue e respeita os passos da formação positivista, com formação na história nacional, contada por autores locais, bem como cronistas de viagens e explorações pelo Brasil da colônia, para argumentar que não se pode pensar a nação sem levar em consideração os povos originários. O Major Quaresma, ou poderíamos dizer, Lima Barreto, afirma: segui a tradição, li o que tinha que ler, e posso afirmar que é preciso olhar para o que não está sendo visto para construir a nossa nação.

O foco principal do conservadorismo com o qual Arlt debaterá é o literário, ainda que possamos afirmar que toda discussão com o conservadorismo é uma discussão política. Assim como em “El idioma de los argentinos”, o cronista portenho questionará também em outros textos as exigências da gramática e a improdutividade literária, ou melhor dizendo, o interesse contrário à literatura que leva à exigência do respeito de conservar as “corretas formas gramaticais”, como por exemplo: “Sociedad literaria, artículo de museo”, ou “La tintorería de las palabras”. É evidente que, como todo autor que se dedique a narrar os costumes de sua época, encontraremos presente na forma, na ótica desde a qual esses costumes são narrados, as tentativas de conservar algumas tradições, alguns comportamentos.

Também nos dois autores encontraremos críticas ao ideal de progresso e um diálogo crítico com a teoria política moderna e a possibilidade real da instauração de uma república nessa terra; algumas delas até poderiam parecer escritas em conjunto, como as críticas que os dois autores fazem à classe política, mas em algumas das críticas ao “progresso”, fica também expressa a ferida colonial em Lima Barreto, que não se encontra presente em Arlt. Em novembro de 1904, sem especificar a data, Lima Barreto escreveu em seu diário:



Este caderno estêve prudentemente escondido trinta dias. Não fui ameaçado, mas temo sobremodo os governos do Brasil.

Trinta dias depois, o sítio é a mesma coisa. Tôda a violência do governo se demonstra na ilha das Cobras. Inocentes vagabundos são aí recolhidos, surrados e mandados para o Acre.

Um progresso! Até [há pouco tempo] se fazia isso sem ser preciso estado de sítio; o Brasil já estava habituado a essa história. Durante 400 anos não se fêz outra coisa pelo Brasil, creio [mesmo] que se modificará o nome: estado de sítio passará a ser Estado de Fazenda. De sítio para fazenda, há sempre um aumento, pelo menos no número de escravos. (BARRETO, 1953, p.22)

Escrito cinco anos após o fim da escravidão, nesse trecho do diário Lima Barreto mostra não somente como ainda persiste a violência sobre a população negra, quanto que o progresso econômico de quem pode passar de um sítio a uma fazenda se sustenta sobre um aumento da violência sobre os escravizados. Assim como em *Triste fim...* o autor mostra o negado, o saber e inteligência da cultura tupi-guarani, também utiliza seu diário para mostrar o que Mignolo chama “o lado escuro da modernidade”, o progresso econômico sobre a base da violência, sobre a base da mercantilização da vida humana. Mas se Lima Barreto mostra a escravidão que a modernidade prefere deixar na escuridão, Arlt colocará à vista, seguindo suas leituras de Proudhon, que na base do progresso econômico há um crime, mas esse crime tem a ver com um roubo.

Como mencionamos, Arlt também questiona quais são as virtudes mesmas do progresso, em uma água-forte titulada “¿Para qué sirve el progreso?”, na qual o autor começa se mostrando incomodado pela força que tem essa ideia:

Me tienen ya seco con la cuestión del progreso. Cuanto papanata encuentro por ahí, en cuanto comienzo a rezongar de que la vida es imposible en esta ciudad, me contesta:

– Es que usted no se da cuenta de que progresamos

Y acto seguido me endilga un discurso sobre el Progreso y la Civilización, que hubiera estado muy bien en tiempos de Juan Jacobo Rousseau,

pero que hoy no convence a nadie. Y si no, ustedes verán.

La gente se deja embaucar con una serie de términos que en realidad no tienen valor alguno. Estos términos hacen la carrera, se convierten en monedas de uso popular y cualquier otario, ante un caso serio, se considera con derecho a aplicarlos a situaciones que no se resuelven con el uso de un vocablo.

Y es que llega un momento en que las palabras asumen el carácter de moda; no interpretan un sentir sino un estado colectivo, quiero decir, un estado de estupidez colectiva.

Veamos esta palabrita Progreso. (ARLT, 1975, p.15)

Seguindo, Arlt criticará a ideia do progresso, confrontando-a com as comodidades nas quais a classe trabalhadora viaja de ônibus, as possibilidades habitacionais que tem, o elevado salário que precisa para poder viver em condições dignas. Arlt considera o progresso uma ilusão, “no hay zanañoria que no esté dispuesto a demostrárselo”(ARLT, 1975, p.15). Pergunta aos leitores quais foram as melhoras nas condições de vida que obtiveram com o telefone, uma locomotiva mais potente, e responde que se os objetos não trazem saúde, não possibilitam a “perfeição interior”, o progresso não tem valor nenhum. “Los antiguos creían que la ciencia podía hacer feliz a un hombre. ¡Que curioso! Nosotros tenemos, con la ciencia en nuestras manos, que admitir lo siguiente: lo que hace feliz al hombre es la ignorancia. El resto, es música celestial...” (ARLT, 1975, p.18).

Nesse trecho da água-forte encontra-se o que descrevemos como o discurso da modernidade, o relato da salvação, a ideia de progresso de um estado de inferior, que poderíamos chamar de “barbárie”, para passar ao estado de “civilização”, e esse relato sustentado sobre o imaginário da modernidade, o ideário francês, como afirmam Quijano e Wallerstein. Mas Arlt salienta que esse relato não serve para resolver questão nenhuma. Arlt não acredita nas bondades da “República”. Acontece que, como Lima Barreto, Arlt não acredita nos políticos, retrata-os como ignorantes e criminosos; além disso ambos foram leitores de teoria política. O escritor argentino menciona Rousseau, autor que não é possível não levar em consideração para pensar a estrutura social do Estado moderno, autor que também foi lido por Lima Barreto, sendo que, EM sua biblioteca, na Estante I, 1º Prateleira, catalogado com o número

21, achavam-se as *Confessions* do autor de *O contrato social* (LIMA BARRETO, 1953).

No caso da ideologia socialista, é fácil encontrá-la no romance de Arlt. A personagem do Astrólogo tem como ideal o socialismo, seu projeto é acabar com o capitalismo – ainda que precise servir-se do mesmo para desenvolver seu projeto revolucionário e o tipo de organização que planeja –, segue o esquema organizacional dos partidos comunistas, um tipo de organização celular. No caso do romance de Lima Barreto, consideramos que seria forçado encontrar o debate ideológico do socialismo aí, mas no ano da publicação de *Triste fim...* em livro, o autor escreveu um artigo, com tom de sátira, na revista *Careta*, assinado por Inácio Costa, intitulado “Os precursores”, no qual faz uma referência direta a Lenin. Mas isso não quer dizer que o autor carioca não tivesse relacionamento com essa ideologia, Lima Barreto escreveu em *A Voz do povo* e *A Voz do Trabalhador*, ambas publicações anarquistas.



## 2. A COLONIALIDADE NAS QUATRO DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA HUMANA

Conforme mencionamos no capítulo anterior, a colonialidade opera em diversas dimensões da experiência humana. Em *La idea de América Latina*, Mignolo salienta quatro delas: 1) econômica: apropriação da terra, exploração da mão de obra e o controle das finanças; 2) política: controle da autoridade; 3) social: controle do gênero e a sexualidade; 4) epistêmica e subjetiva/pessoal: controle do conhecimento e da subjetividade. Mas em *Desobediencia epistémica*, Edgardo Lander acrescentará mais uma, 5) o controle da natureza e dos recursos naturais, dimensão que originalmente estava incluída no ponto 1). Essas cinco dimensões conformam o que Mignolo denomina a matriz colonial do poder. Mas, lembrando que no capítulo anterior trabalhamos com o conceito de modernidade/colonialidade, é preciso destacar que mundo moderno/colonial e matriz colonial do poder não são a mesma coisa, mas fazem parte da mesma complexidade histórica. Nosso objetivo nesse capítulo será mostrar a expressão da matriz colonial do poder na literatura de Lima Barreto e Arlt, mas antes vamos estabelecer, conceitualmente, o que Mignolo entende por matriz colonial do poder.

Seguindo as teorizações de Mignolo, consideraremos a matriz colonial do poder como uma rede de crenças sobre as quais age-se e racionaliza-se o agir, e a especificação do que o termo “mundo moderno/colonial” significa (MIGNOLO, 2010). Para o autor, a ideia de mundo moderno/colonial adquire sentido através da matriz colonial, sendo essa matriz o que faz possível uma organização sócio-histórica plausível de ser identificada como mundo moderno/colonial. Como referido no capítulo anterior, dentro da retórica da modernidade, o novo, a novidade, são conceitos-chave. A novidade é o motor da história, e o novo, na retórica da modernidade, está associado à hierarquia. O suposto “descobrimento” de América introduziu a ideia do “novo” e, conjuntamente, hierarquizou o “velho”, a Europa, o Ocidente, como superior.

Lembremos que foi Quijano quem introduziu o conceito de colonialidade, no cruzamento entre formações disciplinares do primeiro mundo e os problemas com os quais tinha que se confrontar nos tempos da guerra fria, vivendo no terceiro mundo; e que foi, junto com Wallerstein, quem postulou a “americanidade” como conceito, conceito criado e pensado entre um autor latino-americano e um autor

estadunidense. É por isso que Mignolo nos diz que Wallerstein compreendeu conceitualmente o colonialismo, mas Quijano sentiu e conceitualizou a colonialidade (MIGNOLO, 2010, p.77). Tomando essa comparação, afirmaremos que, no caso de Lima Barreto e Arlt, embora ambos os autores tenham refletido sobre a problemática do colonialismo, o autor negro sentiu a colonialidade, enquanto o escritor argentino compreendeu conceitualmente o colonialismo.

Sendo que nosso trabalho consiste em fazer uma leitura decolonial da literatura de Lima Barreto e Arlt, e que o pensamento decolonial tem como base levar em consideração a apropriação da terra, a comercialização e exploração de pessoas como condição e possibilidade do surgimento da modernidade, lado escuro da colonialidade, e que essas problemáticas, assim como suas consequências, foram tratadas na literatura dos dois autores latino-americanos com os quais trabalharemos, tentaremos mostrar como a matriz colonial do poder expressa-se nas obras dos autores. Autores que questionaram a hierarquia social própria da colonialidade, hierarquização social que tentou afastar da cena literária do seu tempo tanto a produção artística do escritor argentino, quanto do escritor brasileiro.

Ainda que não seja possível pensar isoladamente as quatro ou cinco dimensões da experiência humana sobre as quais age a matriz colonial do poder, sendo que todas elas encontram-se vinculadas pelo relato da modernidade, para colocar e mostrar cada uma dessas dimensões na literatura a tratar, começaremos pela primeira dimensão descrita por Mignolo, a privatização da terra, a exploração da mão de obra e o controle da finanças, não só porque poderíamos considerar que a ideia de América Latina, e América como continente, é consequência dessa apropriação, como porque essa dimensão é uma problemática fundamental em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, assim como em *Os sete loucos*. O objetivo do Major Quaresma é criar ferramentas que possam contribuir com o desenvolvimento econômico do Brasil; e no caso de Remo Erdosain, o romance começa com um problema financeiro, tanto da personagem quanto da empresa na qual ele trabalha, e será na *Sociedade Secreta* que buscará a solução para seu problema, sociedade que planeja sustentar-se mediante a criação de uma rede de prostituição, que lhes permitirá criar “colônias”, para expandir seu projeto revolucionário.

Levando em consideração que o pensamento decolonial, desde seu surgimento, se produz no cruzamento entre formações disciplinares diversas e que os dois autores, da mesma forma que os romances com os

quais trabalharemos, dão conta de diversas formações disciplinares envolvidas, descreveremos algumas questões próprias da teoria econômica, poderíamos dizer, mas também das problemáticas próprias da América Latina, desde sua origem, desde a colonização desse continente; problemáticas que foram tratadas por Lima Barreto e Arlt, razão pela qual ambos foram considerados, por diversos críticos, como visionários ou historiadores do porvir, por ter conseguido visualizar o destino de seus países. Como referido no primeiro capítulo, não há como separar a problemática da colonialidade, o pensamento decolonial, da teoria da dependência, surgida na década de 1960 na América Latina. É por essa razão que faremos uma breve descrição das considerações dessa teoria, não para nos desviar do nosso objetivo, mas para poder compreender por que razão um crítico como Ronaldo Lima Lins considerará que *Triste fim...* tem trechos próprios de um trabalho feito por técnicos ou economistas.

Começemos por lembrar que, na época em que os dois romances foram escritos, a questão financeira tinha um importante protagonismo no cotidiano do Brasil e da Argentina. Arlt publicou *Os sete loucos* em 1929, mesmo ano da grande crise financeira dos Estados Unidos; e o autor carioca, também jornalista, escreveu sua história após um forte aumento dos empréstimos externos tomados pelo Brasil, que aconteceu entre 1900 e 1905; aliás, entre 1905 e 1913, esse saldo dobrou novamente (ABREU, 2002), e *Triste fim...* foi publicado em 1911. Como referido no capítulo anterior, o balanço de pagamentos, a restrição externa, a necessidade de divisas para cancelar os compromissos internacionais, faz parte dos problemas das economias latino-americanas, colocando-as numa situação de dependência, e é nesse contexto que Lima Barreto escreverá seu romance. Conforme uma pesquisa desenvolvida pelo Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio, Marcelo de Paiva Abreu:

A ‘janela de oportunidade’ que se abriu no mercado financeiro internacional permitiu significativo aumento da dívida externa, tornando a economia brasileira, a exemplo de outras economias em desenvolvimento, extremamente vulnerável a qualquer perturbação que afetasse fluxos de capital e exportações. A partir de 1912, o Brasil enfrentou uma sucessão de eventos que transformaram radicalmente a posição do seu balanço de pagamentos. O serviço da dívida havia sido retomado a partir de 1909. As exportações de

café reduziram-se com a queda de preços decorrente da venda de estoques determinada pela justiça norte-americana com base no Sherman Act. As exportações de borracha caíram rapidamente, em vista do impacto da entrada no mercado mundial da borracha plantada asiática (ABREU, 2002, p.524).

Colocamos a citação do Professor de economia para mostrar a relação entre as crises econômicas internas e a queda do valor dos produtos primários no mercado internacional, que acaba gerando uma falta de divisas, as quais ingressam na economia como consequência das exportações. E essa falta de dólares acaba gerando as condições para que as instituições bancárias ofereçam empréstimos aos Estados, para melhor dizer: com a queda dos recursos do Estado aumentam os empréstimos dos bancos. Nesse contexto escreve Lima Barreto, e as marcas do mesmo se encontrarão na história de Policarpo Quaresma, assim como nas suas crônicas e artigos da época. Em *Triste fim...*, na segunda parte do romance, quando o autor manda Policarpo trabalhar no campo, o Major refere-se à queda da Casa Souto, uma das maiores instituições bancárias do século XIX no Brasil, que acabou quebrando, e Policarpo rejeitará a ideia de tomar um empréstimo em consequência de uma safra ruim.

Seguindo a conceitualização do economista político e sociólogo brasileiro Theotônio dos Santos (SANTOS, 2011), um dos teóricos mais relevantes do âmbito econômico regional, assim como referência do pensamento econômico desenvolvimentista, entendemos por dependência uma situação na qual a economia de certos países é condicionada pelo desenvolvimento e pela expansão de outra economia à qual está subordinada. O conceito de dependência, para o autor, permite que consideremos a situação interna desses países como parte da economia global, como elementos dentro de um sistema, razão pela qual uma alteração numa das partes vai afetar o conjunto de elementos que constituem o sistema econômico.

Conforme dos Santos, existem três tipos de dependência econômica colonial, as quais são possíveis de identificar nos romances com os quais estamos trabalhando. A primeira, a exportação comercial *in natura*, na qual o capital comercial e financeiro, em associação com o Estado colonialista, dominava as relações econômicas dos europeus e das colônias, por meio de um monopólio comercial da terra, das jazidas e da força de trabalho (servil ou escrava) nos países colonizados. A



segunda, a dependência financeiro-industrial, que se consolidou ao final do século XIX, caracterizada pela dominação do grande capital nos centros hegemônicos, e sua expansão no estrangeiro mediante o investimento na produção de matérias-primas e produtos agropecuários para consumo nos centros hegemônicos, enquanto desenvolveu-se nos países dependentes uma estrutura produtiva dedicada à exportação de tais produtos. Por último, no período pós-guerra, consolidou-se um novo tipo de dependência, baseado em corporações multinacionais que começaram a investir em indústrias voltadas ao mercado interno dos países subdesenvolvidos (SANTOS, 2011).

Mas antes de fazer referência às expressões dos três tipos de dependências salientadas por dos Santos nas obras de Lima Barreto e Arlt, traremos um trecho do trabalho do economista e sociólogo brasileiro, *The structure of dependence* (1970), para mostrar a complexidade do pensamento de Lima Barreto, a profundidade de suas análises, assim como ter uma dimensão do gozo que produzia no autor carioca pensar na economia, conforme ele salientou numa das suas colunas na Revista *Caretas*. Colocamos um trecho do artigo de dos Santos, pela relevância que tem sua produção teórica nas ciências sociais da América Latina. Conforme escreveu Francisco López Segrera em *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas* (2000), as obras de Wallerstein, Quijano e dos Santos, entre outros autores, guiam o rumo de uma leitura decolonial. Considerando que, para os criadores do Major Quaresma e Remo Erdosain, o desenvolvimento industrial foi um assunto considerado e pensado, observemos o que dos Santos ensina:

O desenvolvimento industrial é, portanto, fortemente condicionado por flutuações na balança de pagamentos. Isso conduz a um déficit devido às próprias relações de dependência. As causas do déficit são três:

- a) As relações comerciais ocorrem em um mercado internacional altamente monopolizado, **o que tende a reduzir o preço das matérias-primas** e a elevar o preço de produtos industriais, especialmente insumos (...)
- b) Pelas razões citadas, o capital estrangeiro mantém o controle dos setores mais dinâmicos da economia e **repatria um grande volume dos lucros; por conseguinte, os fluxos de capitais são altamente desfavoráveis para os países**

**dependentes.** Os dados revelam que o volume de capital de saída do país é muito maior que a quantidade que entra. Isto gera um déficit nos fluxos de capitais que é escravizante. Deve-se acrescentar ainda o déficit em determinados serviços que estão praticamente sob total controle estrangeiro, como transporte de mercadorias, pagamentos de royalties, apoio técnico, etc. Conseqüentemente, produz-se um importante déficit na balança de pagamentos total, limitando assim a possibilidade de importação de insumos para a industrialização.

c) **O resultado disso é que se torna necessário o ‘financiamento estrangeiro’**, de duas formas: para cobrir o déficit existente e também para ‘financiar’ o desenvolvimento por meio de empréstimos para o estímulo de investimentos e para ‘suprir’ um excedente econômico interno que foi em grande medida descapitalizado pela remessa, como lucro, de parte do excedente gerado domesticamente.

Desse modo, o capital estrangeiro e o ‘auxílio’ estrangeiro preenchem as lacunas que eles próprios criaram. O valor real desse auxílio é, porém, duvidoso. (SANTOS, 2011, p.10-11, grifo nosso).

Tomemos por caso *Triste fim...*, em que temos a personagem do Major Quaresma, dedicado ao estudo de todo tipo de disciplinas, desde história até filosofia, passando pela matemática, a química, a biologia, assim como pelo estudo dos recursos naturais do Brasil. Sabemos também que Policarpo é um grande defensor da nação brasileira, e considera fundamental para defender o interesse do país a promoção e defesa da indústria nacional, assim como também que, no momento no qual se encontrará com o Presidente Floriano Peixoto, antes de ir à guerra, lhe entregará um projeto de lei de reforma agrária, para tirar o Brasil da posição de tributário e garantir sua independência econômica.

Aproveitara os dias até para redigir um memorial que ia entregar a Floriano. Nele expunham-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostravam-se todos os entraves, **oriundos da grande propriedade**, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos

mercados e das violências políticas. (LIMA BARRETO, 1997, p.180, grifo nosso)

- Vê Vossa Excelência como é fácil erguer este país. Desde que se cortem todos aqueles empecilhos que eu apontei no memorial que Vossa Excelência teve a bondade de ler; desde que se corrijam os erros de uma legislação defeituosa e inadaptável às condições do país, Vossa Excelência verá que tudo isto muda, que, em vez de tributários, ficaremos com a nossa independência feita... Se Vossa Excelência quisesse... (LIMA BARRETO, 1997, p.213)

“Você, Quaresma, é um visionário...” (LIMA BARRETO, 1997, p.214), lhe responde o Presidente. O crítico Ronaldo Lima Lins, fazendo referência a esses trechos do romance, no artigo “O ‘destino errado’ de Lima Barreto”, texto escrito para a edição crítica de *Triste fim...*, coordenada por Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros, escreveu que: “Pela rubrica, chegam ao leitor reminiscências de uma anotação sociológica, como se estivesse diante de um tratado dos problemas nacionais ou de um relatório preparado por técnicos e economistas que pensassem nos obstáculos ao nosso desenvolvimento” (LIMA BARRETO; HOUAISS, 1997, p.313-314). Coincidimos com as palavras de Lima Lins, sendo que aquele relacionamento feito pelo economista dos Santos, entre a produção de bens primários e o valor internacional dos mesmos, com os ingressos que representam essas exportações para o Estado e as demandas das elites proprietárias da terra ao Estado, também foi feita por Lima Barreto em outros textos, como os artigos que conformariam *Os Bruzundangas*, assim como em outras colunas.

Será o próprio Lima Barreto quem nos dará uma resposta para poder entender esse nível de análise social e econômica que fez. Em carta de 15 de julho de 1918, enviada a Almeida Magalhães, o escritor conta para o membro da Academia Mineira de Letras que:

De há muito, desde os tempos em que passei na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que só acidentalmente faço leituras filosóficas. Quando andei por lá, em casa ou na biblioteca, lia o meu maravilhoso Descartes, o Comte, o Spencer e

mesmo o Kant; mas, desde que a abandonei, todo me voltei para a Literatura, para a História e para as questões econômicas e sociais, sobretudo agora para estas, pois estou decidido a dar o mais tenaz combate à burguesia e ao clericalismo que a apoia (BARRETO, 1956, p. 45–46).

Em 1917, Lima Barreto publicou, no semanário *A.B.C* do Rio de Janeiro, os textos que compõem *Os Bruzundangas*. Um dos artigos foi titulado “As riquezas da Bruzundanga”. Ali, o autor fez uma descrição da república da Bruzundanga, a qual é uma sátira da República do Brasil, que coincidem quase plenamente com o que a teoria da dependência descreverá cinquenta anos depois, e no qual também podemos achar muitas das considerações feitas pelo Major Quaresma.

Com o café dá-se uma coisa interessante. O café é tido como uma das maiores riquezas do país; entretanto é uma das maiores pobrezaas. Sabem por quê? Porque o café é o maior ‘mordedor’ das finanças da Bruzundanga.

Eu me explico. O café, ou antes, a cultura do café é a base da oligarquia política que domina a nação. A sua árvore é cultivada em grandes latifúndios pertencentes a essa gente, que, em geral, mal os conhece, deixando-os entregues a administradores, senhores, nessas vastas terras, de baração e cutelo, distribuindo soberanamente justiça, só não cunhando moeda, porque, desde séculos, tal coisa é privilégio do Rei.

Os proprietários dos latifúndios vivem nas cidades, gastando à larga, levando vida de nababos e com fumaças de aristocratas. Quando o café não lhes dá o bastante para as suas imponências e as da família, começam a clamar que o país vai a garra; que é preciso salvar a lavoura; que o café é a base da vida econômica do país; e – zás- **arranjam meios e modos do governo central decretar um empréstimo de milhões para valorizar o produto.**

(...)

A riqueza mais engraçada da Bruzundanga é a borracha. De fato, a árvore da borracha é nativa e abundante o país. Ela cresce em terras que, se não são alagadiças, são doentias e infestadas de febres

e outras endemias. A extração do látex é uma verdadeira batalha em que são ceifadas inúmeras vidas. É cara, portanto. Os ingleses levaram sementes e plantaram a árvore da borracha nas suas colônias, em melhores condições que as espontâneas da Bruzundanga. Pacientemente, esperaram que as árvores crescessem; enquanto isto, os estadistas da Bruzundanga taxavam a mais não poder o produto. (...)

Veio, porém, a borracha dos ingleses e tudo foi por água abaixo, porque o preço da venda da da Bruzundanga mal dava para pagar os impostos. A riqueza fez-se pobreza... (LIMA BARRETO, 2001, p.47, grifo nosso)

No recente *Sátiras e outras subversões* (2016), livro organizado por Felipe Botelho Corrêa, na seção “A economia e a carestia da vida”, encontramos três artigos nos quais Lima Barreto trata da questão da dependência econômica brasileira a partir dos empréstimos externos, mas sem nutrir as ideias contra os estrangeiros, em voga no momento. Apresentaremos suas citações na ordem em que foram publicadas à época, para mostrar como, de forma semelhante aos autores do pensamento decolonial, o autor carioca faz suas análises levando sempre em consideração a dimensão econômica da matriz colonial do poder. Em *Sátiras e outras subversões*, Botelho Corrêa recuperou vários textos inéditos em livros, assim como outros que o autor assinou sob pseudônimo. O primeiro dos que referenciaremos é “Discussões rocambolescas”, assinado por “Leitor”, e publicado na revista *Careta* n.366, em 26 de junho de 1915, originalmente na coluna “Lendo os Jornais”.

Os nossos financeiros e economistas são deveras interessantes, porque são médicos que não curam e vivem a discutir, enquanto o doente agoniza, sobre as virtudes do ópio.

Agora anda à baila a questão da emissão do papel-moeda, e não há meio de eles se entenderem.

Nós não queremos entrar no debate, porque seria mais uma voz a anarquizar os espíritos.

Outra questão em que eles não se entendem é nessa da proibição de exportar certos gêneros. Uns

propõem que se proíba a saída do ferro-velho e metais inservíveis, mas deixam de lado **a questão do açúcar, que, por estar sendo procurado pelos países em guerra, vai subindo de preço assustadoramente.** E é um gênero alimentício! Por que essa diferença no tratar os produtos de exportação, senhores economistas? (LIMA BARRETO, 2016, p.443, grifo nosso)

Em 9 de março de 1920, Lima Barreto publicou em *Voz do povo*:

Julguei ainda que eles **pretendessem impedir que os estrangeiros mandassem as suas economias para a Europa.** Era outro absurdo, porque todo os governos do Brasil, federal, estaduais, municipais, orgulham-se em anunciar que vão pagar tantos e tantos milhares de francos ou libras aos seus credores na Europa.

(...)

O mal-estar da nossa vida não vem da massa geral de estrangeiros, tão necessitada como a maioria dos nacionais; vem **da injustiça das relações econômicas entre pobres e ricos** (LIMA BARRETO, 2016, p.414, grifo nosso).

Em 25 de setembro de 1920 publicou, em *Careta* n.640, assinado sob o pseudônimo “Jonathan”, o artigo “O meu consolo”, no qual escreveu:

Os debates financeiros e econômicos cessaram na tribuna da Câmara e nas colunas dos jornais.

Foi um regalo este debate, com o qual muito gozei, ao apreciar a dança de apaches dos algorismos.

Apareciam tantos que me estonteavam; eu, porém, teimava em ler os discursos e os artigos.

Falava-se de dinheiro, de libras, de francos, de dólares e as cifras enormes, fantásticas, de todas as moedas do mundo, só com a leitura delas, eu me sentia um pouco rico.

Tenho esse mau hábito de sonhar, de representar nitidamente o que me sugere a leitura; de modo que, vendo falar em milhões, em milhares de

contos, eu apalpava, eu acariciava montões de libras nas minhas algibeiras ou as fazia escachoar lentamente das minhas mãos para cima da minha mesa de trabalho.

Nunca vi ronda tão inverossímil de dinheiro como nessa discussão. (LIMA BARRETO, 2016, p.429).

Após ler esses trechos da obra de Lima Barreto, é possível concordar com Lima Lins, no que diz respeito à capacidade do autor carioca em elaborar textos que parecem feitos por economistas ou técnicos. Comparando as afirmações feitas por dos Santos em 1970 com as que foram publicadas por Lima Barreto no início do século, podemos encontrar semelhanças na leitura da problemática. Enquanto o economista salienta que a comercialização das matérias-primas em um mercado altamente monopolizado tende a reduzir o preço desses produtos, o que traz como consequência, nas economias dependentes como as nossas, a necessidade de tomar empréstimos, Lima Barreto coloca que a oligarquia política que domina a nação, proprietária dos latifúndios que exploram o café, produção que sustentava-se sobre a base da escravidão, quando o café não lhes dá o que esperavam, vão clamar que o país precisa de empréstimos, para salvar a diferença. A problemática da restrição externa como consequência das flutuações nas demandas internacionais também é considerada pelo autor carioca, como destacamos no trecho de “Discussões rocambolescas”, em que o autor estabelece uma relação entre o valor do açúcar e a guerra que estava se desenvolvendo na Europa.

Detenhamo-nos nesse assunto, porque a guerra é um aspecto que deve ser considerado, não só no momento de fazer uma leitura decolonial, como no momento de analisar as obras de Lima Barreto e Arlt. Se, conforme Mignolo, a problemática da colonialidade, ou para melhor dizer, a colonialidade como conceito, elaborado por Quijano, junto com a teoria da dependência, têm que ser pensadas no contexto da Guerra Fria, as obras de Lima Barreto e a de Arlt tem que ser pensadas após a guerra do Paraguai e a primeira grande guerra europeia. Não só porque os autores trataram o problema da violência, foram fervorosos opositores à guerra, mas porque a guerra coloca no centro da cena a problemática dos recursos, dos recursos primários, básicos, quanto de todos os recursos dos quais necessita um Estado, uma sociedade, para seu desenvolvimento. Podemos considerar que, por ter levado em consideração a problemática dos recursos, tanto Lima Barreto quanto

Arlt foram considerados autores que conseguiram ver, desde seu presente, o nosso.

Assim como Lima Barreto foi considerado um visionário por antecipar na literatura o que aconteceria no futuro do Brasil, ou da América Latina – se considerarmos que as línguas indígenas foram reconhecidas como oficiais na Bolívia e no Paraguai –, o mesmo aconteceu com Roberto Arlt, que foi considerado um historiador do porvir pelo escritor e crítico argentino Ricardo Piglia. “Si hay un escritor profético en la Argentina, ese es Arlt. No trabaja con elementos coyunturales, sino con las leyes de funcionamiento de la sociedad” (PIGLIA, 2001, p.22), afirma o crítico argentino; afirmação que é colocada em questão por Sylvia Saítta, especialista na obra de Arlt e responsável pela seleção e compilação de grande parte da obra do autor que ficou inédita durante décadas<sup>6</sup>.

Em *Vientos de conspiración en Los siete locos. Los lanzallamas* (2007), publicado na revista *Fragmentos* da UFSC, Saítta analisa as duas partes do romance, em relação com o imaginário social da revolução que se ativa antes e depois do primeiro golpe de Estado da Argentina, em 1930. A hipótese do trabalho da autora sustenta que Arlt capta, sob a forma da conspiração e do complô, o clima ideológico da época, considerando que essa é a razão pela qual abundam as personagens com duplas identidades, espiões, sociedades secretas. Nosso objetivo não é abordar a questão do complô na obra de Arlt, mas sim os aportes que Saítta traz nesse trabalho sobre a discussão do autor como profético.

A crítica argentina salienta que no romance, nas duas partes, Arlt trabalha com elementos conjunturais, elaborando uma representação não realista dos tópicos ideológicos que atravessavam sua época. Conforme a autora, em *Os sete loucos* e *Os lança-chamas*, Arlt trabalha “con el imaginario social de la revolución que se activa fuertemente antes y después del golpe de Estado de 1930, un imaginario de la revolución compuesto por los restos dispersos de los discursos fascistas y comunistas que circulaban en ese entonces” (SAÍTTA, 2007, p.40). Nesse trabalho a autora concorda com as afirmações de Piglia, a respeito da leitura em chave do complô que faz o autor, mas coloca em questão

<sup>6</sup> S. Saítta é responsável pela compilação e seleção de: *Aguafuertes Porteñas: Buenos Aires, vida cotidiana* (1993); *Aguafuertes Porteñas: cultura y política* (1994); *En el país del viento. Viaje a la Patagonia* (1997), 1934; *Aguafuertes Gallegas y Asturianas* (1999); *Presagios de una guerra civil. Aguafuertes Madrileñas* (2000); *Aguafuertes Vascas* (2000)



as afirmações de Piglia em *Crítica y ficción*, quando considera Arlt um autor profético.

Para isso, Saítta coloca o romance no contexto da época, lembra que Arlt trabalhava como jornalista num importante jornal, razão pela qual tinha contato com o poder político, tinha acesso a muitas informações e, para sustentar sua posição, cita uma água-forte que não faz parte de *Aguafuertes porteñas: cultura y política*. A água-forte a que Saítta remete é “Macaneo del profesionalismo político”, publicada em *El Mundo*, em 6 de outubro de 1930, um mês após o golpe de Estado:

Me he convertido en balconeador de los politiqueros desde que el Gobierno Provisional ha empezado a barrer y fregar. Y gozo. Mentiría si lo negara. Gozo. Sin ser un perverso que se deleita en los males ajenos, paladeo la catástrofe que les ha caído por la cabeza a los políticos profesionales. Pienso que en breve tendremos nuevamente reintegrados a sus establos y calabozos y leoneras a numerosos ciudadanos. (...) Y en tanto escucho; escucho lo que dicen los diputados cesantes a quienes el Estado pagaba mil quinientos pesos mensuales para que charlaran y oficiaran de padrastros de la patria. (...) Para muchos ciudadanos, lo más que se alcanza al llegar a diputado, es un sueldo. Pues bien: esa gente está equivocada. Un voto, un voto de diputado dispuesto a venderse, vale mucho, y en nuestro régimen democrático (ya ven para lo que sirve la democracia), tenemos el caso de diputados y senadores sospechosos de tramoyas. El bloque radical se valía en su mayoría parlamentaria, perfectamente “democrática”, para imponer, por curiosa contradicción, resoluciones antidemocráticas y antipatrióticas si el patrón del grupo lo exigía. Lo único que faltó fue que rifaran el país (ARLT, apud SAÍTTA, 2007, p. 45-46).

Mas, pelas afirmações de Arlt, não devemos pensar que o autor é um defensor da democracia ou que respeita e valoriza esse tipo de sistema político. Na água-forte “Del que vota en Blanco”, publicada após o golpe e com os militares no governo, Arlt afirma: “Yo no creo en la democracia. Lo he dicho un montón de veces, y en eso coincidimos el

general y yo. Tampoco creo en los votos” (ARLT, 1994, p.193). A autora traz essa citação para sustentar a posição de que não há profecia nenhuma em *Os sete loucos*, sendo que é o mesmo Arlt quem reconhece que possui informações que outras pessoas não têm, que consegue estar e ouvir o que acontece do outro lado da bambolina. Uns meses após Arlt se reconhecer como um bisbilhoteiro da política, insere uma nota de rodapé, na terceira edição de *Os sete loucos*, de março de 1931, na qual aclarará que seu romance foi escrito antes do primeiro golpe de Estado.

Esta novela fue escrita en los años 28 y 29 y editada por la editorial Rosso en el mes de octubre de 1929. Sería irrisorio entonces creer que las manifestaciones del Mayor han sido sugeridas por el movimiento revolucionario del 6 de setiembre de 1930. Indudablemente, resulta curioso que las declaraciones de los revolucionarios del 6 de setiembre coincidan con tanta exactitud con aquellas que hace el Mayor y cuyo desarrollo confirman numerosos sucesos acaecidos después del 6 de setiembre (ARLT, apud, SAÍTTA, 2007, p.46)

Em *Os sete loucos*, o Major, personagem que não vai aparecer em *Os lança-chamas*, numa das reuniões da *Sociedade Secreta*, afirma:

- Señores, yo les hablaré con palabras bien pesadas. Si no, no estaría aquí. Ocurre lo siguiente: nuestro ejército está minado de oficiales descontentos. No vale la pena de enumerar los motivos, ni a ustedes les interesarán. Las ideas de “dictadura” y los acontecimientos políticos militares de estos últimos tiempos, me refiero a España y Chile, han hecho pensar a muchos de mis camaradas que nuestro país podría ser también terreno próspero para una dictadura (ARLT, 2007, p.115).

Saítta pergunta-se por que Arlt insere essa nota de rodapé em março de 1931, sendo que o leitor sabia tratar-se de uma terceira edição. Qual a necessidade de esclarecer datas e precisar o tempo da escritura? A crítica responde:

Evitar la censura, entonces, o convertir en profética su práctica literaria. Sin embargo, a la luz de los discursos políticos y sociales que circulaban en su momento, más que profética, *Los siete locos*, se revela como una caja de resonancia de discursos realmente existentes. Con la incorporación de la nota al pie, la estrategia de Arlt no responde a una búsqueda de exactitud en cuanto a las fechas, sino todo lo contrario: con la nota al pie, Arlt inscribe las palabras del Mayor en el marco del golpe del 6 de setiembre de 1930 para actualizar los contenidos ideológicos de su novela (SAÍTTA, 2007, p.47)

Então poderíamos considerar, seguindo Piglia e Saítta, que em *Os sete loucos* encontramos uma antecipação do acontecer histórico, uma versão performativa, uma ficção que cria o real, mas levando em consideração as informações que Arlt tinha. Um golpe não se faz de um dia para o outro, destacará Saítta no trabalho referido, lembrando que o autor argentino acompanhou desde o jornalismo o processo prévio à gestação do golpe. Então, assim como Piglia afirma que Arlt consegue ler as leis fundamentais do funcionamento social, desde uma perspectiva decolonial poderíamos pensar que o que o autor argentino faz é colocar o foco nas dimensões da matriz colonial do poder. (MIGNOLO, 2010).

Na literatura de Arlt, perceberemos que este salienta a importância do controle do conhecimento. Difícil não levar em consideração que o escritor também trabalhava como jornalista, razão pela qual sabia e experimentava, em seu cotidiano, as consequências sociais do poder da mídia. Em *Os sete loucos*, há diversas marcas de que Arlt dava muita atenção à dimensão epistêmica da matriz colonial do poder, por exemplo, a cena em que Erdosain, junto com o Astrólogo, planejam assassinar Barsut, de quem tomaram o dinheiro para financiar o projeto da *Sociedade Secreta*. Erdosain pergunta ao Astrólogo o que aconteceria se fracassasse o projeto da sociedade. “No importa... vendrá otro... vendrá otro que me substituirá. Así tiene que suceder. Lo único que debemos desear es que la idea germine en las imaginaciones... el día que estén en muchas almas, sucederán cosas hermosas” (ARLT, 2007, p.200). Ou também uma cena anterior, quando Erdosain quer saber sobre o projeto do Astrólogo:

- Sí, todo lo que imagina la mente del hombre puede ser realizado dentro de los tiempos. ¿No ha impuesto ya Mussolini la enseñanza religiosa en Italia? Le cito esto como una prueba de la eficacia del bastón en la espalda de los pueblos. La cuestión es apoderarse del alma de una generación... El resto se hace solo.

- ¿Y la idea?

- Aquí llegamos... Mi idea es organizar una sociedad secreta, que no tan sólo propague mis ideas, sino que sea una escuela de futuros reyes de hombres (ARLT, 2007, p.104).

Um outro exemplo que podemos trazer para mostrar a consideração que o autor dava à dimensão epistêmica da matriz colonial, ao conhecimento como via de garantir uma ordem do mundo, é a proposta do Astrólogo de criar *Acadêmias revolucionarias*. O Astrólogo é uma personagem que, embora planeje a criação de uma fábrica de gases para acabar com a delegacia de polícia, sem se preocupar com as mortes de civis que possam acontecer, considera que, para alcançar seu objetivo, precisa operar sobre as consciências. Claro está, como já referimos no primeiro capítulo, que dentro de *Os sete loucos*, o projeto do Astrólogo é sustentado sobre uma ideologia socialista, uma das três ideologias que, conforme Wallerstein, compõem a narrativa moderna. Mas, como temos afirmado, não só no romance o autor trata a problemática do controle do conhecimento

Tomemos uma das águas-fortes de Arlt para mostrar como reflete a matriz colonial do poder, ainda que o autor não se afirme desde uma perspectiva decolonial. O texto foi escrito um mês após a grande crise econômica de outubro de 1929. O título da água-forte é “El teniente 1º interrumpe su lectura”, publicado no jornal *El Mundo* em 24 de novembro de 1929, e publicado em *Aguafuertes porteñas: cultura y política* (1992), livro com águas-fortes selecionadas por Saítta. Água-forte que foi escrita após a edição de *Os sete loucos*, mas antes de *Os lança-chamas*, na qual insere dois livros dos quais encontraremos marcas na segunda parte do romance.

Nessa água-forte, Arlt relatará uma viagem de trem, sentado em frente a um soldado. Os dois leem: O escritor, *La revolución desfigurada*, de Trotsky, também publicado em 1929; e o soldado, *Nada de novo no Front*, de Erich Maria Remarque, publicado em castelhano

também no mesmo ano<sup>7</sup>. Arlt, após ter colocado o líder da revolução russa ao lado de outro soldado e escritor de ficção, considerará o livro de Remarque “la obra más revolucionaria, humanamente revolucionaria, que haya podido escribirse después de *El fuego* de Barbusse y *El hombre es bueno* de Leonard Franck” (ARLT, 1994, p.76).

Trata-se de um texto no qual o autor argentino abordará, a partir da problemática da guerra, três das quatro dimensões da matriz colonial do poder estabelecidas por Mignolo. Ainda que Lander insira a dimensão da natureza como quinto ponto, dimensão que, como referido, considerava-se inclusa dentro da dimensão econômica da matriz colonial do poder, trabalharemos com as quatro dimensões estabelecidas por Mignolo, seguindo também as considerações de Quijano, com respeito aos recursos naturais, que para os colonialistas valem enquanto recursos econômicos para sustentar seu desenvolvimento. Voltando para o texto de Arlt, na água-forte referida, o escritor, filho de imigrantes, nascido e criado em Buenos Aires, mas não no centro da cidade, referir-se-á à dimensão econômica da matriz colonial; à dimensão do controle da autoridade, descrevendo a estrutura militar da mesma; e à dimensão epistêmica, subjetiva, do controle do conhecimento.

É uma água-forte que, como era costume em Arlt, tem vários subtítulos: nesse caso, são quatro: “Ustedes sabrán...”, “Lo natural”, “Libros disolventes” e “La educación oficial”. Sob o primeiro subtítulo podemos ler:

Este libro comparte con *El fuego* de Barbusse la misión más alta que pueda cumplir un libro sobre la tierra. Inspiramos un horror lleno de repugnancia por la guerra, de estremecernos con el panorama de la guerra, de mostrarnos a los hombres rebanados, espachurrados, descoyuntados, volatilizados por los shrapnells y la metralla y los pesados obuses, cuyo “zumbido metálico” rompía los tímpanos de los soldados, y

<sup>7</sup> No site dedicado ao tradutor e escritor argentino, encontra-se publicado o prólogo que o mesmo escreveu para a edição do romance do Editorial Claridad, Buenos Aires, 1929. Disponível em: <<<http://www.alvaroyunque.com.ar/estudios/alvaro-yunque-sin-novedad-en-el-frente.html>>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017

cuyas presiones de explosión eran tales que sin que un caso oca a un soldado se los encontraba vacíos de sangre por el efecto del estampido. Insisto, debemos agradecer a Álvaro Yunque la traducción de este libro (ARLT, 1994, p.76-77).

Quem ler o prólogo que Álvaro Yunque escreveu para a primeira edição do livro encontrará algumas semelhanças entre as apreciações dos dois autores:

¿Otro gran libro contra la guerra? ¡Bienvenido! Se llama: Sin novedad en el Frente. Su autor es un alemán: Remarque. Su nombre viene a aumentar al lista gloriosa de escritores, beneméritos de la última gran catástrofe (1914-1918), porque nos pusieron ante los ojos repugnados y las conciencias espantadas, todo el horror y la inmundicia de la guerra: Rolland, Lazco, Duhamel, Barbusse, Frank... Ahora, Remarque. ¡Bienvenido! ¡Loado sea! Cumple la misión más noble que cabe a un escritor contemporáneo: la de difundir por el mundo el horror a la guerra. (YUNQUE, 1929)

Arlt, nessa água-forte, colocará em questão o silenciamento no qual são jogadas as vidas assassinadas pela guerra, a mistificação da mesma elaborada pela academia, assim como a cumplicidade da mídia, por questões raciais, no ocultamento das atrocidades dessa violência. Se, conforme Mignolo, o lado escuro da modernidade é a colonialidade, e o que se coloca na escuridão é a violência que motoriza e sustenta o ideal de progresso, o ideal moderno, podemos interpretar que o que Arlt faz nesse artigo publicado num jornal não só é dar visibilidade ao que está oculto, como denunciar aqueles que mantêm essa violência invisível, colocando também em questão o reconhecimento do poder das palavras, o que poderíamos chamar, desde uma perspectiva decolonial, a dimensão epistêmica. Arlt refletirá, nesse texto, acerca do poder que têm os livros sobre os leitores ou, poderíamos dizer, desde uma perspectiva decolonial, sobre a dimensão epistêmica da matriz colonial do poder.

Me daba cuenta de lo siguiente: las ideas adquiridas por ese hombre, los conceptos de academia, de libro escrito en un escritorio y no sobre el dorso de un cañón recalentado de

volatilizar compañías de hombres; todo lo que ese oficial había aprendido en el curso de los estudios se le iba al diablo en esos momentos bajo la realidad de lo que era la guerra, la “guerra como es” no como se la describe o como pueda escribirla un periodista respondiendo a intereses raciales, comerciales o sencillamente estupidez personal.  
(...)

### **Libros disolventes**

Yo creo que las próximas generaciones de militares tendrán otra idea acerca de la guerra. La gran catástrofe del 14 ha provocado tal reacción en los individuos inteligentes de todas las razas, que hoy, con asombro, constatamos que los oficiales nuevos leen esos libros; y leer es recibir influencias; leer significa perder conceptos antiguos para adquirir los nuevos, y lo bueno es que estos conceptos nuevos son contradictorios con el militarismo como profesión y más como profesión activa, es decir, el estado de guerra. Seamos sinceros, absolutamente sinceros:

- ¿Qué es lo que puede pensar de la guerra un militar que se ha leído *El fuego* o *Sin novedad en el frente*? Ese hombre, en conciencia, tiene que sentir un repudio orgánico, inconsciente, filosófico, contra este estado de cosas monstruoso que Barbusse define con estas palabras: “Una guerra son dos ejércitos que se suicidan”. Junto a esta frase de Barbusse está esta otra de Napoleón dirigida a Maternich, el embajador austríaco: “Se me importa un ardite de la vida de cien mil hombres”. Y en otra parte: “Tengo cien mil hombres de renta anualmente”.

### **La educación oficial**

La educación oficial nos enseña a admirar a Napoleón 1º; pero la educación oficial no repite en nuestros oídos esas palabras monstruosas: “Tengo cien mil hombres de renta”. La educación oficial nos enseñará mañana a admirar el heroísmo belga, el francés o el alemán, si nacemos

en Bélgica, Francia o Alemania; pero lo que la educación oficial no nos enseña es el terror de determinados hombres belgas, franceses o alemanes que en las trincheras comprendieron el espanto de la guerra (sin distinción de razas) y que de pronto se tomaron las cabezas, enloquecidos, exclamando:

- ¿Pero esto qué es? ¿La tierra o el infierno? (ARLT, 1994, p.78-79).

Podemos observar que Arlt salienta a força das palavras escritas para invisibilizar, como para fazer ver, e o que é possível ver, após ler essa água-forte e *Nada de novo no Front*, são as marcas desse romance em *Os lança-chamas*. Na terceira parte do romance, intitulada “Día domingo”, sob subtítulo “El enigmático visitante”, Arlt cria uma cena na qual Remo Erdosain está dormindo na comodidade do seu quarto, quando alguém o acorda, dando toques em suas costas. A personagem que ingressa em cena veste as roupas de um soldado da primeira grande guerra europeia, e uma máscara para proteger-se dos gases. Lembremos que a tarefa de Erdosain na *Sociedade Secreta* é criar uma fábrica de gases para acabar com os policiais da Delegacia. E as duas personagens manterão um diálogo no qual poderemos encontrar tanto as apreciações de Arlt quanto de Yunque, sobre a missão maior que pode ter um livro na terra.

- Usted parece que está bastante enfermo, ¿eh?  
El otro, inclina la cabeza, frota el suelo con el taco del botín como los boxeadores que en un ángulo del ring pulverizan la resina con la suela mientras esperan que suene el gong. La visera de su casco de acero le proyecta un semicírculo de sombra hasta los labios.

- Sí, estoy mal. No sé si podré pasar de la noche. Me han gaseado.

- Precisamente, yo estoy estudiando gases.

- ¿Quiere empezar el combate?

- Tenemos que terminar. ¿No le parece a usted que ha llegado la hora? ¿Ha visto el mundo en qué estado se encuentra? Jamás ha pasado la humanidad por una crisis de odio como ahora. Podría decirse que estos últimos años del planeta son como la agonía del libidinoso, que se aferra a



todos los placeres que pasan al alcance de sus manos.

- ¿Qué gas estudia usted para terminar con esto?

- El fosgeno.

El enigmático visitante sonríe prudentemente con leve encogimiento de labios, mientras sus ojos amarillos lanzan destellos de pupila de tigre:

- Sería preferible la “lewisita”. El fosgeno no es malo, pero es inestable.

- Vea que en el índice de Haber da 450 de toxicidad...

- No importa. Nosotros usamos al principio el fosgeno. Después lo dejamos por el sulfuro de etilo biclorado. A pocos días de transcurrido el combate las carnes de los gaseados se rajaban como las de los leprosos. También empleábamos el clorosulfonato de etilo, más cáustico que el fuego. Los hombres tocados por el gas parecían haber bebido ácido nítrico. La lengua se les ponía gruesa como la de un elefante, las entrañas se les consumían como si estuvieran disecándose en bicloruro de mercurio. Para variar el juego, los otros introdujeron la cloroacetona. Me acuerdo de un hombre nuestro a quien se le rompieron los cristales de la careta. A las veinticuatro horas tenía los ojos más rojos que hígados. Era, en verdad, un espectáculo triste y extraño, el semblante amarillo de aquel hombre con dos hígados rojos fuera de las órbitas, que manaban interminables torrentes de lágrimas. Inútil era ponerle compresas de yema de huevo sobre los ojos. Sus desaparecidas pupilas lloraban ríos de lágrimas. Cuando llegó al lazareto de la retaguardia, estaba absolutamente ciego.

Erdosain sonríe imperceptiblemente.

- Lo notable del caso es que todos esos gases infernales los han descubierto honrados padres de familia (ARLT, 2007, p.147).

Esse trecho do romance mostra que, assim como Arlt salienta as consequências da leitura nos leitores, ele também se coloca como leitor e insere, em seu romance, elementos de sua leitura. É preciso levar em consideração a possibilidade de que alguns dos leitores das colunas de

Arlt em *El Mundo* tenham lido *Nada de novo no Front*, seguindo a sugestão da água-forte, depois *Os lança-chamas*, e tenham encontrado as semelhanças entre essa descrição sobre as conseqüências dos gases que aparece na segunda parte do romance. Considerando a leitura que Arlt faz sobre a dimensão econômica da matriz colonial do poder, também encontraremos diferenças ou, para melhor dizer, uma descrição mais aprofundada em *Os lança-chamas* – escrita após a crise de 1929 – do que em *Os sete loucos*.

Na primeira parte do romance, como mencionamos no capítulo anterior, Arlt insere a dimensão econômica, a importância dos recursos naturais, ao descrever a personagem de O Buscador de Ouro, personagem que diz que conseguirá encontrar aquilo que dizem que há, mas que ninguém consegue ver. Em *Os lança-chamas*, Arlt faz o Astrólogo dar uma descrição da dimensão econômica da matriz colonial do poder, que permite entender por que Piglia considerou esse romance uma obra profética, e Arlt um historiador do porvir. Conversando o Astrólogo com o Advogado, outro dos membros da *Sociedade Secreta*, o primeiro explica para o segundo:

- ¿Cuál es el sistema, querido doctor? El siguiente. Los bancos y empresas financieras organizan revoluciones en las cuales a prima facie, aparecen lesionados los intereses americanos. Inmediatamente se produce una intervención armada bajo cuya tutela se realizan elecciones de las que salen elegidos gobiernos que llevan el visto bueno de Norteamérica; estos gobiernos contraen deudas con los Estados Unidos, hasta que el control íntegro de la pequeña república cae en manos de los bancos. Estos Bancos, revise usted la teneduría de libros de la América Central, son siempre el City Bank, el Equitable Trust, Brown Brothers Company; en Extremo Oriente nos encontramos siempre con la firma J.P. Morgan y Cía. Nicaragua ha sido invadida para defender los intereses de Brown Brothers Company. Cuando no es la Standard Oil es la Huasteca Petroleum Co. Vea, aquí, a un paso de nosotros, tenemos a un Estado atado de pies y manos por Estados Unidos. Me refiero a Bolivia. Bolivia, por un empréstito efectuado en el año 1922 de 32 millones de dólares, se encuentra bajo el control del gobierno de los Estados Unidos por

intermedio de las empresas bancarias Stiel and Nicolaus Investment Co., Spencer Trask and City y la Equitable Trust Co. Las garantías de este empréstito son todas las entradas fiscales que tiene el gobierno, controladas por una Comisión Fiscal Permanente de tres miembros, de los cuales dos son nombrados por los bancos y un tercero por el gobierno de Bolivia.

Con los brazos cruzados sobre su blusón el Astrólogo se ha detenido frente al Abogado, y moviendo la cabelluda cabeza insiste como si el otro no pudiera comprender:

- ¿Se da cuenta?... por treinta y dos millones de dólares. ¿Qué significa esto? Que un Ford o un Rockefeller, en cualquier momento, podrían contratar un ejército mercenario que pulverizaría un estado como los nuestros.

- Es terrible lo que usted dice...

- Mas terrible es la realidad... El pueblo vive sumergido en la más absoluta ignorancia. Se asusta de los millones de hombres destrozados por la última guerra, y a nadie se le ocurre hacer el cálculo de los millones de obreros, de mujeres y de niños que año tras año destruyen las fundiciones, los talleres, las minas, las profesiones antihigiénicas, las explotaciones de productos, las enfermedades sociales como el cáncer, la sífilis, la tuberculosis. Si se hiciera una estadística universal de todos los hombres que mueren anualmente al servicio del capitalismo, y al capitalismo lo constituyen un millar de multimillonarios, si se hiciera una estadística, se comprobaría que sin guerra de cañones mueren en los hospitales, cárceles, y en los talleres, tantos hombres como en las trincheras, bajo las granadas y los gases. (ARLT, 2008, p.69-70).

Podemos observar as semelhanças entre as problemáticas descritas pelo Astrólogo, nesse trecho do romance, com as palavras de Lima Barreto em *Os Bruzundangas*, em que o escritor brasileiro colocava em relação os recursos naturais – no caso do Brasil o café –, com os empréstimos que o país acabava tomando. No caso de Arlt, o escritor argentino afirmará que as transnacionais acabarão tomando conta do governo mundial, antecipando o que Mignolo descreve como o

terceiro tempo da colonialidade, quando o poder já não está nas mãos de governos imperialistas, mas sim de corporações financeiras dispostas a tudo para obter as matérias-primas e os recursos naturais necessários para financiar seu poder econômico. Também podemos considerar, sem desenvolver o assunto, porque excede o objetivo desse trabalho, que Arlt, nesse diálogo, aponta para o que o criminólogo Raúl Zaffaroni descreverá como “*genocídio por goteo*” (ZAFFARONI, 2015). Essas estatísticas foram feitas e confirmaram as palavras de Arlt<sup>8</sup>.

Então, temos até aqui que, em Lima Barreto como em Arlt, são abordadas as problemáticas da dependência na qual se encontram nossos países, pela relação entre o preço das matérias-primas e o interesse dos compradores e exportadores dessas matérias-primas, assim como a problemática da dimensão epistêmica da matriz colonial, quer dizer, o fato de que através do conhecimento, do domínio do conhecimento, da promoção de um certo tipo de ideologia, é possível garantir e sustentar uma ordem do mundo, um regime de vida. Mas, como já destacamos, não é possível pensar isoladamente essas dimensões, uma vez que as mesmas encontram-se interligadas mediante o relato moderno, a classificação racial e a ordem normativa patriarcal. E essa ordem normativa não só aparece na dimensão econômica como também na sexualidade humana, na promoção e amplificação de uma ordem patriarcal de relacionamento entre homens e mulheres. Sobre a dimensão social da matriz colonial do poder, que atua sobre a sexualidade, trataremos no próximo capítulo, quando mostraremos como, nos dois romances, o matrimônio aparece como via da salvação, do progresso. Por enquanto, formularemos algumas questões.

Temos que lembrar, desde uma perspectiva decolonial, que nas colônias, o relacionamento entre as pessoas está atravessado pela dimensão racial, considerando-se o racismo não tanto por uma questão de pele quanto pela hierarquização num relacionamento social, no qual uma das partes coloca a outra numa posição de inferioridade. No caso do modelo patriarcal de relacionamento entre homens e mulheres, é a mulher quem é colocada na posição de inferioridade. Sob essa perspectiva, analisando a posição na qual são colocadas as mulheres no romance de Roberto Arlt, podemos observar como são inseridas não só

<sup>8</sup> Ver: *El derecho latinoamericano en la fase superior del colonialismo*, Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, Rio de Janeiro: vol.7, nº2, maio-agosto, 2015, p.182-243.

numa posição de inferioridade com respeito aos homens com os quais se relacionam, quanto numa posição de dependência.

A primeira mulher que aparecerá no romance é Elsa, a mulher de Erdosain, que embora seja quem tomará a decisão da separação, durante toda a história cobrará do marido as humilhações que este lhe fez passar, tudo o que sofreu ao seu lado. A segunda é Hipólita, a mulher de Ergueta. Hipólita casou com o farmacêutico após trabalhar como prostituta e criada. A Coxa, uma prostituta. A Vesga, uma jovem cuja mãe a entrega a Erdosain por dinheiro, com a ilusão de que o homem, supostamente rico, fará progredir sua filha. Elena Espila, que faz parte da família Espila, a quem Erdosain atribui a tarefa de criar a rosa de cobre. Elena sonha casar-se com Erdosain, sair da pobreza e progredir com o trabalho do inventor. E cada uma dessas mulheres, no relacionamento com as outras personagens, sempre darão conta dos maus-tratos dos quais foram vítimas.

Mas não só aparece a colonialidade do poder na hierarquização dos relacionamentos: podemos observar em Erdosain também o racismo por uma questão de pele, na cena na qual Elsa encontra-se no monastério de freiras, para onde foi após se separar do militar pelo qual tinha deixado Erdosain. Elsa relatará, para dar conta das humilhações pelas quais seu marido lhe fez passar, um diálogo entre eles, no qual Erdosain lhe conta que declarou seu amor a uma mulher negra.

- A una negra, aunque no lo creas. Sí, a una negra. Ella me miraba estupefacta, pero como yo le hablaba seriamente, me dijo: ‘Caballero, dirijase a mi padre’. El padre era cartero. Lo conocí. ¡Si supieras lo que me he reído! El negro quería que le diera informes de mi posición social. Era cosa de morirse. - Y Erdosain lanza tales carcajadas en el dormitorio a oscuras, que Elsa, repugnada, le advierte:

- Mirá... Si no te callás la boca, me visto y me voy.

Erdosain continúa, implacable:

- Ya ves. Me he hundido en todos los pozos. Nadie sabe qué longitud tiene el camino de la perversidad, pero siempre, al lado de cualquier monstruo, lindo o feo, me he acordado de tu vida desdichada, y cuanto más creían tenerme junto a sí, más junto a vos me sentía... (ARLT, 2008, p. 117)

Esse desrespeito, racismo, que Arlt coloca na boca de Erdosain, também podemos encontrar nas águas-fortes que o autor escreveu em sua primeira saída da Argentina, quando visitou o Brasil, em 1930, antes de publicar *Os lança-chamas*. Nas crônicas dessa viagem, compiladas em *Águas-fortes cariocas* (2013), observamos como o narrador se coloca numa posição de superioridade com respeito ao Brasil e aos brasileiros. Resulta interessante observar como, à medida que as crônicas avançam, Arlt vai modificando algumas de suas apreciações, embora as descrições que faça pareçam próprias do relato de um conquistador, que na sua primeira visita a terras estrangeiras, pensa que já consegue entender tudo o que acontece ao redor, assim como afirmar que aquilo que ele não consegue ver não existe. Ou, ainda pior, considerar que Buenos Aires é a melhor cidade da América do Sul, sendo que é a primeira vez que Arlt viaja para fora da Argentina. Mas uma coisa que merece ser levada em consideração é o impacto que terá sobre o autor o fato de descobrir que o fim da escravidão no Brasil se deu em 1888.

Retomando a analogia que Mignolo fez entre Wallerstein e Quijano, afirmando que um entendeu o conceito do colonialismo, mas o outro sentiu a colonialidade, e a nossa analogia, que o mesmo poderíamos afirmar sobre Lima Barreto e Arlt, podemos dizer que nas crônicas que o escritor argentino fez sobre os dois meses que esteve no Brasil, e tomando as conceitualizações descritas por Frantz Fanon em *Os condenados da terra*, poderíamos considerar a posição discursiva de Arlt como a de um colonizado. Isso porque, seguindo Mignolo, que segue Fanon, o racismo e a colonialidade do ser são uma e a mesma operação cognitiva sustentada, no plano filosófico, na matriz colonial do poder. Para adentrar no assunto, tomemos a teoria elaborada por Fanon na obra referida, para logo inserir trechos das águas-fortes cariocas, com o objetivo de mostrar como aquilo que afirma o escritor argelino em 1961 encontra-se já nas palavras de 1930 do escritor argentino.

Detenhamo-nos no livro do escritor, militante, psiquiatra argelino, membro da Frente de Liberação Nacional, quem sabendo que iria morrer de leucemia, escreveu essa obra para deixar como legado para a militância anticolonialista. *Os condenados da terra* é uma obra dividida em cinco partes: 1) Da violência; 1.1 Da violência no contexto internacional; 2) Grandeza e fraqueza da espontaneidade; 3) Desventuras da consciência nacional; 4) Sobre a cultura nacional; 4.1 Fundamentos recíprocos da cultura nacional e das lutas de libertação e 5) Guerra colonial e perturbações mentais. De saída, o autor afirma que a

descolonização é um fenômeno violento e que “a descolonização é simplesmente a substituição de uma ‘espécie’ de homens por outra ‘espécie’ de homens (FANON, 1968, p.25). Por conta dos objetivos desse trabalho, não analisaremos as vias à descolonização propostas por Fanon; simplesmente sublinharemos suas caracterizações do fenômeno colonial.

Uns dos objetivos de Fanon com esse livro é discutir com os intelectuais da sua época, os intelectuais africanos, que no contexto das lutas de liberação nacional na África, se colocam do lado dos colonialistas, repetindo a lógica da colonialidade, contribuindo para o ocultamento das culturas locais, assim como com a subsunção das mesmas à hierarquização branca, ocidental, europeia. Fanon leva em consideração, desde uma perspectiva psicológica, clínica, o fenômeno da descolonização dos intelectuais, estabelecendo diferentes etapas as quais o intelectual atravessará nesse processo. Deter-nos-emos nesse aspecto, sendo que é possível considerar Lima Barreto como um intelectual em processo de descolonização, mas não podendo considerar Arlt nem nesse processo, nem um intelectual. Para sustentar essa afirmação, consideremos a definição de intelectual de Antônio Gramsci, conforme a qual:

Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais. [...] O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste, em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento [...] O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso os jornalistas – que crêem ser literatos, filósofos, artistas- acreditam também ser os “verdadeiros” intelectuais. [...] O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente” ... (GRAMSCI, 1968, p. 10–11).

Fanon salienta que ao colonialismo não basta encerrar o povo em suas malhas, esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e conteúdo.

“Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido, deforma-o, desfigura-o, aniquila-o. Essa tarefa de desvalorização da história do período anterior à colonização adquire hoje sua significação dialética” (FANON, 1968, p.175). Nessa situação, conforme o autor, talvez inconscientemente, os intelectuais colonizados, não podendo apaixonar-se pela história atual do povo oprimido, escolhem ir além do momento atual, e acabam descobrindo no passado a dignidade, a glória. “O intelectual colonizado que situa seu combate no plano da legitimidade, que quer fornecer provas, que aceita desnudar-se para melhor exibir a história de seu corpo, está condenado a esse mergulho nas entranhas de seu povo” (Ibidem).

Com essa afirmação, poderíamos pensar em inserir Lima Barreto dentro da definição do intelectual colonizado que mergulha nas entranhas de seu povo para mostrar as marcas da história no seu corpo, mas se continuamos lendo o texto de Fanon, ficamos sem dúvidas de que o escritor brasileiro, mais uma vez, coloca sua produção artística em série com o pensamento decolonial. Diz Fanon:

O mergulho não é especificamente nacional. O intelectual colonizado que resolve travar combate com as mentiras colonialistas, há de lutar em escala continental. O passado é valorizado. A cultura, que é arrancada do passado para ser exibida em todo o seu esplendor, não é a de seu país. O colonialismo, que não graduou seus esforços, nunca cessou de afirmar que o negro é um selvagem, e o negro para ele não era nem o angolense nem o nigeriano. Falava do Negro. Para o colonialismo, este vasto continente era uma toca de selvagens, uma região infestada de superstições e fanatismo, fadada ao desprezo, atingida pela maldição de Deus, terra de antropófagos, terra de negros (FANON, 1968, p.176).

Tomemos, por exemplo, o artigo “Vários Autores e Várias Obras”, de Lima Barreto, publicado em 6 de dezembro de 1920 na *Gazeta de Notícias*. O texto foi publicado em *Impressões de leitura* (1961), livro que tem como primeiro texto *O destino da literatura*, uma conferência literária que Lima Barreto publicou na Revista Sousa Cruz de Rio de Janeiro, no número de outubro e novembro do ano de 1921. Ali o escritor compartilhou alguns aspectos do método literário,



fundamental se pensamos que o escritor considerava que a grande literatura é militante. Afirmar, em sua conferência, que a conferência literária é um gênero de literatura, uma arte de sociedade, “que fica um pouco acima do jôgo de prendas e muito abaixo de um *step* qualquer; e eu, apesar de ser um sujeito sociável e que passo, das vinte e quatro horas do dia, mais de quatorze na rua, conversando com pessoas de tôdas as condições e classes, nunca fui homem de sociedade: sou um bicho-do-mato” (BARRETO, 1961, p. 52).

Em “Vários Autores e Várias Obras”, Lima Barreto critica o livro *Casados... na América* (1920) de Carlos Vasconcelos, afirmando que é livro de um grande escritor, mas manifestando também sua antipatia pelos Estados Unidos. Nesse texto, o autor de *Triste fim...* antecipa a unidade latino-americana que aconteceria no início da década de 2000, embora tenha errado por trinta anos. “Não dou cinqüenta anos para que todos os países da América do Sul, Central e o México se coliguem a fim de acabar de vez com essa atual opressão disfarçada dos *yankees*, sôbre todos nós; e que cada vez mais se torna intolerável” (BARRETO, 1961, p.101). Se, conforme Fanon, o intelectual colonizado resolve travar combate com as mentiras colonialistas e lutar em escala continental, podemos considerar correto, após essa citação do autor carioca, inserir Lima Barreto dentro do que Fanon considera um intelectual colonizado em processo de descolonização.

Conforme Fanon, esse processo de descolonização do intelectual atravessa diversas fases que caracterizam tal evolução, que o autor divide em três tempos. Em um primeiro momento, o intelectual colonizado prova que assimilou a cultura do ocupante, a inspiração é europeia, e pode-se colocar sua obra em série com uma corrente bem definida da literatura metropolitana. Numa segunda etapa, o intelectual sofre um abalo e resolve recordar. Esse período corresponderia com o mergulho referido por Fanon. “Mas como não está inserido em seu povo, como mantém relações de exterioridade com seu povo, o colonizado contenta-se em recordar. Velhos episódios da infância surgirão do fundo da memória, velhas lendas serão reinterpretadas em função de uma estética de empréstimo” (FANON, 1968, p.184). Diz Fanon que, algumas vezes, essa literatura de pré-combate será dominada pelo humor e pela alegoria. Enfim, num último momento, que o autor chama de combate, o colonizado, depois de ter tentado perder-se no povo, perde-se com o povo.

“Literatura de combate, literatura revolucionária, literatura nacional. No curso dessa fase, um

grande número de homens e mulheres que até então jamais haviam pensado em fazer obra literária, agora que se vêem colocados em situações excepcionais, na prisão, nas matas ou aguardando a execução, sentem a necessidade de falar de sua nação, de compor a frase que exprime o povo, de se fazer porta-voz de uma nova realidade em atos (FANON, 1961, p.185).

Lima Barreto não esteve preso, mas esteve no hospício, instituição que tem muitas semelhanças com uma prisão, no entanto as duas são instituições fechadas, disciplinares, regidas pelo vigiar e punir descrito por Michel Foucault (FOUCAULT, 1983). Analisando o processo de leitura no qual o autor carioca insere Policarpo Quaresma, processo que dá conta da leitura do autor, poderíamos achar uma semelhança com os três tempos descritos por Fanon. Quando o narrador descreve os autores que o Major lê, começa dando provas da sua formação clássica, positivista, de influências europeia, para após mencionar seus estudos da cultura tupi-guarani, e sua procura das histórias e cantos da infância, que vai buscar na casa da Tia Maria Rita. Sem dúvida nenhuma, podemos enquadrar a literatura de Lima Barreto dentro da literatura do combate, porque o mesmo tinha esse objetivo. “A começar por Anatole France, a grande literatura tem sido militante” (LIMA BARRETO, 1961, p.72), afirmou o autor em “Literatura militante”, artigo publicado em *A.B.C.*, em 7 de setembro de 1918.

Voltemos para Fanon, para depois trazer as águas-fortes de Arlt e assim mostrar as diferenças entre o posicionamento do autor brasileiro e o autor argentino. Em *Os condenados da terra*, Fanon afirma que “A discussão do mundo colonial pelo colonizado não é um confronto de pontos de vista. Não é um discurso sobre o universal, mas a afirmação desenfreada de uma singularidade admitida como absoluta” (FANON, 1968, p. 30). Conforme o autor,

Por vezes este maniqueísmo vai até ao fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o, é uma linguagem zoológica. Faz alusão aos movimentos réptis do amarelo, às emanações da cidade indígena, às hordas, ao fedor, à pululação, ao bulício, à gesticulação. O colono, quando quer descrever bem e encontrar a palavra

exata, recorre constantemente ao bestiário (FANON, p.1968, p.30).

Tomemos agora alguma das águas-fortes escritas por Arlt no Brasil, textos nos quais o autor, em diversas oportunidades, fará referência à população negra, de forma racista, assim como também manifestará não se interessar pela história colonial. Mas isso não impedirá que, no momento que em descobre a data do fim da escravidão no Brasil, fique afetado. Em “Y la vida nocturna ¿Dónde está?”, publicada em 11 de abril de 1930, Arlt fará uma crítica racista da população negra, crítica que, como afirmamos, não só expressará a hierarquização social própria do colonialismo como também a mentalidade ou as práticas próprias do colonizado, conforme os conceitos de Fanon que mencionamos. Para mostrar essa hierarquização, a utilização do “bestiário” e a afirmação de uma singularidade admitida como absoluta, citaremos trechos dessa água-forte, assim como de outras.

Uma semana após sua chegada no Rio de Janeiro, Arlt não consegue achar a vida noturna na cidade, não sabe onde que tem que ir para passar uns bons momentos. E, como não consegue achar aquilo que procura, acaba considerando que aquilo não existe. O problema de Arlt é que procura achar numa outra cidade os mesmos costumes que existem em Buenos Aires, como os homens passando o tempo no café. O cronista conta que caminha à noite pelas ruas, e surpreende-se de cruzar pessoas negras que riem sozinhas.

Yo concibo que se acuesten a las once o diez de la noche los recién casados. Admito que el propietario de alguna de estas *meninas* no se descuide y a las diez y cuarenta piante diligentemente hacia el nido. Soy humano y comprensivo. Me lo explico y mucho más aquí. Pero ¿Y la juventud suelta y libre? “El divino tesoro” la apoliya también. A las once, a más tardar, se calafatea el catre; y usted gira que gira desesperado por estas calles solitarias donde, de vez en cuando, se tropieza con un negro, que sin estar borracho va riéndose y conversando solo. Es notable la costumbre de los grones. Deben conversar con el alma de sus antepasados, los

beduinos o **los antropoides** (ARLT, 2013, p. 58, grifo nosso).

Lembremos as palavras de Fanon sobre a linguagem zoológica. Um dia após essa água-forte é publicada no jornal *El Mundo* “Trabajar como negro”, crônica na qual o autor continua escrevendo sobre a população negra. Arlt referira-se em diversas oportunidades às pessoas negras com linguagem zoológica, no dizer de Fanon. É por essa razão que transcreveremos vários trechos da água-forte:

Nosotros los porteños decimos “trabajar como negro”. Pero en Buenos Aires los negros no laburan como no sea de ordenanza, que es el trabajo más cómodo que se conoce y que parece exclusivamente inventado para que los grones porteños lo desempeñen en las porterías de todos los ministerios y reparticiones públicas. Fuera de dicha actividad, el grone ciudadano se tira a muerto. **Ha nacido para ser ordenanza** y se acuerda de esa célebre frase: “Serás lo que debas ser, o no serás nada” (entre paréntesis, esa célebre frase es una reverenda macana) y el grone la sigue escrupulosamente. No la yuga, como no sea de librería y en la antesala de un ministerio.

### **El negro brasileño**

¡Este sí que trabaja como negro! Mejor dicho: ahora sí que he constatado lo que significa “trabajar como negro”. Bajo un sol que derrite las piedras, uno de esos soles que lo hacen sudar a usted como un filtro y que atrudirían a un lagarto, el negro brasileño, descalzo sobre las veredas candentes, acarrea adoquines, conduce bultos, sube escaleras cargado de fardos tremendos, maneja el pico, la pala; levanta rieles... Y el sol, el sol brasileño cae sobre su **lomo de bestia negra** y la tuesta lentamente, le da un brillo de ébano recalentado en el horno. Se desempeña en los trabajos más brutales y rudos, en aquellos que aquí hacen retroceder al blanco.

Sí, donde el nativo pálido o el obrero extranjero retrocede, para ocupar el puesto está el negro. Y trabaja. Usted se siente desmayar de calor en la

sombra; y el negro, entre una polvareda de arena, entre chispas de sol, yuga, yuga **pacientemente como buey**: va y viene con pedruscos, sube escaleras empinadas bárbaramente con enormes cestos de arena; y siempre con el mismo ritmo, un paso lento, **parsimonioso de buey. Así, de buey.** Por un jornal escaso. Es silencioso, casi triste. Debe ser la tristeza de los antepasados. ¡Vaya a saber qué!

(...)

Pensando se me ocurrió que en estos cerebros vírgenes, las pocas ideas que nacen deben producir una intensidad tal, que de pronto el hombre se olvida de que lo escucha un fantasma, y el fantasma se convierte para él en un ser real. Los he observado también en los alrededores del puerto. Forman círculos silenciosos, que se calientan al sol.

Una fuerza espantosa estalla en sus músculos. Hay negros que son estatuas de carbón cobrizo, máquinas de una fortaleza tremenda, y sin embargo algo infantil, algo de **pequeños animalitos se descubre bajo su semicivilización.** Viven mezclados con el blanco: aquí encuentra usted a una señora bien vestida, blanca, en compañía de una negra; pero el negro pobre, el negro miserable, el que habita en los rancharíos del Corcovado y Pan de Azúcar, me da la sensación de **ser un animal aislado, una pequeña bestia que se muestra tal cual es, en la oscuridad de la noche, cuando camina y se ríe sólo, charlando con sus ideas.**

Le prevengo que entonces el espectáculo tiene más de fantástico que de real. Un negro en la oscuridad es sólo visible por su dentadura y su pantalón de color al pasar bajo un coco. Frecuentemente va descubierto, de modo que imagínese usted la sensación que se puede experimentar, cuando en las tinieblas escuche una **risita de orangután**, un cuchicheo de palabras; es un africano descalzo, que camina moviendo los hombros y reteniendo su misteriosa alegría.

(...)

¿Con quién hablan? ¿Tendrán un tótem que el blanco no puede nunca conocer? ¿Distinguirán en

las noches el espectro de sus antepasados? ¿O es que recuerdan los tiempos antiguos cuando, **felices como las grandes bestias**, vivían libres y desnudos en los bosques, persiguiendo simios y domando serpientes?

Uno de estos días me ocuparé de los negros: de los negros que viven en perfecta compañía con el blanco y que son enormemente buenos **a pesar de su fuerza bestial** (ARLT, 2013, p. 61-64, grifo nosso).

Nessas palavras de Arlt encontramos: a lógica do colonialismo, da colonialidade, a dimensão epistêmica da colonialidade, a colonialidade do ser; tudo isso junto, numa água-forte, caracteriza o texto a partir de um racismo supino. E salientamos esse último aspecto, porque no caso de Arlt, trata-se de um autor que tem conhecimento da problemática das classes sociais mas, ainda assim, começa afirmando que os negros na Argentina “nascem para ser porteiro”, como se o lugar social na distribuição do trabalho, na qual a população negra é colocada em Buenos Aires, não tivesse relacionamento com o racismo. Arlt, afirmando ainda mais seus preconceitos raciais, continua sustentando a ideia do negro preguiçoso, mas insere uma diferenciação entre os negros argentinos, que seriam os preguiçosos, porque escolheriam trabalhar de porteiros, e os negros que se esforçam, que seriam os brasileiros.

A posição discursiva na qual se coloca Arlt nos faz lembrar do que Fanon escreveu à respeito das semelhanças entre os negros da África e os da América, assim como dos brancos que habitam ambos os continentes. Conforme o autor argelino, os negros que se encontram nos Estados Unidos e na América Latina tinham a necessidade de agarrar-se a uma matriz cultural, os problemas que se apresentavam diante deles não diferiam muito daqueles com que se confrontavam os negros na África. “Com relação a eles, os brancos da América não se comportavam diferentemente dos que dominavam os africanos. Vimos que os brancos estavam acostumados a pôr todos os negros no mesmo saco” (FANON, 1968, p.179). As águas-fortes de Arlt confirmam as palavras de Fanon.

Mas esta não será a única diferença entre brancos e negros que a pluma de Arlt grava no texto. Começemos por reconhecer a posição na qual o escritor se coloca. Ele é de Buenos Aires, pertence à civilização; os negros são pequenos animais “semi-civilizados”. Arlt cruza na rua uma mulher branca acompanhada de uma mulher negra e considera que os negros e brancos vivem misturados, não faz referência nenhuma à

razão pela qual uma mulher negra acompanharia uma mulher branca com boas roupas, porque Arlt, no Rio de Janeiro, não olha a cidade levando em consideração a problemática colonial. Um mês após essa água-forte, escreverá “No me hablen de antigüedades”, publicada em 6 de maio de 1930, na qual deixa claro que não tem interesse nenhum pela história do continente. Dirá que só sente vontade de destruir as casas coloniais, que não se interessa pelas construções do século passado e que não se interessa em escrever sobre as ruas do Rio, porque não consegue encontrar o componente do progresso, os seres humanos na via da evolução.

No próximo capítulo mostraremos como se expressam, em *Triste fim...* e em *Os sete loucos*, as personagens no caminho do progresso, as vidas indo na direção da evolução moderna. Por ora, citaremos dois trechos dessa água-forte, para mostrar o desinteresse de Arlt pelo passado.

- Una de dos; o nos engañamos a nosotros mismos y engañamos a los demás, o confesamos que el pasado no nos interesa. Y eso es lo que me ocurre a mí. Otro señor podrá hacer de las iglesias de Río un capítulo de novela interesante. A mí no me parece tema ni para una mala nota. ¿Estamos? Otro señor podría hacer de las callejuelas torcidas de Río un poema maravilloso. A mí, el poema y la callejuela me fastidian. Y me fastidian porque **falta el elemento humano en su estado de evolución.** El paisaje sin hombres me revienta. Las ciudades sin problemas, sin afanes y los hombres sin asunto psicológico, sin preocupaciones, me achatán.

Cuando yo miro la cara de un operario porteño sé lo que piensa. Sé qué afanes lleva en su interior. Sé que estoy en presencia de un elemento inquietante social. Aquí, encuentro gentes que, con tal de ganar para el *feyon*, viven felices. Esto me indigna.

(...) Algunos me dicen que la culpa es de los negros; otros de los portugueses, y yo creo que la culpa es de todos, y la civilización sigue en marcha. En nuestro país había negros y había de todo, y la civilización sigue su marcha. No entiendo por “civilización” superabundancia de

fábricas. Por “civilización” entiendo una preocupación cultural colectiva. Y en nuestro país existe, aunque sea en forma rudimentaria. Aquí, la cultura de clase media es de un afrancesamiento ridículo (ARLT, 2013, p.142-144, grifo nosso).

Com essas águas-fortes selecionadas, fica claro o desinteresse de Arlt pela história, por um conhecimento aprofundado das problemáticas sociais, à diferença de Lima Barreto. Lendo as apreciações de Arlt sobre a população negra, considerando-a um grupo humano que não está na via do progresso, “semi-civilizado”, chegam a nós as palavras de Aimée Césaire, em *Discurso sobre o colonialismo*, no qual o autor escreveu sobre a população negra, citando Leo Frobenius: “‘Civilizados até a medula! A ideia do negro bárbaro é uma invenção europeia’. O pequeno burguês não quer ouvir mais nada. Com um bater de orelhas, afugenta a ideia. A ideia, a mosca importuna” (Césaire, 1978, p.37).

Basta ler “Fiesta de la abolición de la esclavitud”, publicada em 14 de maio de 1930, para observar que as palavras de Césaire bem poderiam ser dirigidas a Arlt. Nessa água-forte, o escritor narra a ocasião em que lhe contaram sobre o fim da escravidão no Brasil. Citaremos alguns trechos do texto para mostrar o desinteresse do autor pelo assunto, o impacto da notícia nele, que prefere afastar a mosca.

Hoy almorzando en compañía del señor catalán a quien no nombraré por razones que ustedes pueden adivinar, me dijo:

- El 13 de mayo es fiesta nacional...

¡Ah! ¿Sí? Y continué echando aceite en la ensalada.

- Fiesta de la abolición de la esclavitud.

- Está bien.

Y como el asunto no me interesaba mayormente, dedicaba ahora mi atención a graduar la cantidad de vinagre que echaba en lo verde.

- La semana que viene, hará cuarenta y dos años que fue abolida la esclavitud.

Pegué tal brinco en el asiento, que la mitad de la vinagreta fue a parar a la ensalada.

- ¿Cómo ha dicho? - repliqué espantado.



- Sí, cuarenta y dos años bajo la regencia de doña Isabel de Braganza, aconsejada por Benjamín Constant. Doña Isabel era hija de don Pedro II.
  - ¿Cuarenta y dos años? ¡No es posible!
  - El 13 de mayo de 1888 menos 1930: 42 años...
  - Es decir...
  - Que cualquier negro de cincuenta años que usted encuentre hoy por las calles ha sido esclavo hasta los 8 años de edad; el negro de 60, esclavo hasta los 18 años.
  - Entonces: ¿esas negras viejas?
  - Fueron esclavas...
  - ¡Pero no es posible! Usted debe estar equivocado. No será en el año 1788... Vea: yo creo que está equivocado. No es posible.
  - Hombre; si no me cree, averigüe por ahí.
  - (...)
  - Es decir que esos blancos viejos, de aspecto respetable que uno encuentra en automóviles particulares...
  - (...)
- Y todavía no me resuelvo a reportear a un ex esclavo. No sé. Me da una sensación de terror entrar al “País del Miedo y el Castigo”. Lo que me han contado me parecen historias de novelas... prefiero creer que lo que escribió Alencar, temblando de indignación, es una historia sucedida en un país de fantasía. Creo que es mejor (ARLT, 2013, p.167-169).

Lendo essas palavras, podemos observar não só o desinteresse de Arlt pela problemática da escravidão antes de saber a data do fim desta no Brasil, bem como sua falta de interesse em informar-se para noticiar desde o jornal a Lei do Ventre Livre, também conhecida como Lei Rio Branco, sancionada em 28 de setembro de 1871, declarando de condição livre os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir daquela data, assim como a possibilidade de que as pessoas escravizadas pagassem indenização sobre o preço que o senhor lhes havia colocado, sendo assim concedida sua alforria, além da vontade do seu proprietário. Além disso, a lei estabeleceu a criação do Fundo de Emancipação, pelo qual promovia-se em cada estado a libertação das pessoas escravizadas, assim como o registro de todas as pessoas escravizadas, sendo que,

aquelas pessoas escravizadas que não fossem matriculadas pelos escravistas, até certo prazo, seriam automaticamente consideradas libertas (KRIEGER, 2010).

Aliás, sobre a falta de informação de Arlt, cabe salientar que o escritor, desde um jornal, afirma que é preferível não pensar naquilo, considerar as histórias da violência da escravidão, a comercialização de pessoas, histórias de romances; sendo que em *Os sete loucos* ele coloca a questão da segregação e violência racial nos Estados Unidos, referindo-se à Ku-Klux-Klan; e coloca essa questão na mesma cena na qual o Astrólogo conversa com Haffner sobre a possibilidade de financiar seu projeto com uma rede de exploração de pessoas por meio da prostituição. Mas, seguindo as afirmações de Mignolo, poderíamos pensar que Arlt prefere e promove deixar na escuridão a colonialidade, não se aproximar do racismo que fez possível a modernidade, colocando o foco, simplesmente por falta de conhecimento, sobre a questão de classe. E é por esse motivo que nos romances de ambos os autores encontraremos propostas diferentes para acabar com a injustiça social ou o capitalismo.

## **2.1. Entre a liberação e a emancipação**

Mignolo aponta para a necessidade de diferenciar o capital do capitalismo, para não cair na armadilha da modernidade na qual até o próprio Marx teria sido capturado, com a ideia da necessidade da revolução burguesa para passar à seguinte etapa do progresso, a revolução socialista (MIGNOLO, 2010). Entendemos que o autor, seguindo Wallerstein e Quijano, à diferença do filósofo alemão, entende o capitalismo como um sistema econômico que surgiu como consequência da apropriação dos recursos naturais da América, junto com a comercialização de pessoas da África. Nas palavras de Fanon: “A Europa é literalmente a criação do Terceiro Mundo. As riquezas que a sufocam são as que foram roubadas aos povos subdesenvolvidos” (FANON, 1968, p.81). Mignolo dirá que a retórica da modernidade oculta e mantém em *segredo* a matriz colonial do poder. Nas palavras de Fanon, diríamos que, ao analisar os mecanismos empregados para o ocultamento da violência tão característicos da época colonial, “nada foi feito ao acaso e que o resultado global pretendido pelo domínio colonial era convencer aos indígenas de que o colonialismo devia arrancá-los das trevas” (idem, p. 175).

Como referido no primeiro capítulo, o pensamento decolonial é um pensamento fronteiro, coloca-se nas bordas da modernidade, tentando ir além dela, mas não com a ideia de acabar e destruir aquilo de valioso que a modernidade tem contribuído, bem como acabar com o totalitarismo do universal, que torna o pensamento ocidental e seus valores como padrão de medida e destino das sociedades do universo. Nas palavras de Aimée Césaire, um dos pensadores e teóricos referentes do pensamento decolonial:

Então – dir-me-ão- o verdadeiro problema é retornar a elas. Não, repito. Nós não somos os homens do “ou isto ou aquilo”. Para nós, o problema não é de uma utópica e estéril tentativa de reduplicação, mas de uma superação. Não é uma sociedade morta que queremos fazer reviver. Deixamos isso aos amadores do exotismo. Não é tão-pouco a sociedade colonial atual que queremos prolongar, a carne mais imunda que jamais apodreceu debaixo do sol. É uma sociedade nova que precisamos criar, com a ajuda de todos os nossos irmãos escravos, rica de toda a potência produtiva moderna, cálida de toda a fraternidade antiga (Césaire, 1978, p.36).

Podemos considerar que as palavras de Césaire localizam-se em série com as do Major Quaresma. O objetivo de Policarpo não é fazer do Brasil a República Tupinambá, mas retomar os conhecimentos, sua inteligência através da recuperação da língua, uma vez que, como mencionamos no primeiro capítulo, conforme o Major Quaresma “a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática” (BARRETO, 2004, p.50-51). Embora, desde uma perspectiva decolonial, a proposta de Policarpo não teria que ser inserida em um projeto emancipatório, mas sim em um processo de liberação. Mignolo desenvolve essa diferença no livro *La idea de América Latina*, no qual salienta que a ideia de emancipação surgiu de uma nova classe social, a burguesia, formada por homens brancos, educados na cosmologia cristã, conforme os planos de estudo das universidades de ilustração. A principal diferença que Mignolo aponta é que, enquanto os projetos emancipatórios continuam dentro do marco da modernidade, seguem o modelo da república francesa, os processos de liberação têm uma perspectiva decolonial, colocam em questão o

diferencial linguístico, que dá forma aos modos de produção e circulação do conhecimento.

As diferenças que Mignolo estabelece entre liberação e emancipação são sustentadas em *La filosofía de la liberación* (1977), de Enrique Dussel. No contexto das guerras pela liberação nacional na África, o filósofo argentino prefere utilizar o termo *liberação*, em vez de *emancipação*, por colocar esse último no discurso da ilustração europeia. Nessa obra, Dussel esclarece que prefere falar em liberação porque o conceito e a ideia de *emancipação* funda-se em três experiências europeias: a Revolução Gloriosa de 1688; a independência dos colonos da Nova Inglaterra e da Virgínia do império britânico; e a Revolução francesa. Conforme o autor, as três experiências revolucionárias, junto com a revolução russa de 1917, responderam aos princípios da modernidade, ainda que umas tivessem conteúdo socialista/marxista e outras capitalista/liberal. A *emancipação*, conforme Dussel, foi o conceito utilizado para afirmar a liberdade de uma nova classe política, a burguesia. A *emancipação* pressupõe mudanças, mas dentro do Estado moderno, sem colocar em questão a lógica da colonialidade, nem o racismo.

Já a *liberação* iria na direção de um processo decolonial, porque trataria de liberar-se da matriz colonial do poder mediante um desligamento do controle epistêmico que o poder colonial estabelece com o controle do conhecimento, controle que começa com a institucionalização da língua dos colonizadores. Porém, Mignolo nos dirá que *emancipação* e *liberação* são duas faces da mesma moeda, porque, enquanto a *emancipação* captura o momento da etno-classe emergente – a burguesia –, a liberação, ao capturar a diversidade racial dos etno-grupos colonizados, coloca-se no campo da modernidade, mas ao considerar a colonialidade, iria em direção à descolonização (MIGNOLO, 2010).

Desde Quijano, analisar a retórica da modernidade, a lógica da colonialidade, faz parte do processo de descolonização do saber (QUIJANO, 1992), porque quando se consegue mostrar que a modernidade é uma tela que oculta a lógica da colonialidade, começa um processo de liberação de categorias de pensamentos, formas de vida, silenciados, segregados, junto com a liberação de horizontes de vida possíveis, ocultos sob o horizonte único da modernidade sem fim. Como mencionamos no primeiro capítulo, desde a perspectiva de Quijano, assim como de Mignolo, o objetivo do pensamento decolonial não é substituir um horizonte por outro, mas sustentar a possibilidade de muitos horizontes.

É por esse motivo que, mesmo os projetos chamados de revolucionários sob uma perspectiva socialista, série na qual podemos colocar o projeto do Astrólogo, não são projetos de liberação, uma vez que sua proposta de acabar com o capitalismo sustenta a tese de preservar, para isso, o mesmo Estado burguês, na etapa do socialismo, até que, superada essa etapa, se alcançasse o comunismo (LENIN, 2007). Essa ideia de etapas para a liberação está estruturada sob a mesma lógica moderna, progressiva, mediante a qual se teria que superar uma etapa para chegar até o objetivo proposto, seja este a salvação cristã, a constituição do Estado, a consolidação da democracia, o desenvolvimento tecnológico, o socialismo, o comunismo, ou o que se quiser alcançar como consequência do seguimento de etapas previstas.

Mas, se relacionarmos Fanon às propostas do Major Quaresma e do Astrólogo, teremos uma interessante combinação de semelhanças e diferenças: enquanto desde uma perspectiva decolonial, desde a teorização de Fanon, é indispensável a liberação da cosmologia colonial ou, nas palavras de Quaresma, a emancipação linguística como via para a emancipação política, para o argelino a violência é condição da descolonização. Devemos lembrar que Fanon escreve seu último livro como militante da Frente de Liberação Nacional, organização armada que lutou contra o imperialismo francês. Mas para Policarpo, a violência não é uma opção. Tomando o romance de Arlt, encontramos com o projeto do Astrólogo, uma proposta socialista, na qual, seguindo Lenin, a personagem considera que não é possível conceber uma revolução sem matar alguém; trata-se de um projeto que poderia ser colocado em série com o projeto político da FLN, uma vez que tem como objetivo acabar com o capitalismo, mas é um projeto que não tem como objetivo mudar as bases da modernidade, trocar os termos da conversação.

Temos com o Major Quaresma que é preciso colocar em questão as bases da modernidade, sua cosmologia, tirar das trevas a violência que funda o progresso, por em questionamento, desde a língua, a cosmologia ocidental; e do lado do Astrólogo uma proposta que, como já indicamos, promove a colonialidade, criar as condições do progresso social sobre a base da exploração e comercialização de pessoas, no caso, a rede de prostituição, sobre a base da violência, a criação de uma fábrica de gases para acabar com os delegados de polícia e criar, através da violência, as condições para uma revolução. No caso da proposta de Fanon, a qual não vamos desenvolver, porque excede o objetivo desse trabalho, não há descolonização sem violência e sem colocar em questão o domínio colonial sobre as subjetividades, a partir do domínio e direção do conhecimento que coloca-se em circulação.

O que nos diz Mignolo é que, quando se coloca o foco no contexto colonial, fica evidente que o que ele divide é o racismo; o fato de pertencer a uma ou outra raça, de ter acesso à difusão do conhecimento ou não. Nas colônias, a infraestrutura econômica é também uma superestrutura, porque a causa é a consequência. Se é rico é porque é branco, é branco porque é rico. “Este es el motivo por el cual, el análisis marxista siempre debe estirarse ligeramente cada vez que tiene que tratar con el problema colonial (MIGNOLO, 2010, p.79)”, afirma o crítico, salientando que, desde a perspectiva marxista, não é levada – na maioria das vezes – em consideração a questão colonial, o colonialismo como possibilidade do surgimento do capitalismo, além da revolução industrial. No caso de Arlt, encontramos-nos com a mesma problemática.

Assim, o escritor argentino tem ganhado reconhecimento por tratar, em sua literatura, das problemáticas dos trabalhadores; sua abordagem, como ficou demonstrado nas águas-fortes cariocas, não leva em consideração a questão racial, colonial, mas sim uma análise em termos de classe. Arlt afirma que o negro que é porteiro o é porque escolhe esse trabalho, por preguiçoso, não pelo ordenamento social que estabelece que o lugar dos negros na sociedade é servir aos brancos. Arlt lê a problemática dos negros trabalhadores da mesma forma que a problemática dos trabalhadores brancos, não estabelece relacionamento nenhum entre a condição social e a questão colonial. “Aunque ‘clase’ remite principalmente a las relaciones económicas entre los grupos sociales y está, por lo tanto, estrictamente relacionada con el control del trabajo en las esferas de la matriz colonial del poder, la “raza” remite principalmente a las relaciones subjetivas entre los grupos sociales” (MIGNOLO, 2010, p.102).

No caso de Lima Barreto, como aprofundaremos no próximo capítulo, o autor carioca não desliga a posição social, as condições de trabalho e moradia da população negra do sistema colonial. Sabemos, o autor carioca não tem como afastar das suas categorias de análise a questão racial. À continuação trabalhem, no capítulo três, como é possível observar a direção do progresso na qual encontram-se as personagens nos dois romances: *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Os loucos*.

### 3. O PROGRESSO NOS ROMANCES

O objetivo desse capítulo é mostrar a presença da ideia de progresso nos romances *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Os sete loucos*, e quais são as vias possíveis a esse progresso, as vias da salvação, que os autores desenham. Para isso, analisaremos primeiramente o romance de Lima Barreto, para depois determo-nos na história contada pelo escritor argentino, embora entre as análises venhamos a traçar pontos de contato e semelhanças entre ambos. De saída, podemos afirmar que há pontos de contato entre ambos os autores, os quais consideramos como próprios ao lugar e tempo em que foram escritos. Nos dois romances, escritos em territórios que foram colônias, escritos após duas guerras, a do Paraguai, no caso de *Triste fim...*, e a primeira grande guerra europeia, no caso de *Os sete loucos*, encontra-se presente a problemática dos recursos naturais, a apropriação dos mesmos, a presença de um crime no início da história, o que estabelece uma relação direta com as afirmações de Mignolo: a colonialidade é o lado escuro da modernidade, e nos dois romances o que os autores farão é iluminar aquilo que se mantém na escuridão.

Como referimos, no caso de Lima Barreto, este proporá levar em consideração a história negada da colonização, resgatar as histórias dos povos originários, procurar o passado dos nativos para conseguir avançar como nação, levando em consideração, o tempo todo, as contradições entre os ideais da República e o cotidiano brasileiro. Arlt, de sua parte, colocará como ideal do projeto de salvação proposto pelo Astrólogo o socialismo, e mostrará que qualquer via será legitimada se o objetivo é acabar com o capitalismo. Se, conforme Wallerstein e Quijano, a apropriação de recursos naturais e a comercialização de pessoas fez possível o surgimento da modernidade, encontraremos presentes as duas problemáticas nos romances de Arlt e Lima Barreto. No caso do escritor negro, na presença mesma dele, mas também ao inserir os africanos escravizados como personagens de seu romance. No caso de Arlt, não se trata de pessoas negras, mas sim de brancas que vão financiar o projeto revolucionário do Astrólogo. Não obstante, comecemos por Lima Barreto.

Consideramos que no caso de *Triste fim...* bem pode detectar-se que a questão do progresso atravessa o romance. Publicado em um jornal em 1911, enquanto nesses mesmos jornais debatia-se o modelo de nação do país, as necessidades de fortalecimento da República, república que garantiria o progresso da nação, como sempre foi

considerada a ideia de república – e, como afirmamos, a ideia de república foi inserida na série da salvação, primeiro pela conversão cristã, depois pela constituição dos Estados-nação –, Lima Barreto publica um romance situado em 1883, ano em que aconteceu a Revolta da Armada, no Rio de Janeiro, quando a Marinha se rebelou contra o presidente Floriano Peixoto, querendo derrubar o governo. Como referido no capítulo anterior, na América Latina as elites adotaram o ideal liberal francês, considerando a república como via e alimentando essa ideia e a construção de repúblicas em nossas terras.

Nesse contexto, o Major Quaresma é um personagem moderno, é um homem cujos colegas de trabalho reconhecem como uma pessoa ilustrada, ainda que mais de um se pergunte por que é que estuda se não é formado, o que deixará exposta a divisão social que estabelece o acesso ao conhecimento, divisão que fez parte de estruturação das sociedades colonizadas, seguindo a mesma restrição ao conhecimento estabelecida pela Igreja católica (MIGNOLO, 2007). Quaresma, no contexto no qual está em debate a questão do progresso, no momento no qual se debate a necessidade de fortalecer a identidade nacional, propõe que para avançar é preciso olhar para trás e ouvir o que aqueles que aqui estavam antes da chegada dos conquistadores têm para dizer.

Quaresma é um homem ilustrado, estuda história, filosofia, física, matemática, ciências da natureza, acredita que pela leitura e estudo alcançará o progresso da pátria. O Major não estuda pelo seu progresso individual; Policarpo lê procurando nos textos ferramentas que lhe possam servir para realizar uma contribuição à emancipação política da nação que, como inferimos, considera que para isso acontecer é necessária a emancipação linguística. E Quaresma lê a história do Brasil dentro da série da América Latina. Lima Barreto retratará a personagem principal do romance lendo o livro *A história da América portuguesa*, o que mostra duas coisas: a primeira, aquilo que apontamos no capítulo anterior, sobre as divisões da América que se faziam antes de se consolidar a ideia de “América Latina”; a segunda, que o Major, para entender o Brasil coloca o mesmo dentro da história do continente.

À continuação, focaremos na linha do progresso que Lima Barreto traçou em *Triste fim de Policarpo Quaresma* para fazer uma leitura do romance. Seguiremos as três partes que o compõem analisando, em cada uma, as vias da salvação-progresso que o autor propõe. A primeira parte do romance é composta por cinco capítulos; o primeiro, como dito anteriormente, é “A lição de violão”, no qual Lima Barreto apresenta o Major como uma personagem ordenada, que faz todo dia as mesmas coisas, volta no mesmo horário do trabalho, vai de



casa ao trabalho e do trabalho à casa, e uma vez ali dedica seu tempo aos estudos. No quinto parágrafo do primeiro capítulo o autor afirma que um afamado clínico do Rio de Janeiro não podia admitir que Quaresma tivesse livros. “Se não era formado, para que? Pedantismo!” (LIMA BARRETO, 1997, p.10). Foram necessários apenas cinco parágrafos para Lima Barreto mostrar a divisão social que a apropriação do conhecimento pelas elites tem como consequência.

Nesse primeiro capítulo o autor pinta do que é feito o Brasil, um país rico em recursos naturais, os quais o Major ocupa-se em estudar, já que considera que o desenvolvimento nacional depende da exploração dos mesmos; colocando assim uma tensão entre os interesses locais e estrangeiros. É preciso lembrar que, tanto naquela época quanto no presente, a principal fonte de recursos econômicos dos países da América Latina é a exportação de matérias-primas: agricultura, minerais e hidrocarbonetos. Desenha Lima Barreto também a estrutura da sociedade brasileira, seus principais atores, os lugares que ocupam, as razões ou forças que os colocam nessas posições e as possibilidades de acesso que têm a partir dali. O autor o fará tensionando a contradição entre o que supõe-se que as personagens devem fazer, conforme o discurso republicano, moderno, colonial, e o que elas efetivamente fazem. A demanda de Quaresma será que se ouça aquilo que foi silenciado, aquilo que foi negado, que é a história colonial, ou para melhor dizer, a história da escravidão.

Na primeira parte do romance o autor apresentará diferentes vias para a salvação-progresso: a emancipação da pátria através da emancipação da língua; a promoção e fortalecimento da indústria nacional; o casamento, como via de progresso e salvação das mulheres, e como preocupação dos pais delas; a formação universitária – as mulheres desejam se casar com homens formados, assim como seus pais desejam um genro “doutor”. E as personagens que sonham com esse futuro ilustram o que o autor denomina *aristocracia suburbana*, a qual é composta por funcionários públicos, médicos que moram na periferia do Rio de Janeiro, militares, e alguns outros profissionais liberais. Na escala social estão acima dos trabalhadores do campo, que serão retratados na segunda parte do romance, assim como os fazendeiros e a política.

As personagens principais do romance, além do Major, são Ricardo Coração dos Outros, violonista, poeta, que recebe a crítica do jornal *Tempo*, por não respeitar a métrica em seus versos, mas que de todo modo conseguirá comover alguns generais, doutores, e ser convidado para tocar sua música em festas de casamento; Adelaide, a

irmã do Major, para quem “a vida era coisa simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido” (LIMA BARRETO, 1997, p.143-144); Vicente Coleoni, o compadre do Major, italiano, a quem Policarpo emprestara dinheiro certa vez, tirando-o de grande dificuldade; Olga Coleoni, a afilhada, que casará com o médico Armando Borges, alguém que só está interessado em conseguir um cargo público; Anastácio, um africano que serve Policarpo há mais de trinta anos; o General Albernaz, vizinho de Quaresma, um militar que nunca esteve numa guerra e cujo objetivo é casar suas cinco filhas; Ismênia, filha de Albernaz, que fica aguardando seu namorado Cavalcânti se formar em odontologia para casar-se, mas após formar-se ele vai embora e ela acaba enlouquecendo. Ainda que não seja uma personagem central, há também tia Maria Rita, uma velha negra que guarda a memória das tradições locais, qualificando-se como uma personagem fundamental no projeto de Quaresma.

Os jornais ocuparão um lugar de destaque, tanto no romance de Lima Barreto quanto no de Roberto Arlt. Lembremos que o romance de Lima Barreto surgiu, primeiramente, em um jornal, jornal, que ele trabalhou como jornalista, assim como o escritor argentino, e ambos reconheceram a força das críticas impressas nos jornais, assim como a relação entre os jornais e o poder político. Em ambos os autores os jornais funcionarão como unidade de medida. No caso de *Triste fim...*, o autor salienta como Ricardo Coração dos Outros é criticado por não respeitar a métrica, enquanto outros, que repetem sempre o mesmo, no incessante bajular infinito, acabam sendo reconhecidos. No caso do romance de Roberto Arlt, o Comentador, o narrador de *Os sete loucos*, conta o que Erdosain lhe falou durante três dias após ter sido publicada nas notícias a fotografia dele “con las leyendas más retumbantes que pudiera inventar la imaginación humana” (ARLT, 2008, 226).

Voltemos para *Triste fim...* Já no segundo capítulo da primeira parte, intitulado “Reformas radicais”, Lima Barreto coloca que o Major Quaresma lia diversos jornais, “porque sempre esperava encontrar num ou outro uma notícia curiosa, a sugestão de uma idéia útil à sua cara pátria” (LIMA BARRETO, 1997, p.25), estabelecendo uma relação entre os destinos da pátria e o que se publicava nos jornais, ou mesmo como o que se publicava nos jornais tinha efeito no destino do país. Depois do café o Major lia os jornais e após o almoço caminhava pela chácara, onde havia frutas nacionais, e conversava com Anastácio “sobre cousas antigas – o casamento das princesas, a quebra do Souto e

outras” (LIMA BARRETO, 1997, p.25). Lembremos que o romance está ambientado no ano 1883, antes de a princesa Isabel ter posto fim à escravidão. A quebra do Souto faz referência à Casa Bancária Antônio José Alves do Souto & Cia, que quebrou em setembro de 1864 – mesmo ano do anúncio do casamento das princesas –, gerando um efeito dominó por toda a economia imperial, que à época contava com mais de 10 mil clientes. Aí Lima Barreto insere uma primeira representação da debilidade e fraqueza das vias de progresso propostas. A quebra do Souto era algo inimaginável na época, pois sempre se afirmara a tese da sustentabilidade dos bancos. A pesquisadora Silvína Cristina Martins de Souza, em seu artigo “Crise! Crise! Crise! A quebra da Casa Souto nas letras de lundus compostos no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX”, resgata um trecho de uma matéria publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, de 19 de setembro de 1864, que ilustra o clima de incredulidade ante aquele acontecimento.

Crise! Crise! Crise! Tal foi o grito angustioso que se ouviu, durante a semana passada, de todos os peitos da população e de todos os ângulos da cidade. A fisionomia da população exprimiu sucessivamente o espanto, o terror, o desespero, — conforme cresciam as dificuldades e demorava-se o remédio. Era triste o espetáculo: a praça em apatia, as ruas atulhadas de povo, — polícia pedestre a fazer sentinela, polícia equestre a fazer correrias, — vales a entrarem, dinheiro a sair, — vinte boatos por dia, vinte desmentidos por noite, — ilusões de manhã, decepções à tarde, — enfim uma situação tão impossível de descrever como difícil de suportar, — tal foi o espetáculo que se apresentou no Rio de Janeiro durante a semana passada (MARTINS DE SOUZA, 2014).

Dessa forma, Lima Barreto para uma primeira verdade absoluta em questão: se o maior banco brasileiro quebrou, qualquer afirmação rotunda pode ser colocada em dúvida. Se para qualquer pessoa poderia parecer inimaginável a queda da maior instituição bancária do país, se aquilo que era inimaginável acabou acontecendo, porque não pensar que a proposta que o Major faria não poderia também ter lugar? Infelizmente, Lima Barreto não chegou a ver que a proposta do Major, que foi considerada loucura, acabou se tornando realidade, primeiro no Paraguai, que estabeleceu o guarani como língua oficial, e depois na Bolívia, onde foram reconhecidas as línguas de todas as nações que compõem o primeiro Estado Plurinacional do mundo.

O Major, “após a conversa com Anastácio voltava à biblioteca e mergulhava nas revistas do Instituto Histórico, no Fernão Cardim, nas cartas de Nóbrega” (LIMA BARRETO; HOUAISS, 1997, p.26), escreveu Lima Barreto. As cartas de Nóbrega foram escritas pelo Padre Manuel de Nóbrega, que entre março de 1549 e outubro de 1570, data da expulsão da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal, foi chefe, provincial e superior, da missão da Companhia enviada para o Estado do Brasil pelo rei português Dom João III (HANSEN; FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2010). Fernão Cardim, também padre jesuíta, escreveu *Tratados da terra e gente do Brasil*, no qual, de forma semelhante a Nóbrega e De las Casas, fez um aporte ao debate sobre as ocupações iniciais desse continente, descrevendo não só sua visão sobre as comunidades nativas, sua cultura, suas práticas e costumes, mas igualmente denunciando os maus-tratos, violências e tipos de relacionamentos entre os padres e as autoridades, como os índios e os escravos.

Tanto nas cartas quanto no *Tratado...*, ficam expostas as contradições entre o mandato cristão e o comportamento dos religiosos. Pelos textos dos dois padres jesuítas pode-se saber do trabalho que faziam os religiosos para aprender as línguas dos povos locais, principalmente o tupi. “Trabalhamos de saber a língua delles e nisto o padre Navarro nos leva ventagem a todos. Temos determinado ir viver com as aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a língua e il-os doutrinando pouco a pouco” (NÓBREGA, 1931, p.73). Ainda que o Major tenha deixado de lado os argumentos históricos que dão força à sua proposta, ao invocar Nóbrega e Cardim, o que Lima Barreto afirma é: o Major não está propondo nada original, foram os padres jesuítas os primeiros a se interessar em estudar as línguas locais.

Em época na qual estava em debate a questão da nação, o patriotismo, Lima Barreto deixará claro que o Major Quaresma é um patriota, uma pessoa que estuda e estuda pelo bem da pátria, mas um ilustrado que vai além do positivismo da época, ainda que também tenha estudado os autores positivistas. Se para construir a identidade nacional é preciso resgatar e consolidar as tradições, Quaresma vai quer resgatar as tradições locais, do Brasil anterior à chegada dos conquistadores. Para levar o Major a mergulhar no passado, nas tradições esquecidas, Lima Barreto enviará Ricardo visitar a casa do General Albernaz, para o violão despertar no militar lembranças das festanças da infância, das cantigas e hábitos genuinamente nacionais, o que vai produzir em Albernaz o desejo de organizar uma festa, mas considerando que a

modinha era pouco, “os seus espíritos pediam coisa mais plebéia, mais característica e extravagante (...). Houve em todos um desejo de sentir, de sonhar, de poetar à maneira popular dos velhos tempos. Albernaz, o general, lembrava-se de ter visto tais cerimônias na sua infância” (LIMA BARRETO, 1997, p.27). Foi assim que o Major pensou em procurar alguém para ensinar aquelas músicas e versos de então, e Albernaz acabou lembrando de tia Maria Rita, uma mulher negra, que foi escravizada, que cantará a eles algumas dessas músicas e versos utilizados no passado, compartilhará com eles “Cousa véia, do tempo do cativoiro” (LIMA BARRETO, 1997, p.31).

Após ler os livros de Nóbrega e Cadim, perguntamo-nos se não foi inspirado nesses textos que Lima Barreto criou a personagem de tia Maria Rita, uma velha que guardava as memórias do que tinha acontecido antes do silenciamento imposto. Tanto o padre Cardim quanto o padre Nóbrega contaram que ouviram histórias dos nativos e confrontaram-nas com a versão do dilúvio bíblico. Ambos coincidem em contar que, conforme a versão dos índios, houve um grande alagamento nessas terras, e que só sobreviveram uma mulher e um homem e a partir deles começou a multiplicação. Hoje sabemos que, efetivamente, a história se deu da maneira como os nativos contaram aos jesuítas, mas sem conseguir saber se só duas pessoas sobreviveram. Houve dois grandes alagamentos no Mioceno, a terra afundou-se duas vezes, alagando a Amazônia Oriental. Os alagamentos teriam ocorrido na faixa entre 17 ou 18 milhões de anos e 12 ou 14 milhões (JARAMILLO et al., 2017).

Este gentio parece que não tem conhecimento do principio do Mundo, do diluvio parece que tem alguma noticia, mas como não tem escripturas, nem caracteres, a tal noticia é escura e confusa: porque dizem que as aguas afogarão e mataram todos os homens, e que somente um escapou em riba de um Janipaba, com uma sua irmã que estava prenhe, e que destes dois tem seu principio, e que dali começou sua multiplicação(CARDIM, 1925, p.161).

Têm memoria do diluvio, porém falsamente, porque dizem que cobrindose a terra d’agua, uma mulher com seu marido subiram em um pinheiro e, depois de mingoadas as aguas, se desceram, e destes procederam todos os homens e mulheres. Têm mui poucos vocabulos para lhes poder bem declarar nossa Fé (NÓBREGA, 1931, p.101).

Uma coisa que poderíamos afirmar que Lima Barreto tomou dos ensinamentos dos padres jesuítas, para a composição do seu romance, é a cena na qual o Major vai chorar. Após a cena da visita a casa de tia Maria Rita, o autor conta que o Major Quaresma voltou para sua casa, retomou suas leituras sobre os povos nativos, e coloca a personagem estudando os costumes tupinambá, e vai dizer que na seguinte visita de seu compadre e sua afilhada, o Major os recebeu chorando. É no *Tratado...* que o padre Cardim escreveu sobre esse costume dos nativos:

Entrando-lhe algum hospede pela casa a honra e agazalho que lhe fazem é chorarem-no; entrando, pois, logo o hospede na casa o assentão na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabellos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todas em altas vozes, como grande abundancia de lagrimas, e ali contão em prosas trovadas quas cousas têm acontecido desde que não se virão até aquella hora, e outras muitas que imaginão, e trabalhos que o hospede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que póde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpão as lagrimas, e ficão tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorarão, e logo se saudão, e dão seu *Ereiupe (Or welcome)*.(CARDIM, 1925, p.171).

Conta Lima Barreto no romance:

Desde dez dias que se entregava a essa árdua tarefa, quando (era domingo) lhe bateram à porta, em meio de seu trabalho. Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. A irmã correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha, pois eram eles, ficaram estupefatos no limiar da porta.

- Mas que é isso, compadre?

- Que é isso, Policarpo?

- Mas, meu padrinho...

Ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com a maior naturalidade:

- Eis aí! Vocês não têm mínima noção das cousas da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão... Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás (LIMA BARRETO, 1997, p.36-37).

Essa cena é utilizada por Lima Barreto para apresentar o compadre do Major, e esclarece “a historia das suas relações vale a pena contar” (idem, p.37). Vicente Coleoni é um italiano de nascimento, mercador ambulante, que encontrou na rua proferindo exclamações sem nexos algum, interrogou-o e soube que tinha uma questão de dinheiro com seu colega, estando disposto a matá-lo. “Havia na sua afirmação uma tal energia e um grande e estranho acento de ferocidade, que fizeram empregar o major toda a sua doçura e persuasão para dissuadi-lo do propósito. E não ficou nisto só: emprestou-lhe também dinheiro” (idem, p.38). A partir daí estabelecem uma amizade, cuja consequência será a escolha, por Coleoni, do Major como padrinho de Olga.

Detenhamo-nos nessa cena, que faz parte do mesmo capítulo no qual Lima Barreto conta que o Major conversava com Anastácio sobre a queda do Souto, lembrando que o romance foi publicado num jornal, em época na qual nos jornais defendia-se um embargo contra o estrangeiro, para defender o nacional. Nesse contexto, o autor apresenta uma personagem que é um patriota e ajuda aos estrangeiros, mas não só isso, uma vez que coloca um brasileiro na posição do prestamista. Podemos pensar, igualmente, que coloca o Brasil na posição de quem tem para dar e não precisa receber. Avançando no romance, na segunda parte, quando o Major Quaresma muda-se para o campo após uma temporada de seis meses no hospício e, sendo que a produção agrária não está dando os frutos desejados, o Major rejeitará a proposta do marido de Olga. “Senhor doutor, o Brasil é o país mais fértil do mundo, é o mais bem dotado e as suas terras não precisam ‘empréstimos’ para dar sustento ao homem. Fique certo! (idem, p.141).

A mudança do Major Quaresma, na segunda parte, para o sítio “Sossego”, para trabalhar no campo, servirá para fortalecer sua tese de que o Brasil depende da produção nacional para se desenvolver, e da ajuda do Estado para o fortalecimento da mesma. A mudança do Major também servirá para que o autor exponha alguns preconceitos sociais sobre os pobres, como aquela tese de que pobre é pobre porque quer e que, havendo tanta terra, é só trabalhá-la que se consegue sair da pobreza. Ainda mais, a estadia do Major no sítio servirá para que o autor mostre os limites da técnica diante da força da natureza; da força do conhecimento de quem executa a tarefa e conhece sobre o assunto, à diferença de quem só lê sobre o assunto e tem domínio da teoria, mas não da técnica.

Voltando para a primeira parte, após o choro de Policarpo, Olga aproxima-se do Major, a fim de saber se ele lê muito. Ele responde que sim, que medita grandes obras, uma reforma, a emancipação de um povo.

A afilhada notou que Quaresma tinha alguma coisa de mais. Falava agora com tanta segurança, el que antigamente era tão modesto, hesitante mesmo no falar – que diabo! Não, não era possível... Mas, quem sabe? E que singular alegria havia nos seus olhos – uma alegria de matemático que resolveu um problema, de inventor feliz!

- Não se vá meter em alguma conspiração, disse a moça gracejando

- Não te assustes por isso. A coisa vai naturalmente, não é preciso violências (LIMA BARRETO; HOUAISS, 1997, p.39).

No caso de *Os sete loucos*, quem se meteu numa conspiração, com a cabeça de inventor, foi Erdosain, a personagem principal do romance. Erdosain sonha que alcançará a salvação criando a rosa de cobre, invento que, imagina, lhe trará o progresso espiritual e material, muito embora depois afirme que não tem salvação. Aliás, ingressa no projeto conspirativo do Astrólogo, de criar uma organização de tipo violento, sem escrúpulos, que consegue justificar todo tipo de violência, até a comercialização dos corpos, criando uma rede de prostituição, com a ilusão de acabar com a opressão e exploração do capitalismo. Seguindo as afirmações do pensamento decolonial, o projeto do Astrólogo é um projeto colonialista, propõe-se o progresso sobre a base da exploração de pessoas.

Ainda na primeira parte do romance, Lima Barreto apontará para mais uma via para progredir nessa sociedade moderna: a bajulação. A submissão se configurará como via segura para ascender socialmente. Aí onde o mote é ordem e progresso, a submissão é lei. E tanto o Major Quaresma quanto Lima Barreto compreenderão as consequências por não se submeter. No terceiro capítulo da primeira parte, “A Notícia do Genélcio”, capítulo que se encerra com Genélcio contando sobre o requerimento que apresentou o Major, solicitando que o tupi seja a língua oficial do Brasil, Lima Barreto deixará claro o que é preciso para subir degraus na sociedade da época. Para isso cria uma cena que transcorre no dia em que Cavalcanti faz o pedido de casamento a Ismênia, a filha do General Albernaz. Lima Barreto monta essa cena para reunir Albernaz com o Contra-Almirante Caldas, um marinheiro que recebeu a ordem de navegar o navio “Lima Barrios”, mas que não o encontrou; o doutor Florêncio, engenheiro das águas, o Major honorário Inocência Bustamante, o Senhor Bastos, guarda-livros, e outras pessoas importantes, escreve o autor. Para a boda acontecer só faltava Cavalcanti se formar; ele já tinha se formado. Albernaz financiou os estudos de



quem, imaginava, seria seu futuro genro, o que não se concretizará, e terá como consequência a loucura de Ismênia, a segunda pessoa que enlouquece no romance, depois do Major.

Nessa cena o autor mostra a divisão social que produz o acesso à educação, as restrições que existem para isso, os auxílios que são necessários; as expectativas que a sociedade cria e sustém em torno das pessoas formadas ou, melhor dizendo, que as elites constroem e promovem sobre as “maravilhas” dos universitários. Na festa realizada em razão da proposta de casamento – nesse dia em que podemos considerar que se comemora o progresso, do formado e da mulher que vai casar –, Lima Barreto juntou o que ele denomina a *aristocracia suburbana*, aquelas pessoas que diferenciam-se da maioria por haver conseguido acesso à educação ou porque conseguiram um cargo público. O autor, como o Major, ainda que tenha sido um funcionário público, não conseguiu se formar, razão pela qual não faria parte dessa aristocracia, além da razão principal: era negro.

É por essa condição que se sabe desde o início de sua vida que as palavras proferidas por ele e as palavras ditas por uma pessoa branca não têm o mesmo reconhecimento, e sobre esse assunto escreveu, em seu *Diário íntimo*: “Porque... o que é verdade na raça branca não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto; minha vida será sempre cheia dêsse desgosto e ela far-me-á grande” (LIMA BARRETO, 1953, p.25). Diário no qual, em 1911, ano da publicação de *Triste fim...*, não escreveu muito, fazendo apenas uma pequena referência ao romance, sem data. “Preciso descobrir *O Dia* do Alcindo a meu respeito. Veio na *A Imprensa*, quando eu publiquei no *Jornal o Policarpo*” (Idem, p.110). Há uma nota de rodapé nessa anotação, inserida por Assis Barbosa, na qual conta que Alcindo Guanabara publicou uma crônica em 20 de setembro de 1911, sob o pseudônimo de Pangloss, que dizia o seguinte “... o Sr. Lima Barreto, que poderia vir a ser um profissional e viver cômodamente dos seus romances, está condenado a passar a sua vida escrevendo por desfastio, nas horas de ócio que lhe sobraem das que fôr obrigado a empregar no seu ganha-pão a sério” (Idem, p.111).

Em *Triste fim...* o autor deixará bem clara essa injustiça social através da personagem Cavalcânti, o prometido de Ismênia, que é olhado de uma outra forma após se formar. “Para aquela gente toda, Cavalcânti não era mais um simples homem, era homem e mais alguma coisa sagrada e de essência superior; e não juntavam à imagem que tinham dele atualmente, as cousas que porventura ele pudesse saber ou

tivesse aprendido” (LIMA BARRETO; 1997, p.48). Mas não apenas fará graça com os que deveriam saber e não sabem, ou para melhor dizer, aqueles que as pessoas acreditam que sabem pelos títulos que têm, quanto também dos que andam com uniforme militar e acabam fugindo da batalha com medo. Lima Barreto troçará do Contra-Almirante, que recebeu a ordem para comandar o couraçado “Lima Barrios”, durante a guerra do Paraguai, mas quando chegou ao Mato Grosso teve notícias de que aquele não existia no rio Paraguai, depois foi até o alto do rio Uruguai, mas também ali não existia tal embarcação. Perguntou-se onde estaria o navio, “Quis telegrafar para o Rio de Janeiro, mas teve medo de ser censurado, tanto mais que não andava em cheiro de santidade” (LIMA BARRETO; 1997, p.49). Um Contra-Almirante que foge da batalha mostra que dele se pensa ter corajoso só pelo uniforme, assim se pensa ser brilhante o Cavalcânti apenas por ter se formado.

Cavalcânti, “empregado do Tesouro, já no meio da carreira, moço de menos de trinta anos, ameaçava ter um grande futuro. Não havia ninguém mais bajulador e submisso do que ele” (LIMA BARRETO, 1997, p.54), assim apresenta o autor a essa personagem, para logo acrescentar:

Quando entrava um ministro, fazia-se escolher como intérprete dos companheiros e deitava um discurso; nos aniversários de nascimento, era um soneto que começava sempre por - “Salve”- e acabava também por “Salve Três vezes Salve!”

O modelo era sempre o mesmo; ele só mudava o nome do ministro e punha a data.

No dia seguinte, os jornais falavam do seu nome, e publicavam o soneto (LIMA BARRETO, 1997, p.55).

Dessa forma, o autor não apenas insere a bajulação como via de progresso, de ascensão social, quanto mostra a legitimação e promoção desse tipo de conduta por parte da imprensa, colocando os jornais do mesmo lado que o empregado do Tesouro. Há que lembrar que o autor carioca foi um forte crítico dos jornais da época, e suas críticas foram valorizadas, bem como tiveram reconhecidas as suas conseqüências. Após a publicação de *Triste fim...* em livro, foi publicada na revista *A Lusitana* uma crítica de Jackson de Figueiredo, intitulada “Impressões literárias”, com data 10 de junho de 1916, na qual o autor afirma que:

Lima Barreto, é, entre nós, na verdade o tipo perfeito do analista social, mas um analista que combate, que não ficou como Machado de Assis, por exemplo, no círculo de uma timidez

intelectual esquiva ao julgamento. Ele não se limita a mostrar todos os fundos da cena, o que vai pelos bastidores da nossa vida; toma partido, assinala os atores que falam a linguagem da verdade, mostra o que há de falso, de mentiroso na linguagem dos outros (LIMA BARRETO; HOUAISS, 1997, p.420).

Figueiredo afirma que após a publicação de *Triste fim...*, assim como aconteceu depois da publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, primeiro romance do autor publicado em livro, o silêncio da crítica foi quase absoluto, explicando o assunto pelas críticas que o autor fez aos jornais, aos “doutores”, à elite carioca que o deixava de fora dos círculos de poder por desvelar Lima Barreto aquelas verdades que não queriam ser ouvidas. Considera Figueiredo, no artigo referido, que há uma coisa notável em *Triste fim...*, à diferença de *Recordações...*: “a obra, porque é de caráter mais combativo, é menos irônica e mais francamente panfletária. Algumas vezes, até o romancista se deixa esquecer e o historiador é quem se mostra” (idem, p.421). Mas, como temos salientado, Lima Barreto mostra a história como a ponta do iceberg. Policarpo afirma, no requerimento, que prefere deixar de lado os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia. De Cardim e Nóbrega, só cita os nomes; da quebra do banco, ou, melhor dizendo, da fragilidade da verdade do discurso econômico da época, apenas coloca que conversava sobre o assunto com Anastácio. Então podemos perguntar, levando em consideração Figueiredo: não será consequência das forças da época que preferiam deixar de lado a história, as lembranças ainda vivas das violências coloniais, das debilidades das certezas propagadas pela mídia, sobre a solução dos bancos, as mentiras sobre as bondades da nova república?

No romance, uma e outra vez o autor faz um contraponto entre o que os jornais reconhecem e o que o autor ou o Major valorizam. Enquanto Ricardo dos Outros representa a cultura nacional, seus versos são valorizados pelo Major, o General, mais adiante o escrivão, são criticados pelos jornais, jornais nos quais os Cavalcântis ganham espaço e difusão pela submissão e repetição constante de uma métrica esvaziada de sentido ou de verdade. Enquanto o Major começa a padecer os olhares nas ruas após as críticas à sua proposta nos jornais – lembremos das gargalhadas no Congresso quando foi lido seu requerimento –, a história contada por Cardim e Nóbrega mostram que os jesuítas também se interessaram pelo estudo dessas línguas, e o tempo provou que não havia loucura alguma na proposta de Quaresma, o tempo acabou dando a razão a ele – lembremos de Paraguai e Bolívia –, mas o Major acaba

enlouquecendo. E será com a estadia no hospício que Lima Barreto fechará a primeira parte.

Cabe considerar que no romance duas personagens enlouquecerão: o Major e Ismênia, após Cavalcânti ir embora, sem deixar rastros nem notícias, ficando ela na impossibilidade de casar, de progredir. Duas vias de salvação ou progresso impedidas, no romance, acabam levando as personagens à loucura. E ainda antes do Major ir parar no manicômio, já é considerado louco, que “faltam-lhe algumas telhas”, por ler tantos livros sem ser formado. O Major passará seis meses no manicômio, e Lima Barreto repetirá no início desse último capítulo da primeira parte o que já fizera no início de capítulos anteriores, isto é, fazer referência a um autor e depois construir a ficção em referência ao que está escrito nesse texto.

Começa o quinto e último capítulo da primeira parte, intitulado “O Bibelot”, mencionando que na entrada do prédio do hospício para onde levaram Quaresma havia dois quadros dos psiquiatras franceses Pinel e Esquirol. Pinel reformou a psiquiatria após considerar que a pessoa que tinha enlouquecido precisava recuperar a harmonia perdida, e para isso o contato com a natureza seria fundamental. O psiquiatra francês considerava que se se colocasse uma pessoa maníaca numa câmara, ou afastada num jardim, esta recuperaria a tranquilidade por osmose, a harmonia da natureza faria com que a pessoa doente recuperasse a harmonia perdida. Por outra parte, a psiquiatria francesa também levava em consideração o que eram os tratamentos morais, além de ouvir o que o paciente tinha para dizer, era preciso que a pessoa estivesse ocupada, e faziam os pacientes trabalhar nos jardins, na terra na qual estavam os hospícios. Cabe destacar que é por essa razão que os hospícios, em fins do século XIX e início do XX foram construídos em lugares afastados das cidades, em contato com a natureza, com muita terra disponível (Cf. BERCHERIE, 1986).

Se na primeira parte do romance Lima Barreto coloca as personagens que já tinham progredido socialmente, militares, doutores, funcionários públicos, mulheres casadas ou prestes a se casar, na segunda parte coloca personagens que tentam progredir e personagens que oferecem vias de progresso e salvação, para aqueles atrasados ou que ainda estão em estado “primitivo”. Se na primeira parte a submissão será a via oficial do progresso, na segunda parte surgirá a política como passagem garantida para a ascensão social. Essa via será oferecida ao Major, mas ele a rejeitará; Ricardo deseja esse oferecimento, mas ninguém oferece, e Felizardo, um novo empregado do Major, é quem vai reconhecer que o Estado, as vias da política, não são oferecidas aos

pobres, aos trabalhadores negros, o financiamento para o progresso só é oferecido para quem trabalhar no campo e tiver ascendência europeia.

Semelhante ao que fez após ler os padres jesuítas, e tomar de suas obras elementos para compor seu romance, após mencionar Esquirol e Pinel, Lima Barreto leva o Major Quaresma a morar num sítio, o “Sossego”, onde irá recuperar sua estabilidade emocional, progredir em sua recuperação, além de cumprir um velho sonho que tinha Policarpo, de viver do fruto da terra. Lima Barreto coloca Policarpo Quaresma na via do tratamento moral da psiquiatria francesa, o Major vai trabalhar a terra, estando com a cabeça ocupada nos ciclos da natureza, para assim ir recuperando a harmonia perdida, mas Policarpo não deixa de ser Policarpo, continua com seus estudos, agora de agricultura, monta uma biblioteca agrícola, além de utilizar instrumentos meteorológicos. O interlocutor principal do Major nessa segunda parte é Anastácio, seu criado africano, a quem Lima Barreto sempre se referirá com muito respeito e carinho, como uma pessoa sábia, mas que leva as dores do vivido.

Colocando o Major e Anastácio em meio à natureza, trabalhando a terra, com problemas reais e não teóricos, Lima Barreto mostra os limites da teoria. Quando Policarpo ensina para seu colega de trabalho as ferramentas que utiliza para antecipar as chuvas, o negro responde “Para que isso, patrão? A gente sabe logo ‘de olho’ quando chove muito ou pouco... Isto de plantar é capinar, pôr a semente na terra, deixar crescer e apanhar...” (LIMA BARRETO, 1997, p.99). Nos diz o autor que Anastácio falava com a voz mole de africano, sem ‘rr’ fortes, com lentidão e convicção, e que Quaresma, sem abandonar o instrumento, levou em consideração o conselho do empregado. Empregado que será colocado pelo autor na posição de quem tem um conhecimento para transmitir. Quaresma fica com a biblioteca e as ferramentas meteorológicas, mas quem sabe trabalhar a terra e ensinará ao Major como produzir é Anastácio.

Enquanto o Major limpa o sítio, Lima Barreto volta a colocar em cena a irmã, Adelaide, que não compartilha o projeto do irmão, e fica se perguntando “Por que não seguira ele o caminho dos outros? Não se formara e se fizera deputado? Era tão bonito... Andar com livros, anos e anos, para não ser nada, que doideira!” (LIMA BARRETO, 1997, p.102). Mas, o autor já tinha nos dado a resposta a essa pergunta, antes da irmã do Major chegar. Policarpo trabalhava o campo e “esperava grandes colheitas de frutas, de grão, de legumes; e do seu exemplo, nasceriam mil outros cultivadores, estando em breve a grande capital cercada de um verdadeiro celeiro, vivente e abundante a dispensar os

argentinos e europeus” (LIMA BARRETO, 1997, p.97). E mais uma vez, quando Lima Barreto coloca um assunto, coloca também o contexto, faz o leitor pensar no comércio exterior, no relacionamento entre a produção e o Estado, entre a produção e os outros Estados, para depois trazer o que é preciso para que isso ocorra da maneira correta: o apoio do Estado. O Major Quaresma enquanto, trabalha no campo, pensa nas exportações, e quando consegue se apresentar ante o Presidente da República, entrega-lhe um projeto de lei para fazer reformas agrárias, que iriam salvar as contas do Estado e garantir o progresso do país.

“Oh! Terra abençoada! Como é que toda a gente queria ser empregado público, apodrecer numa banca, sofrer na sua independência e no seu orgulho?” (LIMA BARRETO, 1997, p.97), pergunta-se o Major, no primeiro capítulo da segunda parte, e lembramos que esses foram quase os mesmos argumentos com os quais Arlt criticaria o progresso, na água-forte referida, perguntando-se como é possível que alguém possa achar que progredir é viver sem luz, em casas apertadas, sendo que, para ambos os autores, para obter uma vida feliz é preciso ter contato com a natureza, o ar livre, contato com a luz do sol. Mas enquanto o romance avança, vemos que aquela ideia do Major, da felicidade garantida no campo, é mais uma ilusão ou, mesmo um preconceito de classe.

E justamente após a chegada da irmã, que se pergunta por que o Major não progride, o autor põe em cena o Tenente Antonino Dutra, escrivão da coletoria, o representante da política local, que, após se apresentar, a primeira coisa que faz é pedir dinheiro a Policarpo, argumentando que é para uma instituição local e que é costume de todos ali auxiliar. O escrivão consulta o Major sobre se este se dedicará à agricultura, para depois lhe dizer que aquela terra já não presta porque está cansada. Para o Major, não há terra cansada, e argumenta que a Europa é cultivada há milhares de anos, ao que o escrivão responde que há uma diferença, lá se trabalha. Junto ao ingresso de Antonino, chegam os preconceitos de classe, assim como a representação da classe política, a qual Lima Barreto tanto critica.

No escrivão encontramos a colonialidade, essa diferenciação hierarquizada entre o externo como bom e o local como ruim. Na Europa se trabalha, no Brasil não. A população europeia esforça-se, a brasileira é preguiçosa. Lima Barreto, ao longo de todo o romance, uma e outra vez fomentará contradições. O Major rejeita esse argumento, e o escrivão responde “O senhor verá com o tempo, major. Na nossa terra não se vive senão de política, fora disso, babau! Agora mesmo anda

tudo brigado por causa da questão da eleição de deputados...” (LIMA BARRETO, 1997, p.105).

Nesse diálogo entre o Major e o escrivão, Lima Barreto apresenta com muita fineza a personagem do escrivão, antecipando tudo o que acontecerá no relacionamento com o Major. Para viver da terra, o Major terá que lidar com o poder do político. O escrivão pede para o Major tomar posição nas eleições, o que Policarpo rejeita, e terá como consequência um requerimento impositivo, após o major vender sua primeira safra sem ter pago os impostos municipais. Lima Barreto coloca o relacionamento com a política como um tipo de relacionamento extorsivo, de “toma lá, dá cá”, sendo que primeiro é preciso dar, para depois receber. Após a partida do escrivão o Major reflete:

Era tolo estar a pensar em governadores e guaribas, quando a nossa vida pede tudo à terra e ela quer carinho, luta, trabalho e amor...

O sufrágio universal pareceu-lhe um flagelo.

O trem apitou e ele demorou-se a vê-lo chegar. É uma emoção especial de quem mora longe, essa de ver chegar os meios de transporte que nos põem em comunicação com o resto do mundo. Há uma mescla de medo e de alegria. Ao mesmo tempo que se pensa em boas novas, pensam-se também más. A alternativa angustia...

(...)

O major pensou ainda um pouco como aquilo era bruto e feio, e como as invenções do nosso tempo se afastam tanto da linha imaginária da beleza que os nossos educadores de dous mil anos atrás nos legaram (LIMA BARRETO, 1997, p.106-107)

Temos aí uma imagem do estado do progresso. Temos a terra, no caso o Brasil, que necessita de carinho, luta e trabalho. A incipiente democracia, o direito a sufragar em questão, mais uma vez, o conhecimento como divisor de águas, quem tem capacidade para escolher? E o trem, a natureza atravessada pelas vias do progresso que se aproximam, progresso que nos coloca em comunicação e relação com o mundo, relação essa de tipo, principalmente, comercial, considerando, aliás, o papel fundamental que teve a Inglaterra no desenvolvimento dos trens e construção de ferrovias na América Latina. Mas diante desse progresso que se aproxima, o Major sente medo, podem vir tanto boas novas como más. Consideremos que o requerimento do Major é reconhecer oficialmente a língua que se falava nessa terra antes dos

navios do progresso chegarem. O progresso é feito, diz o Major, junto com o progresso chega a morte.

Quem progride na segunda parte é Ricardo Coração dos Outros. Já não é só o Major quem contrata seus serviços, o violonista será contratado para tocar em casamentos, e a política também fará uso de sua arte. Ricardo tocará música para diversos partidos políticos, e sonhará receber uma oferta para ser deputado, sem ter conflito moral nenhum por isso.

- Major, foi uma boa idéia vir para a roça. Vive-se bem e pode-se subir...
- Não tenho nenhum desejo disso. Você sabe como me são estranhas todas essas cousas.
- Sei... É... Não digo que se peça, mas, quando nos oferecem, não devemos rejeitar, não acha?
- Conforme, meu caro Ricardo. Eu não podia aceitar encargo de comandar uma esquadra.
- Até aí não vou. Olhe, major: eu gosto muito de violão, mesmo dedico a minha vida ao seu levantamento moral e intelectual, entretanto, se amanhã o presidente dissesse: 'Seu Ricardo, você via ser deputado', o senhor pensa que eu não aceitava, sabendo perfeitamente que não podia mais desferir os trenos do instrumento? Ora, se não! Não se deve perder vaza, major.
- Cada um tem as suas teorias. (LIMA BARRETO, p.128-129)

Mais uma vez o autor traz uma coisa, para depois verificar-se outra, colocando uma e outra vez a tensão da contradição. O Major diz que não poderia aceitar o cargo de comandar uma esquadra mas, na terceira parte, quando a guerra começar, ele terá responsabilidades militares dentro do esquema que defenderá a República, ainda que tente recusar a oferta.

O progresso de Ricardo Coração dos Outros não será só dele, a cultura popular avança, e a personagem aparecerá preocupada com a aparição de um competidor. Um rapaz negro, que muitos afirmavam ser melhor músico que Coração dos Outros. Consideramos que o ingresso desse outro violonista, que não tem nome no romance, representa o avanço da cultura popular na "aristocracia suburbana". Lima Barreto pinta o Rio de Janeiro oitocentista, cidade que foi um território rico em experiências musicais, "uma cidade polifônica, na qual a música podia ser ouvida em espaços tão diversos como salões, saraus, teatros, sociedades de bailes, clubes musicais, bailes de carnaval e nos cantos



das lavadeiras e dos carregadores negros entoados nas ruas, enquanto executavam seu trabalho” (MARTINS DE SOUZA, 2014).

Temos então que, na segunda parte, aparece mais um músico que faz sucesso, do qual falamos nos jornais; e que, à diferença da primeira parte, na qual os vizinhos ficavam de olho em Quaresma por ter convidado alguém que tocava violão para entrar em sua casa, na segunda o General Albernaz convidará Ricardo para tocar músicas na festa do anúncio de casamento de sua filha, assim como o escrivão e outros políticos convidá-lo-ão para suas festas. Mas o autor salienta que “o rapaz preto” era maior músico que Ricardo Coração dos Outros, e que o amigo do Major estava preocupado com isso. “Não é que ele tivesse ojeriza particular aos pretos. O que ele via no fato de haver um preto famoso tocar o violão, era que tal coisa ia diminuir ainda mais o prestígio do instrumento” (LIMA BARRETO, 1997, p.85). Mais uma vez, Lima Barreto denuncia as injustiças e preconceitos sociais sofridos pela população negra.

Voltemos para o sítio de Quaresma, onde ele receberá a visita de sua afilhada, acompanhada do marido. Quando estes chegam, o Major já contratou uma outra pessoa, Felizardo. “Era este um camarada magro, alto, de longos braços, longas pernas, como um símio. Tinha a face cor de cobre, a barba rala e, sob uma aparência de fraqueza muscular, não havia ninguém mais valente que ele para roçar” (LIMA BARRETO, 1997, p.130). Mais uma vez coloca o autor os valores positivos ao lado dos trabalhadores. Felizardo entra em cena após Ricardo tocar suas músicas na casa do General, entre seus camaradas de armas e doutores, mas Lima Barreto chamará valente a Felizardo. Lembremos que o Contra-Almirante teve medo de telefonar para avisar que não tinha encontrado o navio.

Felizardo será o empregado que fala, Anastácio é de poucas palavras. Será esse novo empregado que contará para o Major que o escrivão Atonino e o doutor Campos brigaram por causa do negócio da política, um apoiava o governador, outro o senador. O Major não tomou posição nessa disputa, o que teve como consequência a publicação no jornal de uma matéria contra ele, chamando-o de estrangeiro, por não ser nascido no município, convidando-o a ir embora. Colocando essa situação, Lima Barreto deixa exposto que o termo estrangeiro é utilizado como insulto; a ligação entre a política e a mídia, quanto a sua utilização para atacar pessoas que são contra os interesses de alguma das partes em disputa. Quaresma irá visitar o presidente da Câmara para esclarecer o assunto, acompanhado de sua afilhada Olga, cena que o autor utilizará para que a mulher do doutor, que tinha sido criada na cidade, conheça o

fato de que ainda no Brasil haviam camponeses vivendo em situação comparável à da Idade Média.

Fazer Olga visitar o sítio de seu padrinho permitirá a Lima Barreto estabelecer um diálogo entre a afilhada do Major e seus empregados, no qual denunciará a situação social na qual vivem os camponeses, o problema da propriedade da terra, o que é preciso para a terra ser produtiva e as diferenciações que faz o Estado entre aqueles que trabalham a terra e aqueles que são seus proprietários. Olga expressará ideias que estão, e estavam também naquela época, em circulação nas sociedades colonizadas. Ela chega com seus preconceitos de classe perguntando por que é que vivem nessa situação de pobreza, sendo que poderiam trabalhar a terra e progredir. Citemos um trecho desse diálogo, entre Olga e Felizardo, porque consideramos que é muito rico.

- Você porque não planta para você?
- ‘Quá sá dona!’ O que é que a gente come?
- O que plantar ou aquilo que a plantação der em dinheiro.
- ‘Sá dona tá’ pensando uma cousa e a cousa é outra. Enquanto planta cresce, e então? ‘Quá, sá dona’, não é assim. Deu uma machadada; o tronco escapou: colocou-o melhor no picado e, antes de desferir o machado, ainda disse:
- Terra não é nossa... E ‘furmiga’?... Nós não ‘tem’ ferramenta... isso é bom para italiano ou ‘alemão’, que governo da tudo... Governo não gosta de nós... (LIMA BARRETO, 1997, pp.139-140)

Esse trecho do diálogo permite-nos observar como Olga não consegue ver as diferenças sociais produto do racismo, colocando os trabalhadores negros numa situação de igualdade com os outros trabalhadores, assim como também não consegue pensar nas ferramentas e recursos que são necessários para progredir. E Lima Barreto coloca o saber ao lado do trabalhador, ao lado do escravo: quem faz, sabe. Felizardo diz a Olga, quem em teoria estaria bem mais perto do conhecimento, “do saber”, “do progresso”, é a filha de um General, a mulher de um doutor, “‘Sá dona tá’ pensando uma cousa e a cousa é outra”. A dona acha que sabe, mas não sabe, a dona repete o que outros falam, mas não é assim a coisa. Não é suficiente a força do trabalho para produzir, também é preciso ter ferramentas e para ter ferramentas é preciso capital, explica-lhe Felizardo, e o capital não se coloca ao lado dos locais, está ao lado dos estrangeiros. Cabe destacar que Lima

Barreto, em 1911, consegue minar as bases do discurso do “empreendedorismo”:

Ela voltou querendo afastar do espírito aquele desacordo que o camarada indicara, mas não pôde. Era certo. Pela primeira vez notava que o *self-help* do Governo era só para os nacionais; para os outros todos os auxílios e facilidades, não contando com a sua anterior educação e apoio dos patricios (LIMA BARRETO, 1997, p.140)

A lavoura não dará lucros e o Major não estará disposto a receber empréstimos para financiar a sua produção. Quando o marido de Olga, o doutor Borges, propõe ao padrinho de sua esposa que a terra precisava de adubos, Quaresma responde com muito nojo “Senhor doutor, o Brasil é o país mais fértil do mundo, é o mais bem-dotado e as suas terras não precisam “empréstimos” para dar sustento ao homem. Fique certo! (LIMA BARRETO, 1997, p.141). Lembremos que no início do capítulo o Major conversava com Anastácio sobre a queda do Souto, aquele banco que fez tremer aos fazendeiros do país após a sua quebra.

E essa segunda parte finaliza-se com o ataque à República por parte daqueles que queriam voltar à monarquia. Era certo mesmo que o Brasil tinha progredido com essa República? Após Lima Barreto colocar que havia uma importante porcentagem da população vivendo em condições similares a da Idade Média, a situação é bem inserida. Pensemos no progresso do romance: primeira parte, personagens em situação de progresso: o Major pensando em planos para emancipar o país, Ricardo Coração dos Outros dando aulas para o Major, Cavalcânti aguardando para se formar, as filhas do General aguardando para casar, os funcionários públicos que já formam parte da aristocracia suburbana. Segunda parte: Quaresma retrocede, vai para o campo, Lima Barreto mostra as personagens que ainda não progrediram e que dependem do Estado para conseguir esse progresso proposto; a politicagem como via da salvação, mas todo esse suposto progresso acaba com navios disparando seus canhões no Rio de Janeiro. Qual progresso? Qual civilização teria chegado junto com a República? A civilização traria o fim da violência das bestas? E na terceira parte, e última, do romance, as personagens vão entrar em guerra, o Major utilizará sua inteligência agora para conseguir atacar os barcos, propor uma reforma agrária para salvar o país, mas, não obstante seu patriotismo, acabará fuzilado.

### 3.1. O fim do progresso é a morte

O protagonista de *Os sete loucos*, Remo Erdosain, também terminará morto por uma bala, mas ele cometerá suicídio dentro da máquina do progresso, uma locomotiva com destino a Moreno. Podemos afirmar que o romance de Arlt é um romance do progresso, da salvação, um romance moderno. Pensemos que a história de *Os sete loucos*, como o modernismo, começa com um crime, Erdosain roubou, e será salvo da prisão por um dos membros da conspiração do Astrólogo, que planeja o progresso da humanidade sobre a base de um esquema de comercialização de pessoas, exploração de brancas, uma rede de prostituição.

Arlt começa o livro colocando Erdosain na frente de seus patronos, após eles descobrirem, por uma delação, que o protagonista da história tinha ficado com o dinheiro das vendas. O contador da empresa, o senhor Gualdi, humilhará Erdosain, “a pesar de ser un socialista” (ARLT, 2007, p.8). Já desde o primeiro capítulo o autor caracterizará Erdosain como uma personagem que procura a salvação, primeiro será a procura por um salvador que lhe empreste o dinheiro para evitar a prisão, depois, no desenrolar do romance, o que Erdosain buscará é se salvar economicamente pela via da invenção, e sempre tentará salvar a sua alma atormentada. Mas não apenas Erdosain procura a salvação, no primeiro capítulo do romance, as personagens que Arlt colocará em cena procuram o progresso ou a salvação por vias diversas, mas as mesmas que já foram colocadas por Lima Barreto em *Triste fim...: o progresso pelo conhecimento, o progresso pela via do matrimônio, o progresso pela via da técnica.*

A história que o Comentador, o narrador da história, contará, começa com um crime: Erdosain roubou, e no final, após Erdosain se suicidar, o Comentador diz que um homem cuspirá sobre o corpo e chama-o de anarquista. Além do fato de que o romance estará atravessado pela teoria socialista, ao encontrarmos-nos com uma história em cujo início há um crime, um roubo, não temos como não lembrar de Proudhon, uma das máximas referências teóricas do anarquismo, que afirmou que a propriedade é um roubo, que no início da história há um crime (Cf. PROUDHON, 2007). Tese que coincide com a leitura de Wallerstein, o capitalismo surgiu como consequência da apropriação dos recursos naturais desse continente. E é sobre esse princípio que será estruturado o romance de Arlt, no início há um crime, Erdosain roubou, mas os capitalistas também são criminosos, afirmará o Astrólogo, o que

os possibilita cometer crimes para acabar com esse sistema. O Astrólogo, como um colonialista, habilitará até a via da exploração de pessoas para alcançar seu objetivo.

Destaquemos uma diferença, entretanto, no progresso da história nos dois autores, também para colocar o porquê do espaço que dedicaremos nesse capítulo a um e outro romance. No caso de *Triste fim...* a história progride sem se deter muito nas reflexões das personagens, só no capítulo no qual o Major vai para o hospício são colocados dilemas, questionamentos, que poderíamos chamar de existenciais, se perguntando o que é a loucura, o que seria a verdade. No caso do romance de Arlt, o romance deter-se-á por muito tempo nesse tipo de questionamentos. Erdosain é uma personagem que passará muito tempo trancado no dormitório da pensão, ou em sua casa, pensando e refletindo sobre sua pessoa, sua alma, sobre seu sofrimento, o foco de sua preocupação está colocado nele, coisa que não acontece com o Major. O foco do Major é o progresso do Brasil, o objetivo de Erdosain é a sua salvação individual, muito embora escolha participar do projeto anticapitalista do Astrólogo.

O ambiente no qual se desenvolve a história de Arlt é o de uma cidade que já progrediu, uma cidade que tem metrô, na qual a república tem quase oitenta anos, ainda que alguns problemas, presentes no romance de Lima Barreto, estejam presentes no tempo em que Arlt publicou o seu. *Os sete loucos* foi publicado em 1929, ano da crise econômica internacional que levou tantos bancos à quebra, assim como foi publicado um ano antes do primeiro golpe militar contra a república na Argentina. Os dois romances, publicados com dezoito anos de diferença, ambientados em tempos também distintos, mostram a fragilidade das democracias em nosso continente.

A primeira pessoa que Erdosain vai procurar para saldar sua dívida é o farmacêutico Ergueta, um homem que pela sua face dava a pensar que dedicava-se à exploração de pessoas, diz o Comentador, que salvou Hipólita, uma mulher que trabalhou como prostituta, mas antes disso como criada, casando com ela. Ergueta procura sua salvação na religião, assim como quer se salvar economicamente indo ao casino jogar roleta. “Pero lo que te salva a vos no es el secreto de la ruleta, sino el hecho de tener una hermosa alma” (ARLT, 2007, p.16). Ergueta acredita ter descoberto o segredo para ganhar, mas é considerado louco. “¿Cómo no querés que te tengan por loco? Vos fuiste, según tus propias palabras, un gran pecador. Y de pronto te convertís, te casás con una prostituta porque eso está escrito en la Biblia” (ARLT, 2007, p.15), lhe diz Erdosain.

Sendo que Ergueta não emprestará o dinheiro de que Erdosain necessita, ele vai procurar Barsut para sua salvação. Barsut é primo de Elsa, a mulher de Erdosain, foi quem o delatou e será o primeiro a apontar o suicídio como via de salvação individual, mas assassinando antes alguém, no caso, Erdosain e Elsa. Barsut não vai se matar, acabará preso por pagar com dinheiro falso, que lhe dera o Astrólogo, como devolução do empréstimo que lhe tinha dado Barsut para financiar a fábrica de gases que planejaría Erdosain. O Astrólogo planejava atacar a Delegacia de polícia, plano que podemos considerar não apenas esquerdista, quanto de tipo anarquista. Cabe destacar que na Argentina os imigrantes anarquistas tiveram um papel fundamental na criação de sindicatos e na organização de lutas populares (Cf. BAYER, 2009), assim como lembrar da utilização de gases como armas durante a primeira grande guerra europeia, da qual muitas vítimas fugiram para ir morar na Argentina.

Erdosain é um inventor, seu sonho de progresso econômico dá-se pela via da técnica. Sonha com fabricar uma rosa de cobre e com isso se tornar milionário.

Triunfaría, ¡sí!, triunfaría. Con el dinero del “millonario melancólico y taciturno” instalaría un laboratorio de electrotécnica, se dedicaría con especialidad al estudio de lo rayos Beta, al transporte inalámbrico de la energía, y al de las ondas electromagnéticas, y sin perder su juventud, como el absurdo personaje de una novela inglesa, envejecería; tan sólo su rostro empalidecería hasta adquirir la blancura del mármol, y sus pupilas chispeantes como las de un mago seducirían a todas las doncellas de la tierra. (ARLT, 2007, p.24).

Semelhante ao Major Quaresma, Erdosain é um homem que se dedica aos estudos, às pesquisas, se interessa pela física, a química, as matemáticas, e será através desse conhecimento que conseguirá um lugar nos planos do Astrólogo, para ser parte da *Sociedade Secreta*. A sociedade será integrada por Erdosain, Haffner, o Buscador de Oro, o Advogado, e será liderada pelo Astrólogo. O Astrólogo é um personagem impossibilitado de reproduzir-se, é castrado. Mas seu plano é produzir uma revolução social e para isso planeja servir-se de todas as vias possíveis, sem se preocupar com as questões morais. Conforme o Astrólogo, o capitalismo é imoral, é um maquinário que gera fome e mortes em toda parte, e vale tudo para tentar acabar com isso.

Quando Erdosain visita o Astrólogo para lhe pedir emprestado o dinheiro, deve aguardar até fazer seu pedido, porque o Astrólogo está conversando com Arturo Haffner, mais conhecido como o Rufián Melancólico, que era como chamava-o o Astrólogo. Haffner é um proxeneta, desenhará a estrutura de prostíbulos que permitirão financiar os planos revolucionários do Astrólogo, planos estruturados sobre a base do discurso leninista, sobre a base do projeto soviético da revolução. O Astrólogo planeja criar uma organização clandestina, estruturada sobre a base de células revolucionárias, que era o tipo de organização que tinham os partidos comunistas (Cf. HARNECKER et al., 1979).

Quando Erdosain entra na casa do Astrólogo, encontra as outras duas personagens conversando, na parede um mapa dos Estados Unidos e Haffner marca nele as cidades onde a Ku-Klux-Klan acha-se presente e o número de adeptos que têm em cada uma. Cabe destacar que Arlt coloca, numa mesma série ao proxeneta com a exploração da escravidão, sendo que não há como não pensar na problemática da população negra nos Estados Unidos, o problema do racismo, sem levar em consideração como foi que essa população chegou até o país do norte e a ligação entre a Ku-Klux-Klan e sua oposição aos direitos civis dos afro-americanos. De alguma maneira, Arlt está nos dizendo: a comercialização de pessoas ainda continua, passamos da exploração de negros à exploração de brancas. O Astrólogo pergunta a Haffner se ele sabe que queimaram pessoas negras nos Estados Unidos e o Rufián Melancólico responde que sabe.

Antes de Erdosain conseguir dizer ao Astrólogo a razão de sua visita, o Astrólogo expõe seu plano, um plano moderno e colonial:

-¿Qué es lo que se opone aquí en la Argentina para que exista también una sociedad secreta que alcance tanto poderío como aquélla allá? Y le hablo a usted con franqueza. No sé si nuestra sociedad será bolchevique o fascista. A veces me inclino a creer que lo mejor que se puede hacer es preparar una ensalada rusa que ni Dios la entienda. Creo que no se me puede pedir más sinceridad en este momento. Vea que por ahora lo que yo pretendo hacer es un bloque donde se consoliden todas las posibles esperanzas humanas. Mi plan es dirigirnos con preferencia a los jóvenes bolcheviques, estudiantes y proletarios inteligentes. Además, acogeremos a los que tienen un plan para reformar el universo, a los empleados que aspiran a ser millonarios, a los inventores fallados -no se dé por aludido, Erdosain-, a los cesantes de cualquier cosa, a los que acaban de

sufrir un proceso y quedan en la calle sin saber para qué lado mirar...

Erdosain recordó la misión que lo llevó a la casa del Astrólogo, y dijo:

-Tendría que hablar con usted...

-Un momentito... estoy en seguida con usted -y siguió-: El poder de esta sociedad no derivará de lo que los socios quieran dar, sino de lo que producirán los prostíbulos anexos a cada célula. Cuando yo hablo de una sociedad secreta, no me refiero al tipo clásico de sociedad, sino a una supermoderna, donde cada miembro y adepto tenga intereses, y recoja ganancias, porque sólo así es posible vincularlos más y más a los fines que sólo conocerán unos pocos (ARLT, 2007, pp.27-28).

A referência que o Astrólogo faz sobre saber em qual será o rumo da sociedade deles, tem que ser colocada no contexto da pós-guerra, com a Rússia envolvida na sua revolução soviética, o fascismo avançando na Europa, mas também dever ser colocada no contexto da realidade argentina. Conforme Sylvia Saítta, o romance *capta*, melhor que nenhum outro, uma sociedade à beira do colapso social, colocando a conspiração no centro do cenário político, convertendo-a na causa das ações das personagens (Cf. SAÍTTA, 2007). Para a crítica não importa se se trata de uma conspiração baseada numa ideologia de direita ou de esquerda, pois Arlt *capta*, sob a forma da conspiração e do complô, a forma como estava funcionando o poder político na Argentina. “*Capta*, em palavras de Ricardo Piglia, la maquinación oculta que explica los acontecimientos, y hace del complot la clave de interpretación de las leyes de funcionamiento de la sociedad” (SAÍTTA, 2007, p.42). Não nos envolveremos no debate sobre o complô na obra de Arlt, simplesmente colocamos essa referência para levar em consideração que Arlt escreveu o romance em tempos de um golpe.

Voltemos para a última citação de *Os sete loucos*. Nessas palavras que diz o Astrólogo, coloca quais são as esperanças da humanidade nesse tempo, quais são as coisas que os sujeitos desejam: tem fantasias com o socialismo, uma sociedade mais justa, o que não quer dizer que estejamos afirmando que os desejos da época fossem o socialismo, ou que o socialismo estava presente como via do progresso. Como sublinhamos quando fizemos referência ao texto de Wallerstein, liberalismo, conservadorismo e socialismo são as três ideologias que conformam o discurso da modernidade. Coloca o Astrólogo também as esperanças daqueles que desejam ser ricos para progredir; aos inventores frustrados, aqueles que procuraram a salvação na técnica, a criação de



uma novidade, uma nova resposta que possibilitaria um novo progresso. Mas essa sociedade secreta que o Astrólogo quer criar também terá divisões internas nas quais se repetirá o mesmo esquema colonial no que se refere ao conhecimento.

-Desdichados hay que creer en ellos..., y eso es suficiente... Pero he aquí mi idea: esa sociedad se compondrá de dos castas, en las que habrá un intervalo... mejor dicho, una diferencia intelectual de treinta siglos. La mayoría vivirá mantenida escrupulosamente en la más absoluta ignorancia, circundada de milagros apócrifos, y por lo tanto mucho más interesantes que los milagros históricos, y la minoría será la depositaria absoluta de la ciencia y del poder. (ARLT, 2007, p.104)

La cuestión es apoderarse del alma de una generación... El resto se hace solo. (...) Mi idea es organizar una sociedad secreta, que no tan sólo propague mis ideas, sino que sea una escuela de futuros reyes de hombres. (ARLT, 2007, p.105).

Temos então, no romance de Roberto Arlt, também um projeto de reforma social, mas no caso do projeto do Astrólogo, à diferença da proposta do Major, é um projeto que tem que ser violento. No capítulo III, intitulado “El látigo”, O Astrólogo cita Lenin para dizer: “¡Qué diablo de revolución es ésta si no fusilamos a nadie!” (ARLT, 2007, p.95). E é interessante o contraste com o Major Quaresma, para quem a via da reforma social é pela via da emancipação lingüística, sendo que tanto o Astrólogo quanto Erdosain, igualmente a Quaresma, reconhecem a força das palavras, das ideias, no condicionamento humano. Mas a via escolhida para transformar as consciências é a violência, primeiro a violência, depois a revolução das ideias.

Quando entra em cena Elsa, a esposa de Erdosain, o que ocorrerá após Erdosain conseguir dinheiro do Rufián Melancólico para pagar a sua dívida no trabalho, surgirá o primeiro fracasso da promessa de casamento como via de salvação. Quando Remo chega em casa encontra sua mulher com um outro homem, um capitão. Capitão que não só levará Elsa com ele, como dará um golpe na face de Erdosain. Elsa deixará o marido, mas depois também deixará o capitão, e buscará sua salvação num monastério de freiras. Segunda personagem para quem a conversão ou a dedicação à religião aparece como uma via de salvação. Lembremos que *Os sete loucos* foi publicado pouco menos de um ano antes do primeiro golpe militar da história argentina e, como a história tem demonstrado, os golpes não acontecem de um dia para o outro, mas

que a ideia de tirar um presidente, ou uma presidenta, do governo, começa a circular bem antes.

Saítta, em “Viento de conspiración en *Los siete locos y Los lanzallamas*”, publicado na revista *Fragmentos* da UFSC, lembra uma nota de rodapé que o autor inseriu na terceira edição de seu romance, do ano de 1931, na qual Arlt esclarece que *Os sete loucos* foi escrito entre 1928 y 1929, bem antes do golpe de Estado de 6 de setembro de 1930. O romance foi publicado em outubro de 1929. Mas, salienta Saítta, os antecedentes do golpe remontam aos meses prévios à eleição de abril de 1928, que possibilitou a Hipólito Yrigoyen seu segundo mandato. “Los diarios fueron la caja de resonancia de ese clima conspirativo” (SAÍTTA, 2007, p.41), e Arlt, nesse mesmo tempo, trabalhava em um jornal.

Erdsain considera que, além de seu progresso material, além de conseguir criar a rosa de cobre ou até dar certo o plano do Astrólogo, ele não conseguirá progredir, ele tem a dificuldade de carregar sua alma, alma que não consegue deixar de sentir a tristeza do mundo e, aonde quer que vá, essa sensibilidade não vai deixá-lo desfrutar da vida, mesmo que estivesse morando no paraíso. Mas, à diferença de Lima Barreto, que coloca no exterior o padecimento de Quaresma, Policarpo padece pelas chacotas recebidas ante sua proposta, o Major enlouquece quando não há lugar para ouvir o que ele tem para dizer; Arlt explicará o padecimento de Erdsain pela sua história individual, pela sua infância, pelo relacionamento com o pai.

E também, assim como em Lima Barreto, aparece no romance de Arlt a política como via do progresso, progresso que depende de saber mentir, roubar, já que para o Astrólogo, assim como para o autor, não são necessárias muitas capacidades para se dedicar a isso. Mas quando Arlt coloca a política no romance, quando faz Erdsain criticar a política, também coloca a política no contexto:

El noventa por ciento de los diputados de nuestro país son inferiores en cultura a un teniente primero de nuestro ejército. Un político que ha sido acusado de haber intervenido en el asesinato de un gobernador ha dicho con mucho acierto: «Para gobernar un pueblo no se necesitan más aptitudes que las de un capataz de estancia». Y ese hombre ha dicho la verdad refiriéndose a nuestra América.

(...)

Ustedes saben mejor que yo que para ser diputado hay que haber tenido una carrera de mentiras,

comenzado como vago de comité, transando y haciendo vida común con perdularios de todas las calañas, en fin, una vida al margen del código y de la verdad. No sé si esto ocurre en países más civilizados que los nuestros, pero aquí es así. En nuestra cámara de diputados y de senadores, hay sujetos acusados de usura y homicidio, bandidos vendidos a empresas extranjeras, individuos de una ignorancia tan crasa, que el parlamentarismo resulta aquí la comedia más grotesca que haya podido envilecer a un país. Las elecciones presidenciales se hacen con capitales norteamericanos, previa promesa de otorgar concesiones a una empresa interesada en explotar nuestras riquezas nacionales. No exagero cuando digo que la lucha de los partidos políticos en nuestra patria no es nada más que una riña entre comerciantes que quieren vender el país al mejor postor (ARLT, 2007, p.105).

Nosotros predicaremos la violencia, pero no aceptaremos en las células a los teóricos de la violencia, sino que aquel que quiera demostrarnos su odio a la actual civilización tendrá que darnos una prueba de su obediencia a la sociedad. ¿Se da cuenta usted ahora del objeto de la colonia? (ARLT, 2007, p.129).

Podemos destacar que o mesmo tipo de raciocínio do Escrivão em *Triste fim...*, que considerava que não era possível comparar os trabalhadores da Europa com os do Brasil, está presente nas afirmações do Astrólogo, que considera que não se precisa de muito para governar povos como os de América, que não tem muitas diferenças com os animais, por isso não se precisa de muitas mais capacidades que as de um capataz de fazenda. Coloca também Arlt, na boca de Erdsain, que as dificuldades que os países como os nossos têm é o interesse dos países estrangeiros pelos nossos recursos naturais, “as nossas riquezas”, consideração bem semelhante com as do Major Policarpo. No primeiro capítulo mostramos como Lima Barreto, desde suas crônicas, também denunciava a ingerência dos Estados Unidos nas democracias da América Latina.

Outra semelhança que encontramos nos dois autores é a desidealização da vida *ideal* no campo, em contato com a natureza. Pensa o Major, conta Felizardo, que a vida no campo é dura. Olga considera que as condições da população que trabalha no campo são análogas às da Idade Média. Em *Os sete loucos* quem conheceu essa vida é Hipólita, a mulher de Haffner, quem fora criada e prostituta, mas sobre cuja vida numa fazenda saberemos na segunda parte do romance, em *Os lança-chamas*, livro que foi editado em 1931, após o golpe militar. O primeiro capítulo começa com uma visita de Hipólita ao Astrólogo, que se mudou para um sítio longe da cidade, o que lhe fará lembrar do tempo no qual ela era solteira e morou numa fazenda, e dirá que a vida das pessoas que trabalham lá é uma vida bestial. E em seu relato cruzará a natureza, como Policarpo, pela linha do progresso. Colocará numa mesma cena, junto à vida bestial, os gaúchos, os donos da terra, as vias do trem e os carros da Ford:

- Era una vida bestial la de esa gente. Vea... del campo me acuerdo el amanecer, las primeras horas después de almorzar y del anochecer. Son tres terribles momentos de ese campo nuestro, que tiene una línea de ferrocarril cruzándolo, hombres con bombachas parados frente a un almacén de ladrillos colorados y automóviles Ford haciendo línea a lo largo de la fachada de una Cooperativa.

El Astrólogo asiente con la cabeza, sonriendo de la precisión con que la muchacha roja evoca la llanura habitada por hombres codiciosos.

- Me acuerdo. en todas las partes y en todas las casas se hablaba de dinero. Ese campo era un pedazo de la provincia de Buenos Aires, pero. ¡qué importa!, allí esos hombres y esas mujeres, hijos de italianos, de alemanes, de españoles, de rusos o de turcos, hablaban de dinero. Parecía que desde criaturas estaban acostumbrados a oír hablar del dinero. Al juzgar los hombres y sus pasiones, todos sus sentimientos los controlaba una sed de dinero. Jamás hablaban de la pasión sin asociarla al dinero. Juzgaban los casamientos y los noviazgos por el número de hectáreas que sumaban tales casamientos, por los quintales de trigo que duplicaban esos matrimonios, y yo, perdida entre ellos, sentía que mi vida agonizaba precozmente, peor que cuando vivía en el más

incierto de los presentes de la ciudad. ¡Oh!, y era inútil querer escaparse de la fatalidad del dinero. (...)

El Astrólogo sonríe sin apartar los ojos del semblante de Hipólita y reflexiona

- El dinero y la política es la única verdad para la gente de nuestro campo. (ARLT, 2008, p.15).

Como em *Triste fim...* o casamento vem ligado ao progresso econômico, social e os lucros do campo ficam nas mãos dos estrangeiros. Se Felizardo dizia para Olga que só o governo repassava dinheiro para os alemães e italianos, Hipólita vai nos mostrar uma mesma situação no pampa argentino. Mas ela considera que não há como fugir da “fatalidade do dinheiro”. No final do romance, Hipólita fugirá com o Astrólogo, que levou o dinheiro de Barsut, e a quem deu dinheiro falso, que utilizará e por isso será preso, razão pela qual o plano da *Sociedade Secreta* será descoberto. Hipólita avisa, no início da segunda parte, que não faz sentido tentar fugir da fatalidade de desejar o progresso, progresso que, no mundo capitalista, só se pode conseguir com dinheiro.

Após Artlt fazer Hipólita colocar o casamento como via ao progresso, o autor insere, também no primeiro capítulo, a seção “Los amores de Erdosain”, na qual o protagonista do romance, após ter disparado em Barsut, no final da primeira parte, encontra-se sozinho no dormitório da pensão; no chão encontram-se espalhadas as notas de dinheiro que o Astrólogo lhe deu, e ele se pergunta o que fazer depois que Elsa foi embora. Pensa em se suicidar, mas quer viver. Se pergunta “¿Es necesario que me salve? ¿Que nos salvemos todos?” (ARLT, 2008, p.29), e depois descobre que a dona da pensão, Dona Ignacia, está lhe observando e ao dinheiro. Ela pergunta se ele ganhou na loteria, ele responde que é produto da sua invenção, a rosa de cobre, e a conversa entre eles acaba com Dona Ignacia pedindo para Erdosain casar com sua filha, a Vesga, uma adolescente vesga de quinze anos. O único argumento para a jovem aceitar a proposta é que Erdosain mostre o dinheiro para ela.

A segunda parte do romance vai se introduzir fortemente na questão da angústia das personagens, principalmente Erdosain. Ele, assim como deseja seu progresso individual, tornar-se milionário vendendo seu invento para alguma companhia americana, considera que a tristeza que leva consigo não vai lhe permitir nunca ser feliz, ele não tem como fugir dela. “Donde vayas irá contigo la desesperación. Sufirás y dirás como ahora: ‘Más lejos todavía’, y no hay más lejos

sobre la tierra. El más lejos no existe. No existió nunca. Verás tristeza adonde vayas” (ARLT, 2008, p.46). Mas, além de considerar que será triste aonde quer que vá, Erdosain está envolvido na fábrica de gases para aniquilar a Delegacia de polícia, e sem se preocupar pelas vítimas civis, porque esse é o objetivo do plano do Astrólogo. Erdosain entregará o plano da fábrica de gases, depois matará à Bizca, irá até a casa do Comentador para lhe contar a história, demorará três dias para contar tudo. Depois subirá num trem e cometerá suicídio.

Erdosain, à diferença de Policarpo, coloca no interior os limites de seu próprio progresso. O Major não consegue progredir ou, melhor dizendo, o projeto de Quaresma não progride porque não há quem leve a sério sua proposta. Poderíamos afirmar que a proposta do Astrólogo é uma proposta louca, mas ele conseguiu que ouvissem o que tinha para dizer, conseguiu montar uma equipe para seu projeto, coisa que não aconteceu com o Major. O Major, tendo pensado e desenhado, igualmente ao Astrólogo, um projeto de liberação, um projeto de reforma social, acaba fuzilado. Erdosain acaba se matando para se libertar da angústia. Mas podemos pensar, que nos dois romances, no início e no fim do progresso, está a morte.

## 4. A GUERRA NO INÍCIO E NO FIM

Para finalizar nossa leitura decolonial dos romances de Lima Barreto e Arlt, nesse capítulo retomaremos o triste fim do Major Quaresma, por considerar que o fuzilamento de Policarpo é uma bela imagem da violência no início e no fim do projeto moderno, da violência como justificativa para o progresso. Para isso, trabalharemos com textos de Liev Tolstói sobre a guerra, assim como com *A mobilização total* (1930) de Ernst Junger, escritor alemão que participou da primeira grande guerra europeia, na qual foram utilizadas, pela primeira vez, armas químicas; armas do tipo que poderiam ser produzidas pela fábrica de gases desenhada por Remo Erdosain. Além disso, conforme escreveu Roberto Arlt, em uma água-forte intitulada “Comentarios a ‘*Los siete locos*’”, a guerra europeia está na origem de seu romance. Enquanto no capítulo anterior mostramos as personagens de ambos os romances seguindo os sonhos do progresso, o objetivo desse capítulo é mostrar como a guerra coloca em questão a possibilidade de realização desses sonhos.

Além de Junger, trabalharemos com *Lo que yo pienso de la guerra*, compilação de textos de Tolstói sobre o assunto. Escolhemos o autor russo porque, além de ter sido uma referência para os dois autores latino-americanos, assim como para Junger, participou de uma guerra, a guerra da Crimeia, em 1854, e seu pensamento influenciou Mohandas Gandhi e, por consequência, Martin Luther King, dois atores sociais que, conforme Mignolo, fazem parte da genealogia do pensamento decolonial. A partir de uma carta que Tolstói enviou em 1908 à revista *The Free Hindustan*, conhecida como *Carta a um Hindu*, começou uma correspondência entre o escritor russo e Gandhi. Tolstói incentivava a resistência pacífica, reconhecendo que a violência era contrária à lei do amor. Um jovem advogado, chamado Mohandas Gandhi, enviou uma carta para Tolstói, começando um intercâmbio epistolar que só terminaria com a morte deste. Numa dessas cartas, de forma semelhante a Guaman Poma, Tolstói reconheceu as contradições entre o ideário cristão e a prática daqueles que se reconheciam como seus representantes na Terra. Gandhi recebeu as seguintes palavras:

Toda a vida dos povos cristãos está em contradição entre aquilo que eles pregam e entre a base de suas vidas: contradição entre o amor, considerado a lei da vida, e a violência,

considerada até mesmo como imprescindível em todas as suas diferentes formas, tais como o poder dos governantes, dos tribunais, dos exércitos, reconhecidos e louvados (TOLSTOI, apud. RABELO, 2008, p. 111)”

Aliás, é oportuna a ligação que podemos estabelecer entre Tolstoi e o pensamento decolonial; consideramos interessante articular a obra de ambos os autores latino-americanos com a dos autores europeus, por coincidir com Junger, quando fala sobre a guerra:

Esse espetáculo lembra vulcões em que continuamente eclode o mesmo magma e que, porém, estão em atividade em paisagens muito diversas. Assim, ter participado de uma guerra significa algo semelhante a ter estado na área de alcance de uma dessas montanhas que cospem fogo – mas, entre o Hekla islandês e o Vesúvio na baía de Nápoles, há uma grande diferença. Decerto, pode-se dizer que a diferença entre as paisagens desaparece à medida que alguém se aproxima da garganta abrasante da cratera e que, lá onde a paixão propriamente dita irrompe – antes, portanto, de toda luta aberta, imediata, de vida ou morte –, desempenha um papel marginal saber o século em que, saber as idéias pelas quais e saber as armas com que se combate (JÜNGER, 2002) .

Um aspecto que devemos levar em consideração para pensar a guerra da qual participou Tolstoi, a guerra da qual participou Junger, assim como do tipo de guerra que criou Lima Barreto e o projeto de guerra de Arlt, é que até a primeira grande guerra europeia, o tipo de combate que se desenvolvia era do tipo “guerra de trincheiras”, o combate corpo a corpo. Na primeira grande guerra europeia esse tipo de combate vai continuar, mas a força aérea vai ganhar protagonismo, junto com a utilização de armas químicas. Quando o carioca escreveu seu romance, a referência das guerras que ele tinha eram as guerras de trincheiras, por isso Policarpo será ferido numa delas. Arlt sabe que “o chefe de esquadra que, altas horas da noite, dá a ordem de ataque de bombas não conhece mais diferença alguma entre combatentes e não combatentes, e a nuvem de gás letal avança como um elemento natural sobre tudo que é vivo” (JUNGER, 2002, p.198). Como salientamos no



capítulo anterior, ainda conscientes das mortes de inocentes que poderiam gerar, Erdosain e o Astrólogo continuam com seu projeto.

Em *O destino da literatura*, a primeira conferência sobre o assunto escrita por Lima Barreto, o autor reconheceu Tolstoi como uma referência, dizendo que levava em consideração as palavras que o escritor russo colocou em *O que é a Arte?*:

Quando se quer definir um ramo da atividade humana, é necessário procurar-lhe o seu sentido e o seu alcance. Para isto fazer, é primeiramente indispensável estudar tal atividade em si mesma, na dependência de suas causas e efeitos, e não exclusivamente nas suas relações com os prazeres que ela nos proporciona (TOLSTOI apud. LIMA BARRETO, 1961, p.61).

Quando lemos a abordagem que o autor carioca fez sobre a guerra em seu romance, consideramos que seguiu a sugestão de Tolstoi. Podemos pensar que o autor estudou sobre o assunto, mas levando em consideração que a problemática da guerra fazia parte do contexto no início do século XX. O que encontraremos, mais uma vez, na terceira parte do romance, é que, assim como no primeiro capítulo, o autor colocou o foco nos recursos naturais do Brasil, recursos que, como refletido no segundo capítulo, estão na origem do colonialismo; na terceira parte, quando a guerra começa, Lima Barreto também coloca o foco nos recursos, o assunto mais importante no momento de se pensar em entrar numa guerra. Queremos deixar claro que não estamos pensando nos recursos como causa da guerra, mas nos recursos como via para garantir o desenvolvimento da guerra, porque alguém tem que produzir os alimentos para os soldados que não estão trabalhando, e precisa-se de recursos para comprar os armamentos.

No caso de Arlt, a guerra está na origem mesma do romance. Em “Comentarios a ‘*Los siete locos*’”, uma água-forte na qual respondeu à pergunta de um leitor sobre de que tratava seu romance, o escritor diz que suas personagens são indivíduos tristes e canalhas, atados e ligados pelo desespero. “La desesperación en ellos está originada, más que por la pobreza material, por otro factor: la desorientación que, después de la gran guerra, ha revolucionado la conciencia de los hombres, dejándolos vacíos de ideales y esperanzas (ARLT, 1929)”. Desorientação que, após a guerra, também vive Policarpo, e para a qual Tolstoi dará uma sugestão. É preciso considerar que Arlt escreveu isso enquanto em

Buenos Aires vivia uma quantidade significativa de imigrantes europeus do pós-guerra. Conforme o historiador Luis Alberro Romero e a historiadora Lilia Ana Bertoní, seria muito difícil abordar qualquer problema do passado ou do presente da Argentina sem relacioná-lo com a imigração, que começou com a colonização espanhola, mas que continuou no tempo. Só para ter uma ideia, o número de habitantes de Buenos Aires aumentou, entre 1869 e 1914, de 180.000 para 1.600.000, sendo que destes quase 50% eram estrangeiros (LEANDER et al., 1989). Aliás, devemos lembrar, como já referimos em outros capítulos, que nas águas-fortes portenhas os estrangeiros são uma presença constante, e que as mesmas foram escritas pelo filho de um casal de imigrantes.

Antes de começar com a terceira parte do romance de Lima Barreto, deter-nos-emos em alguns dos textos de Tolstói sobre a guerra, com o objetivo de mostrar que algumas das características da mesma, descritas pelo escritor russo, assim com alguns dos questionamentos que a guerra coloca, também estão presentes em *Triste fim...* O mesmo faremos no momento de trabalhar o texto de Junger, texto no qual também se colocará em questão a modernidade sobre o fundo da violência. Considerando que a nossa leitura é feita desde uma perspectiva decolonial, o eixo que será inserido é a questão do progresso. Seja na guerra da qual participou Tolstói, seja na que participou Junger, assim como na guerra que cria Lima Barreto para Policarpo ou no projeto revolucionário do Astrólogo, a utilização da violência, o ingresso numa guerra, sempre tem como argumento a possibilidade de progresso, de acessar a civilização.

Mas, assim como o pensamento decolonial afirma que a condição da modernidade, do progresso, é deixar na escuridão a violência que tem como condição, Tolstói e Junger coincidirão em que a guerra fundamenta-se sobre uma mentira, que as justificativas da violência se fazem deixando na escuridão a verdade do assunto, que não há progresso possível pela via do aniquilamento humano. Como referimos, no caso do romance de Arlt, tanto Erdosain quanto o Astrólogo acreditam que a violência é a via para acabar com esse mundo injusto, argumento com o qual discutiu Tolstói, quando lhe perguntaram se acreditava que a guerra podia ser uma via civilizatória. No caso do romance de Lima Barreto, veremos que Policarpo será fuzilado por não deixar na escuridão a violência desnecessária dos representantes da República.

## 4.1. A guerra em Tolstoi

Tolstoi combateu em 1854 na Crimeia, que fazia parte do que naquele tempo era chamada de Pequena Rússia, hoje Ucrânia. Em novembro desse ano, o conde Tolstoi chegou a Sebastopol como oficial de artilharia (mesma unidade da qual fazia parte Policarpo Quaresma), para combater contra a aliança turco-anglo-francesa. A experiência da guerra fará do conde um escritor, aliás um pacifista. Em seu diário, após sua participação na guerra, escreveu, em 1856, “Meu destino são as letras” (TOLSTOI, apud. TOLSTOI, 2014, p. 11). Tolstoi chegou à Crimeia com espírito patriota, mas no final de seus dias combaterá esse espírito. Em *A guerra russo-japonesa* (1904) escreveu: “Es necesario que sea sincero. Yo no me siento en el fondo de mi ser completamente liberado de la noción de patriotismo. Por atavismo, por educación, persisten en mí, contra mi voluntad, los restos de un sentimentalismo egoísta” (TOLSTOI, 2014, p. 303). Seu posicionamento contra o sentimento de patriotismo fundamenta-se em que para ele a humanidade está acima de qualquer nação, sendo o destino do homem servir a Deus.

Conforme Pedro Gómez Carrizo, editor do livro *Lo que yo pienso de la guerra*, a guerra da Crimeia foi a primeira guerra que teve correspondentes. William Howard Russell, considerado “o pai do jornalismo de guerra”, escreveu para o *Times* pelo lado britânico; Tolstoi, pelo lado russo. No livro compilado por Carrizo encontram-se os seguintes textos: “El sitio de Sebastopol” (1854-1855), com as crônicas de Tolstoi sobre a guerra; “¡Hombres, despertad!” (1894), um texto de tom panfletário, no qual procurou interpelar a sociedade contra a guerra; “La guerra hispano-americana y la guerra de los dujobores” (1898), texto no qual aborda as lutas pela independência na América, as quais caracteriza como guerras entre homens para decidir por quem serão governados; contrapondo as mesmas com a guerra contra a guerra, desenvolvida pelos dujobores, um movimento cristão e anarquista; “Cartago delenda est” (1898), a resposta a uma entrevista que lhe foi enviada por uma revista italiana; “La guerra ruso-japonesa” (1904), texto de tom pacifista, no qual o ex-combatente sustenta que não há razão nenhuma para justificar uma guerra, além dos desejos colonialistas da Europa; e “Pensamientos y fragmentos”, textos sem data, com reflexões, na sua maioria religiosas. Conforme Carrizo:

Junto con las crónicas de Russell, los relatos que para el bando ruso escribió Lev Tolstoi sobre el

sitio de Sebastopol han sido considerados los primeros reportajes de guerra modernos. Las crónicas de Tolstói se publicaron entre junio de 1855 y enero de 1856 y despertaron el fervor entre el público. El propio zar Alejandro II se mostró entusiasmado por esos extraños “relatos” de un joven conde que contaba su vivencia de una guerra que no era ficción, sino crudelísima realidad, y la mostraba desde una perspectiva hasta entonces desconocida. Tan impresionado quedó el zar tras la lectura del primer reportaje de Sebastopol, en abril de 1855, que ordenó se tradujese al francés y que fuera publicado en *Le Nord*, un periódico ruso editado en Bruselas. El gran Turguénev dejó escrito: “El reportaje de Sebastopol es un milagro. He vertido lágrimas mientras lo leía y he gritado ¡Hurra!”. Con todo, huelga decir que la exposición de la horrible realidad de la guerra, sin la máscara del romanticismo, acompañada de una crítica social dirigida al falso heroísmo de la jerarquía militar, no resultaron gratas al poder, de modo que, incluso contando con la protección del zar, lo relatos de Tolstói sobre la guerra de Crimea fueron objeto de censura -tan notable que Tolstói se negó a poner siquiera sus iniciales en el escrito- y no se publicarían íntegros hasta 1928 (CARRIZO, apud TOLSTOI, 2014, p.9-10).

Pensando nos romances que estamos trabalhando, após ler essa crítica às crônicas de Tolstói, poderíamos considerar as mesmas como uma descrição da obra do escritor carioca, bem como do argentino. Como referido no segundo capítulo dessa dissertação, em *Os lanças-chamas*, no capítulo “El enigmático visitante”, Erdosain recebe a visita de um combatente da primeira grande guerra europeia, que se apresenta no dormitório da pensão com a máscara de gás. Após tirar sua proteção do rosto, a personagem contará para Erdosain que foi atingido pelos gases, e sobre as atrocidades que as armas químicas produzem nas pessoas. Quando Erdosain diz para o visitante que está estudando gases, este lhe perguntará se quer começar o combate, e o inventor dirá que não, que quer fazer a guerra para acabar com a guerra. Esse tipo de argumentação, de procurar fazer a guerra para conquistar a paz, não só não faz lembrar de guerras recentes, como as do Iraque e Afeganistão,

conforme descreve Mignolo (2010), quanto nos faz pensar em *Cartago delenda est*, texto no qual encontramos as perguntas da entrevista que *La Vita Internazionale* e *L'Humanité Nouvelle* enviaram por carta a Tolstoi.

*Cartago...* é um texto que nos insere no contexto de final do século XIX e início do XX, para poder pensar os debates e assuntos que a guerra colocava em questão, assim como lembrar o peso que a França tinha na intelectualidade do mundo. Foram enviadas quatro perguntas a Tolstoi, considerando que suas respostas contribuiriam para o desenvolvimento das ideias humanitárias e da civilização. A carta, além de colocar a importância que a problemática da guerra tinha para a Europa, assim como para a França, coloca também a ligação que se estabelecia entre a guerra e o progresso, considerando a via bélica como uma via para o desenvolvimento. Claro que Tolstoi questionará não só a ideia do progresso, a ideia de que a modernidade representa um progresso para a humanidade, quanto rejeitará a ideia de que é possível acabar com a guerra fazendo a guerra. Leiamos o questionário que recebeu Tolstoi:

Señor:

Con el fin de ser útil al desarrollo de las ideas humanitarias y de la civilización, *La Vita Internazionale* (Milán) con el apoyo de *L'Humanité Nouvelle* (París y Bruselas), ha creído su deber interesarse en el difícil problema que últimamente se ha mostrado en toda su gravedad e importancia a causa de la delicada cuestión, por la cual, Francia y el mundo entero se han apasionado tan vivamente: nos referimos al problema de la guerra y el militarismo. Con este fin rogamos a todos los que en Europa ocupan un lugar eminente en la política, las ciencias, las artes y el movimiento obrero, y hasta a los mismos militares, contribuyan a esta obra altamente civilizadora, enviándonos sus respuestas al cuestionario siguiente:

1º. ¿La guerra entre las naciones civilizadas es exigida aún por la historia, por el derecho y por el progreso?

2º. ¿Cuáles son los efectos intelectuales, morales, físicos, económicos y políticos del militarismo?

3º. ¿Cuáles son las soluciones que conviene dar en interés del porvenir de la civilización universal a

los graves problemas de la guerra y del militarismo?

4º ¿Cuáles son los medios que conducen lo más rápidamente posible a estas soluciones? (TOLSTOI, 2014, p.279-280).

Nessas poucas palavras temos, basicamente, o pensamento colonial. Em primeiro lugar, podemos observar como é colocado que os problemas da França, da Europa, são “os problemas do mundo inteiro”, e que da Europa e seus pensadores surgirão as respostas para os problemas da civilização. Na primeira pergunta também podemos observar a ligação que é colocada entre violência e progresso; a violência como condição de possibilidade para o acesso a uma nação civilizada. Na terceira pergunta observamos como a revista italiana, apoiada por uma instituição francesa, expressa sua preocupação pelo porvir da “civilização universal”, solicitando por último ao escritor russo respostas para a via mais rápida para solucionar os problemas da guerra e do militarismo.

“No puedo ocultar los sentimientos de repulsión, de indignación y hasta de desesperación, que esta carta ha provocado en mí” (idem, p. 280). Assim começa a resposta do escritor. No texto, o autor, que sabe do que se trata uma guerra, descreverá que um dos problemas das guerras é que acabam morrendo pessoas que não escolheram participar das mesmas, mas que consideram que sua situação será bem pior se resistirem a intervir nessa violência. Sobre esse assunto trabalha Junger em *A mobilização total*. Dirá Tolstoi que outro grande problema da guerra é que uma ínfima minoria, que vive no ócio e no luxo, além de explorar os trabalhadores, prepara as matanças; matanças que são fundadas sobre mentiras, e que não há possibilidade nenhuma de progredir fazendo a guerra. Por isso, responderá assim à pergunta sobre como resolver o problema da guerra: “¿Como si hubiera algún problema que resolver en el acto simple de emancipar a los hombres de la mentira em que viven!?”; e dirá que os efeitos da guerra “serán eternamente la desgracia general y la perversión del universo” (TOLSTOI, 2014, p. 282). Palavras semelhantes encontraremos na carta que escreverá Policarpo a sua irmã, dizendo que nunca conseguirá se livrar dos efeitos da guerra.

Voltemos agora para *Triste fim...* no qual Lima Barreto colocou a Policarpo Quaresma na Revolta da Armada de 1893, conflito que poderíamos descrever utilizando as palavras de Tolstoi em “La guerra hispano-americana y la guerra de los dujobores”(1898), dizendo que

nessa guerra decidiu-se “por medio de la muerte de unos hombres la cuestión de saber cómo y por quién deben ser gobernados otros hombres” (TOLSTOI, 2014, p. 269). É na terceira parte do romance de Lima Barreto que aparece a guerra em sua plenitude, já não como uma simples referência, como era colocada a guerra do Paraguai na primeira e segunda parte, senão que o “major” de Policarpo Quaresma deixará de ser um apelido para se transformar na sua posição dentro do exército. Para essa mudança acontecer, Lima Barreto coloca o foco no principal assunto da guerra: o problema dos recursos.

A revolta já havia começado quando o Major se apresenta perante Floriano, para lhe entregar sua proposta para reformar as leis agrárias e garantir recursos ao Estado brasileiro; reforma que foi pensada e desenhada após a passagem dele pelo campo. Floriano pede para o Major deixar o manuscrito sobre uma mesa, e após Policarpo fazê-lo ingressa na sala o Major Bustamante, anunciando que precisa de um quartel. O Marechal manda o Coronel falar com o Coronel Rufino em seu nome, para ele arranjar o assunto, e rasga um pedaço das primeiras páginas do manuscrito de Quaresma. Floriano se desculpa com Policarpo, e aproveita a ocasião para dizer a Bustamante que aproveite o Major em seu batalhão. O Major Bustamante perguntará a Policarpo se quer fazer parte do batalhão, mas o protagonista da história rejeitará o convite. O diálogo continuará da seguinte forma:

- Estamos em dificuldades... Fardamento, calçados para as praças... Nas primeiras despesas devemos auxiliar o governo... Não convém sangrar o Tesouro, não acha?

- Certamente, disse com entusiasmo Quaresma.

- Folgo muito que o senhor concorde comigo... Vejo que é um patriota... Resolvi fazer um rateio pelos oficiais, em proporção ao posto: um alferes concorre com cem mil réis, um tenente com duzentos... O senhor que patente quer? Ah! É verdade! O senhor é major, não é?

Quaresma então explicou, porque o tratamento por major. Um amigo, influência no Ministério do Interior, lhe tinha metido o nome numa lista de guardas-nacionais, com esse posto. Nunca tendo pago os emolumentos, viu-se, entretanto, sempre tratado major, e a coisa pegou. A princípio, protestou, mas com teimassem deixou.

- Bem, fez Bustamante. O senhor fica mesmo sendo major.

- Qual é a minha quota?

- Quatrocentos mil-réis. Um pouco forte, mas... O senhor sabe; é um posto importante...

Aceita?

- Pois não.

Bustamante tirou a carteira, tomou nota com uma pontinha de lápis e despediu-se jovialmente:

- Então, major, às seis, no quartel provisório. (BARRETO, 1997, p.189)

Nesse diálogo, Lima Barreto deixa claro que, no momento da guerra, a principal questão é garantir os recursos para combater, e que o respeito pelas normativas legais já não conta. O militar, que atingiu a patente de major, não demonstra interesse pelo fato de Policarpo Quaresma ser chamado de Major, sendo que não tem mérito para isso. Após o ingresso do Major no exército, quem ingressará será Ricardo Coração dos Outros, também contra a sua vontade. Como relatou Tolstoi em “¡Hombres, despertad!”, os homens são levados à guerra contra a sua vontade, porque sabem que se se negarem, as consequências podem ser as mesmas: a morte (TOLSTOI, 2014). E Policarpo, assim como Tolstoi e a maioria daqueles que passaram por uma guerra, colocará em questão as razões da mesma, após se dar conta de que Floriano não valorizou sua proposta de reforma, questionando que direito tem uma minoria, representada pelo marechal, de enviar milhares de pessoas à morte: “Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural?” (LIMA BARRETO, 1997, p. 223).

Também será na terceira parte do romance que Ismênia, a filha do General Albernaz, morrerá. Enquanto o Major está no exército, sua irmã, Adelaide, ficará no sítio. “Os arredores da casa ofereciam um aspecto desolador, apesar dos esforços de Anastácio, sempre vigoroso e trabalhador na sua forte velhice africana, mas baldo de iniciativa, de método, de continuidade no esforço” (LIMA BARRETO, 1997, p. 233). Será no sítio que Adelaide receberá a carta que Policarpo enviará após sua experiência nas trincheiras do Rio de Janeiro. Copiaremos a carta porque nela é possível observar semelhanças com a crítica que fez Carrizo das crônicas de Tolstoi em Sebastopol, isso quer dizer, uma descrição sobre a guerra sem a máscara do romantismo, do relato épico,



inserindo uma crítica social no relato. Como sabemos, a crítica ao militarismo nos escritos de Tolstoi gerou a censura dos mesmos, e no romance de Lima Barreto encontraremos as críticas de Policarpo à hierarquia militar, que serão consideradas a causa do triste fim.

Querida Adelaide. Só agora posso responder-te a carta que recebi há quase duas semanas. Justamente quando ela me chegou às mãos, acabava de ser ferido, ferimento ligeiro é verdade, mas que me levou à cama e trar-me-á uma convalescença longa. Que combate, minha filha! Que horror! Quando me lembro dele, passo as mãos pelos olhos como para afastar uma visão má. Fiquei com um horror à guerra que ninguém pode avaliar... Uma confusão, uma infernal zunir de balas, clarões, sinistros, imprecações – e tudo isto no seio da treva profunda da noite... Houve momentos que se abandonaram as armas de fogo: batiam-nos à baioneta, a coronhadas, a machado, fiação. Filha: um combate de trogloditas, uma coisa pré-histórica... Eu duvido, eu duvido, duvido da justiça disso tudo, duvido da sua razão de ser, que seja certo e necessário ir tirar do fundo de nós a ferocidade adormecida, aquela ferocidade que e fez e depositou em nós nos milenários combates com as feras, quando disputávamos a terra a elas... Eu não vi homens de hoje; vi homens de Cro-Magnon, do Neanderthal armados com machados de sílex, sem piedade, sem amor, sem sonhos generosos, a matar, sempre a matar... Este teu irmão que está vendo, também fez das suas, também foi descobrir dentro de si muita brutalidade, muita ferocidade, muita crueldade... Eu matei, minha irmã; eu matei! E não contente de matar, ainda descarreguei um tiro quando o inimigo arquejava a meus pés... Perdoa-me! Eu te peço perdão, porque preciso de perdão e não sei a quem pedir, a que Deus, a que homem, a alguém em fim... Não imaginas como isto faz-me sofrer... Quando caí embaixo de uma carreta, o que me doía não era a ferida, era a alma, era a consciência; e Ricardo, que foi ferido e caiu ao meu lado, a gemer e pedir -“capitão, meu gorro, meu gorro!”-

parecia que era o meu próprio pensamento que ironizava o meu destino...

Esta vida é absurda e ilógica; eu já tenho medo de viver, Adelaide. Tenho medo, porque não sabemos para onde vamos, o que faremos amanhã, de que maneira havemos de nos contradizer de sol para sol...

O melhor é não agir, Adelaide; e desde que o meu dever livre destes encargos, irei viver na quietude, na quietude mais absoluta possível, para que do fundo de mim mesmo ou do mistério das cousas não provoque a minha ação o aparecimento de energias estranhas à minha vontade, que mais me façam sofrer e tirem o doce sabor de viver...

Além do que, penso que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo o que nele pus de pensamento não foi atingido; e o sangue que derramei, e o sofrimento que vou sofrer toda a vida, foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer...

Ninguém compreendo o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maniaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade” (LIMA BARRETO, 1997, p.239-241)

Na carta que Policarpo escreve, vemos como faz uma descrição dos horrores da guerra, sem compartilhar uma leitura romântica nem épica da mesma. A Revolta da Armada se faz em defesa da República, em defesa do avanço da civilização, mas o Major Quaresma diz que viu homens de Cro-Magnon, cenas da pré-história. A imagem que constrói o autor carioca nos faz lembrar das primeiras palavras que escreveu Tolstoi em “¡Hombres, despertad!”:“¡Otra vez la guerra, otra vez los sufrimientos inútiles para todos, provocados por nada! ¡Otra vez la mentira, otra vez el embrutecimiento, la bestialidad de los seres humanos!” (TOLSTOI, 2014, p. 187). Assim como o escritor russo afirmou que após a guerra vem a desgraça, Policarpo afirma que não conseguirá nunca esquecer aquilo que viveu.

Mas podemos observar também que Policarpo coloca em questão as bases mesmas do discurso do progresso, coloca o horror para depois perguntar que sentido tem fazer a guerra, não achando justificativa nenhuma para isso. Foi em prol de uma tolice política, diz Policarpo,

que se fez a guerra. Tolice que não era só própria do Brasil, sendo que, como afirmamos, a guerra era um problema geral em fins do século XIX e início do XX. Lima Barreto deixará, no romance, provas disso. Após a cena da carta, o narrador nos dirá que Policarpo perguntava-se onde é que está o verdadeiro sossego. “E o mapa dos continentes, as cartas dos países, as plantas das cidades, passavam-lhe pelos olhos e não viu, não encontrou um país, uma província, uma cidade, uma rua onde o houvesse” (LIMA BARRETO, 1997, p. 242).

Após o fim do levante, Policarpo é enviado fazer o papel de carcereiro na ilha das Enxadas, onde estavam depositados os marinheiros prisioneiros. Seus tormentos crescerão com o exercício da função. “Quase os não olhava; tinha vexame, piedade e parecia-lhe que dentre eles um conhecia o segredo da sua consciência. De resto, todo o sistema de ideias que o fizera meter na guerra civil se tinha desmoronado” (LIMA BARRETO, 1997, p. 248). A confrontação da vida com a morte coloca em questão o sentido da vida. Assim como Policarpo perguntou-se que sentido tinha fazer a guerra, questionando o sentido do *progresso* sobre o fundo do horror, Tolstoi também fez o mesmo. Como referimos no primeiro capítulo, em nome do progresso, com a desculpa do avanço civilizatório, justificaram-se séculos de violência.

Em La “guerra ruso-japonesa”, escrito seis anos após responder a entrevista, Tolstoi dirá que sabe que muitos relevam a guerra por ser favorável ao progresso humano, “y dicen que, mediante ella, los hombres que gozan el privilegio de una civilización adelantada, aprovechan su fuerza atractiva para arrastrar a los que viene en el atraso” (TOLSTOI, 2014, p. 293). Trata-se de um texto que permite-nos pensar nas similitudes entre Tolstoi, Lima Barreto e Arlt, sendo que encontraremos as mesmas críticas que os autores latino-americanos fizeram ao ideal do progresso, sobre as quais trabalhamos no capítulo anterior. Aliás, Tolstoi, bem mais próximo de Lima Barreto que de Arlt, questionará a ideia de que a civilização é europeia. Tomemos alguns trechos desse maravilhoso texto, para mostrar aquilo sobre o que estamos fazendo referência:

Pero yo pregunto: ¿dónde reside la civilización?  
¿Por qué queréis que forzosamente la coloque yo  
en Europa? ¡Porque los Europeos, que se han  
creado contra las voluntades naturales muchas  
necesidades artificiales, ocupan su genio en  
satisfacerlas!

(...)

Se me dirá que el hombre civilizado no crea únicamente instrumentos de guerra, sino instrumentos para la comodidad material; y se me dirá, sobre todo, que crean las máquinas que ayudan al hombre en sus duros trabajos. Esto último es cierto; ¿pero por qué hay trabajos duros, sino porque el hombre se ha creado necesidades violentas?

(...)

La felicidad humana y la verdadera libertad consisten en domar los apetitos; y las invenciones modernas, aguzando y excitando estos apetitos, no logran otra cosa que perpetuar la esclavitud.

(...)

Un solo hecho me interesa: ¿esta guerra avanzará o retardará la hora de la paz humana? Indudablemente la retardará, y esto es lo que debe constituir nuestra aflicción.

(...)

Los pueblos europeos aparecen con toda su barbarie cuando intentan colonizar a los que consideran salvajes. Francia, Alemania, Rusia, Italia, la misma Inglaterra en el asunto del Transvaal; todas las naciones proceden de igual modo. ¿Dónde encontrar un pensamiento de verdadera civilización en la obra colonizadora de Europa? (TOLSTOI, 2014, p.294-301)

## 4.2. Guerra e progresso em Ernst Junger

Encontraremos, em Ernst Junger, o outro autor escolhido para pensar a questão da guerra em ambos os romances, uma ligação direta entre a guerra e o progresso. Em *A mobilização total*, texto escrito em 1930, o escritor alemão afirmará que, para além das semelhanças entre todas as guerras, existiu uma diferença entre a primeira grande guerra europeia e as outras. Diferença que é preciso colocar em questão, após ter lido as afirmações de Tolstoi, e lendo Junger sob uma perspectiva decolonial, segundo a qual, como referido no primeiro capítulo, na América, há cinco séculos que se fazem guerras com o argumento do progresso. Quando se refere à guerra de 1914, afirma Junger: “Talvez a

peculiaridade dessa grande catástrofe possa ser apontada da melhor maneira através da indicação de que, nela, o gênio da guerra conseguiu atingir e permear o espírito do progresso” (JÜNGER, 2002, p. 190).

Lendo as palavras de Junger, sobre aquela suposta excepcionalidade da primeira grande guerra, lembramos das palavras de Aimé Cesáire em *Discurso sobre o colonialismo*, em que o escritor de Martinica afirmou que foi preciso que Hitler chegasse ao poder na Europa para que os europeus se horrorizassem com um genocídio. No caso de Junger, podemos afirmar que foi preciso o acontecimento da primeira grande guerra europeia, para que o escritor alemão fizesse a ligação entre a guerra e o argumento do progresso para justificá-la. Mas há um ponto em que Junger coincide, nesse texto, com o pensamento decolonial, que é estabelecer uma ligação entre o discurso religioso e o progresso. Se, conforme Mignolo, a ideia do progresso passou da conversão religiosa para o discurso da modernidade, para Junger o progresso é a Igreja do século XIX. “E quem, então, poderia ainda duvidar de que o progresso é a grande igreja do povo do século XIX – a única que pode gozar de autoridade efetiva e de crença acrítica? (Idem, p. 192)”.

Para mostrar a ligação entre a guerra e o espírito do progresso, Junger utilizará o conceito de *mobilização total*. Conforme o autor, com a guerra de 1914, ficaram longe os tempos em que bastava enviar aos campos de combate algumas centenas de milhares de sujeitos alistados sob um comando confiável, e o que vai se produzir é uma mobilização total da população, passando a viver um processo no qual já não se trata do exército que está no campo de batalha, quanto de um gigantesco processo de trabalho. “Ao lado dos exércitos que se entrecrocavam nos campos de batalha, surgem os novos tipos de exército: o do trânsito, o da alimentação, o da indústria armamentista – o exército do trabalho em geral (JUNGER, 2002, p. 195)”. Isso acontece como efeito de que fundase a ideia de uma casta guerreira, na qual apenas os soldados profissionais participam do combate; e, com a guerra de 1914, começa um processo no qual todo movimento que se efetua tem como objetivo fazer um aporte bélico.

Junger dirá que será a ideia do progresso que conseguirá persuadir a população a se mobilizar para a guerra, sendo que o lado técnico da mobilização não será o decisivo, mas sim a *prontidão* para a mobilização. Para isso, considera o relato do progresso fundamental.

Com a observação de que nós consideramos o progresso a grande igreja do povo do século XIX,

já indicamos em que camada [do espírito] 11 presumimos situar-se o apelo eficaz sem a ajuda do qual era impossível a realização da parte decisiva da mobilização total, a saber, a cultural, referente às massas gigantescas que tinham de ser conquistadas para participação na última guerra. Na última fase, que já se insinuava por volta do fim desta última guerra, não ocorreu mais nenhum movimento – mesmo o de uma dona-de-casa junto à sua máquina de costura – no qual não residisse ao menos uma função mediatamente bélica. (JUNGER, 2002, p.200).

O escritor alemão colocará como outra característica própria da *mobilização total* que aconteceu na guerra a cooperação entre o Estado Maior e a indústria local. Salientará que o *plano quinquenal russo* colocou, “pela primeira vez, o mundo diante da tentativa de fazer convergir o esforço conjunto de um grande império para uma só correnteza” (idem, p. 192), assim como a articulação entre os Estados Unidos e sua indústria tornou possível o triunfo dos aliados. Fica claro, ao ler a descrição que Junger faz da guerra, que os fatos ocorridos, que ele denomina *mobilização total*, estão presentes no projeto do Astrólogo, no romance de Roberto Arlt. Como salientamos no capítulo anterior, o Astrólogo planeja o progresso social como consequência da comoção social. Para isso, criou a *Sociedade Secreta*, que tem como objetivo criar uma indústria de gases, financiada por uma rede de prostituição. A fábrica de gases será fundamental no projeto do Astrólogo porque, como dirá Junger no texto referido, dos gases não há como se defender. De fato, quem visita o dormitório de Erdosain tem a máscara para se proteger dos gases, mas morrerá por causa dos mesmos.

Após a leitura do texto de Junger, em que o autor descreve as particularidades da primeira grande guerra europeia, na qual toda a sociedade esteve envolvida no conflito bélico, e na qual cada movimento acabava acrescentando força ao conflito armado, podemos estabelecer uma ligação entre esse tipo de planejamento, de mobilização total, e o plano do Astrólogo. O plano da *Sociedade Secreta* é ter um esquema diverso, que possibilite os recursos materiais para fazer a revolução, mediante a rede de prostituição; uma articulação entre o Estado maior e a indústria, que seria a articulação entre o Astrólogo e Erdosain, responsável pela criação da fábrica de armas, a fábrica de gases. Quando o Astrólogo explica para Erdosain seu plano, lhe diz:

En cambio, nuestra sociedad se basará en un principio más sólido y moderno: el industrialismo, es decir, que la logia tendrá un elemento de fantasía, si así se quiere llamar a todo lo que le he dicho, y otro elemento positivo: la industria, que dará como consecuencia el oro.

(...)

-¿Así que le interesa de dónde sacaremos los millones? Es fácil. Organizaremos prostíbulos. El Rufián Melancólico será el Gran Patriarca Prostibulario... todos los miembros de la logia tendrán interés en las empresas... Explotaremos la usura... la mujer, el niño, el obrero, los campos y los locos (ARLT, 2007, p. 105-106).

Temos, no modelo de projeto do Astrólogo, esse tipo de processo funcional que Junger descreve ter acontecido na guerra de 1914, em que o autor não só coloca a cooperação entre Estado e indústria para o desenvolvimento bélico, quanto que essa articulação é a condição da vitória. Nesse sentido, o projeto do Astrólogo tem claras influências do que aconteceu na Europa, assim como nos Estados Unidos. Lembremos que, no capítulo anterior, salientamos que o Astrólogo destacava a força que tinham os empresários transnacionais. Quando o Astrólogo começa seu discurso, diz para Erdosain: “Entonces me di cuenta que toda la antigüedad clásica, que los escritores de todos los tiempos, salvo usted que había escrito esta verdad sin saber explotarla, no habían concebido jamás que hombres como Ford, Rockefeller o Morgan fueran capaces de destruir la luna (ARLT, 2007, p. 102)”. Cabe destacar que o Astrólogo não coloca o foco na possibilidade de a técnica permitir-lhes chegar até a lua, mas sim na força de destruição da indústria.

Retornando a Junger, este também coloca o foco no problema dos recursos no momento de fazer a guerra, e dirá que “o imenso aumento dos custos torna impossível arcar com a condução da guerra a partir de um tesouro de guerra fixo; muito antes, para manter em curso a maquinaria, é necessária a concentração de todos os créditos, até a captação do último centavo de economia (JUNGER, 2002, p. 195)”, o que nos faz lembrar do encontro entre o Major Bustamante e o major Quaresma, assim como também no problema que tem que resolver o Astrólogo para seu projeto revolucionário, e sua escolha de montar uma rede de comercialização de pessoas. Dirá Junger que, no processo da

guerra, da mobilização total, há uma captação absoluta da energia potencial, que acaba transformando

Os Estados industriais beligerantes em vulcânicas oficinas siderúrgicas, anuncia-se, talvez do modo mais evidente, o despontar da era do trabalho – essa captação faz da guerra mundial um fenômeno histórico cujo significado é muito mais importante que o da Revolução Francesa. Para desdobrar energias de tal grandeza, não basta mais armar o braço que carrega a espada, é preciso uma armação até a medula, até o mais fino nervo da vida. Realizá-la é a tarefa da mobilização total, de uma ação através da qual a rede elétrica da vida moderna, amplamente ramificada e cheia de dutos, é canalizada, por meio de uma única chave na caixa de luz, para a corrente da energia bélica (JUNGER, 2002, p.195).

Dirá Junger que, no início da guerra, o intelecto humano ainda não tinha previsto tamanha mobilização, razão pela qual tiveram que utilizar voluntários e reservistas no início do confronto; mas que o processo foi se intensificando no curso da guerra, passando a ter o controle e planejamento das matérias-primas, a conversão da relação trabalhista em uma relação militar; o equipamento de buques mercantes com armas, assim como a ampliação das competências do Estado Maior, mostrando que, no processo de *mobilização total*, é preciso ter um controle e planejamento de todas as variáveis possíveis, e dos atores sociais que possam intervir para conseguir a vitória. Colocará como exemplo os russos. “O “plano quinqüenal” russo colocou, pela primeira vez, o mundo diante da tentativa de fazer convergir o esforço conjunto de um grande império para uma só correnteza (JUNGER, 2002, p. 197)”.

Tomemos agora um trecho de *Os sete loucos*, para observar como esse tipo de funcionamento, esse esquema que Junger descreve como próprio da guerra de 1914 – na qual aconteceu uma articulação organizacional, cooperativa, entre diversos segmentos sociais, para garantir o objetivo bélico – aparece também na obra de Arlt. Como exemplo, escolhemos a cena na qual o Astrólogo explicará para o Advogado seu projeto. Dirá o Advogado:

—¿Sabe que usted es un demonio? Lo sabe todo. Uno lo oye hablar a usted y comprende que dice la



verdad, que es sincero, que no miente. Por eso va a triunfar.

—Hablo únicamente de lo que internamente estoy convencido.

—¿Y lo de los esclavos?

—Había que deslumbrarlo a usted y a Erdosain. Por eso mis palabras sonaban a mentiras. Mi verdadero plan es organizar la Academia Revolucionaria. Se habla de revolución, mas en realidad la gente ignora la técnica de una revolución. Revolución quiere decir interrupción de todos los servicios públicos. ¿Cómo se abastece de agua a la ciudad? ¿Quiénes recogen las basuras? ¿Cómo se continúa haciendo llegar el ganado a los mataderos y la harina a las panaderías? Y los ferrocarriles, y la luz. ¿Se da cuenta que un movimiento revolucionario es el mecanismo más complicado que pueda concebirse, porque de inmediato lastima los intereses de la multitud, que es la que puede hacerlo fracasar?

»Y los militares. El ejército rojo que hay que improvisar. Y el reparto de tierras. Y las herramientas. ¿Cuántas toneladas de hierro se necesitan para fabricar los arados? ¿Cuánto tiempo para fundirlo? ¿Cuántos hornos, cuántos operarios? ¿Y los bancos? ¿Las relaciones exteriores? ¿La resistencia de la burguesía? ¿El hambre? ¿Los movimientos de resistencia? Una revolución es posible improvisarla en un año, pero es imposible sostenerla sesenta y dos horas. En cuanto se terminó el pan y de las canillas no sale una gota de agua, la gente comienza a barruntar que es preferible una mala dictadura capitalista a una buena revolución proletaria.

—¿Y entonces?

—Hay que preparar técnicos. El Especialista en Revoluciones. Es una idea de Erdosain. Organizar cursos secretos donde se habiliten ingenieros en movimientos sociales bruscos. Así como durante la guerra se preparaban instructores militares, enfermeras, artilleros, etc., nosotros prepararemos Especialistas en Revoluciones. Ellos a su vez harán lo que hemos hecho nosotros, de manera que una vez puesto en marcha el mecanismo no es necesario que las células tengan contacto con el

núcleo central. En síntesis, incrustar en la sociedad actual una cantidad de pequeños cánceres que se multiplicarán. Usted sabe que un cáncer es un tejido que no acaba nunca de crecer. He visto cánceres que abarcaban un cuerpo entero. Algo fantástico (ARLT, 2008, p.62-63).

Após ler esse fragmento, fica claro que, além de Arlt se inspirar na guerra para desenhar personagens desiludidos dos ideais sociais, o plano do Astrólogo tem como base uma estratégia militar; uma estratégia militar baseada na experiência da guerra de 1914, porque, como colocado, seguindo Junger, até essa guerra não era toda a sociedade que se movimentava em função do objetivo bélico, senão que eram uns poucos os que participavam do conflito bélico. Isso mudou com a primeira grande guerra europeia, nos diz Junger. Nas guerras anteriores, produzia-se o que autor denomina *mobilizações parciais*, as quais considera próprias da monarquia, em que só os soldados profissionais se mobilizavam até o campo de batalha. Mas no caso da *mobilização total*, é preciso armar até o mais fino nervo da vida, e esse é o objetivo do projeto revolucionário do Astrólogo.

Como referido anteriormente, outra diferença da guerra de 1914 é a utilização de armas químicas. Nos diz Junger:

A época do tiro mirado, com efeito, já ficou para trás. O chefe de esquadra que, altas horas da noite, dá a ordem de ataque de bombas não conhece mais diferença alguma entre combatentes e não combatentes, e a nuvem de gás letal avança como um elemento natural sobre tudo que é vivo (JUNGER, 2002, p. 198).

Nessa frase, poderíamos colocar a diferença entre a guerra que viveu Policarpo e o projeto revolucionário do Astrólogo, ainda que encontremos o Major e Erdosain fazendo cálculos para acabar com o inimigo. Começemos por Quaresma, cujo tema de estudos predileto, ao entrar no batalhão, será artilharia. “Comprou compêndios; mas, como sua instrução é insuficiente, da artilharia vai à balística, da balística à mecânica, da mecânica ao cálculo e à geometria analítica; desce mais a escada; vai à trigonometria; à geometria e à álgebra e à aritmética (LIMA BARRETO, 1997, p. 200)”. Escreverá Lima Barreto que Policarpo percorre essa cadeia de ciências entrelaçadas “com uma fé de

inventor (Idem)”. Todo esse estudo será para tentar acertar no alvo com um canhão que há no forte.

No romance de Arlt, temos o inventor Remo Erdosain, que tem a tarefa de criar a fábrica de gás, razão pela qual também vai estudar sobre o assunto, para conseguir acabar com o inimigo, e as bases de seus estudos, além dos conhecimentos químicos e matemáticos, serão as histórias da primeira grande guerra e a utilização de armas químicas que foi realizada. Tomemos um fragmento da cena na qual Erdosain entrega ao Astrólogo os planos para a elaboração da fábrica de gás:

He escogido el gas fosgeno, no arbitrariamente, sino después de estudiar las ventajas industriales, facilidad de fabricación, economía y toxicidad que ofrece sobre otros gases de guerra. Las experiencias que esta nueva arma dejó a los directores de combate de la última guerra pueden concretarse en estas palabras de Foch: “La guerra química se caracteriza por producir los efectos más terribles en los espacios más extendidos”.

En el año 1915 entra en acción el fosgeno; en el otoño del año 1917 recrudece la guerra química, pues a fines del año 1916 el Estado Mayor alemán lleva a la práctica el plan de Hindenburg. La guerra de gases se intensifica de tal manera, que Schwarte da el dato de que en un solo bombardeo de Verdún se utilizaron cien mil obuses cargados de Cruz Verde, o sea fosgeno y formiato de etilo.(ARLT, 2008, p.210)

Como mencionado no capítulo anterior, o projeto do Astrólogo não vai se concretizar. Após Erdosain entregar os planos, matará à Bizca. Barsut será detido pela polícia num cabaré, após tentar pagar com uma nota falsa, das que recebeu do Astrólogo. Barsut denunciará ao Astrólogo, Hipólita, Erdosain e Ergueta. A polícia prenderá Ergueta, mas o Astrólogo e Hipólita conseguirão fugir. Já Erdosain, após contar toda a história para um jornalista, que é o narrador do romance, cometerá suicídio num trem, ou seja, ele vai se matar nas vias do progresso.

### 4.3. Triste fim

Como referido desde o início desse trabalho, Policarpo Quaresma será fuzilado. Mas será fuzilado por quê? Lembremos que deixamos o Major cumprindo a função de carcereiro. Ver todos aqueles homens presos, entre os quais havia gente de todas as cores, como menciona Policarpo: “Todos tinham vindo ou com pueris pensamentos políticos, ou por interesse; nada de superior os animava. Mesmo entre os moços, que eram muitos, se não havia interesse, existia uma adoração fetichista pela forma republicana, um exagero das virtudes dela” (LIMA BARRETO, 1997, p. 248). Escreveu o autor que tratava-se de gente que se meteu na guerra pelo hábito de obedecer, gente arrancada à força aos lares. “A sociedade e a vida pareceram-lhe cousas horrorosas, e imaginou que do exemplo delas vinham os crimes que aquela punia, castigava e procurava restringir. Eram negras e desesperadas, as suas ideias; muita vez julgou que delirava” (LIMA BARRETO, 1997, p. 249).

E após o escritor descrever o parecer de Policarpo, chegará à prisão um homem do Itamaraty. O oficial chega com uma escolta, ordena levar vários prisioneiros, e também Quaresma; Policarpo não entende a razão. O oficial que o conduzira nada lhe quisera dizer. Tão logo se encontre num calabouço ele vai entender a causa pela qual também foi detido. “Entretanto, ele atribuía a prisão à carta que escrevera ao presidente, protestando contra a cena que presenciara a véspera. Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados a sair assim, a desoras, escolhidos a esmo, para uma carniçaria distante, falara a fundo a todos os seus sentimentos” (LIMA BARRETO, 1997, p. 253).

Assim, por ter colocado sobre a mesa aquilo que procuravam manter na escuridão da violência da guerra, Policarpo será condenado à morte, e nenhum dos seus conhecidos militares fará nada para tentar salvá-lo. Só a sua afilhada Olga e seu amigo Ricardo Coração dos Outros tentarão salvar o Major. No período em que o Major aguarda a morte, o narrador colocará em questão o sentido de tudo aquilo que Policarpo fez pela pátria; o valor que tiveram suas ações para o governo ao qual ele levou sua proposta de reforma, para o bem do Brasil.

E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como

feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadramento de decepções (LIMA BARRETO, 1997, p. 254).

Vemos como Lima Barreto, assim como fizera Tolstoi após a guerra, coloca na boca de Policarpo Quaresma os questionamentos à guerra, ao patriotismo, ao sentido mesmo da promessa do progresso, da civilização, após viver o confronto com a realidade, com a verdade de até onde podem chegar aqueles que prometem a civilização, a república.

E, bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma ideia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma Deusa cujo império se esvaia? Não sabia que essa ideia nascera da amplificação da credence dos povos grego-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes? Lembrou-se do seu Fustel De Coulanges... Lembrou-se de essa noção nada é para os Menenanã, para tantas pessoas...Pareceu-lhe que essa ideia como que fora explorada pelos conquistadores por instantes sabedores das nossas subserviências psicológicas, no intuito de servir às suas próprias ambições...

Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos, sendo francês, inglês, alemão, podia sentir a Pátria? (LIMA BARRETO, 1997, p. 255)

Assim, após aquela reflexão, Policarpo lamentará não ter deixado um filho, ir para a cova sem um amor. Ricardo Coração dos Outros procurará o General Albernaz para ajudar o amigo, mas o militar evitará correr o risco de se envolver no assunto, podendo ser visto como antipatriota. O músico também buscará Genelício, mas este igualmente rejeita ajudar o Major Quaresma, afirmando que o governo sempre tem a razão. Até mesmo Arnaldo, o doutor casado com Olga, não concordará com a ideia da mulher de se envolver no assunto, tentando salvar o padrinho. Todos eles preferem não se envolver, não questionar o estabelecido, seguir a ordem, pois a ordem levará ao progresso.

E o Major Policarpo Quaresma, que dedicou seu tempo a estudar a história da América para melhor conhecer a história do Brasil; que dedicou-se ao estudo das ciências da terra, da economia, até das matemáticas, para garantir o desenvolvimento do país, acabará fuzilado por colocar em questão aquilo que é condição para o funcionamento do Estado moderno: é preciso não trazer à tona a violência que sustenta e torna possível a modernidade.

Para finalizar, após o suicídio de Remo Erdosain e a dor que viveu o Major Policarpo Quaresma, queremos colocar a sugestão que deixou Tolstoi, e da qual fizemos referência no início do capítulo, que nos faz lembrar das últimas palavras que Policarpo enviou à irmã, na carta “Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade” (LIMA BARRETO, 1997, p. 241).

Se admira la gente de que ocurran sesenta mil suicidios al año en Europa, sin contar los que se realizan en Rusia y Turquía. Hay que extrañar, por el contrario, que no ocurran más. Todos los hombres de nuestra época, si se dan cuenta de la contradicción que existe entre su conciencia y su vida, hállanse en situación muy cruel. Dejando aparte las otras contradicciones que existen entre la vida real y la conciencia, basta este estado de paz armada permanente, contrapuesto a la religión, para que el hombre se desespere, dude de la razón humana y renuncie a la vida en este mundo insensato y bárbaro. Esta contradicción, que viene a ser como la quinta esencia de las otras, es tan terrible, que no es posible vivir, a menos de olvidarla.

¡Cómo! Nosotros, los cristianos, no sólo profesamos el amor por el prójimo, no sólo vivimos realmente con vida común, sino que tratamos de instruirnos unos a otros para nuestra dicha mutua, acercándonos con amor, y en cambio, mañana, un jefe de Estado enloquecido dirá una estupidez cualquiera, otro le contestará con otra necedad, y yo y mis semejantes marcharemos a la muerte para matar hombres que no sólo no nos han causado ningún daño, sino que, por el contrario, nos son queridos. Y esto no es una

probabilidad lejana, sino una certidumbre inevitable, para la cual nos prepararemos todos. Basta tener conciencia de ello, para volverse loco o suicidarse.

Basta volver en sí durante un momento, para comprender la necesidad de tal resolución (TOLSTOI, 2014, p. 309- 310).





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura decolonial dos romances *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Os sete loucos* de Roberto Arlt, podemos afirmar que, em ambas as obras, é possível encontrar a lógica da colonialidade presente na estrutura do relato. Mais que isso – se, conforme Mignolo, o pensamento decolonial é aquele que se coloca na fronteira, que critica a modernidade a partir da própria modernidade, porém procurando levar as fronteiras do pensamento além da modernidade, colocando em questão a uni-versalidade do saber ocidental, procurando na história e nas histórias desse continente, assim como em suas línguas, uma outra interpretação que coloque em evidência a visão silenciada pelo discurso moderno –, consideramos que seria preciso inserir a obra de Lima Barreto na genealogia do pensamento decolonial, considerando que este propõe, como via possível da emancipação política, a emancipação linguística. Cabe destacar, mais uma vez, que a proposta do major Quaresma, de fazer do tupi-guarani uma língua oficial, que teve como consequência a internação de Policarpo num hospício, acabaria virando realidade no Paraguai e no Estado Plurinacional de Bolívia.

Por outro lado, cabe salientar a agudeza da análise social dos dois autores, que, no início do século XX, conseguiram antecipar como se desenvolveria nossa história. Como colocado no segundo capítulo, assim como Lima Barreto conseguiu descrever a estrutura social e econômica do Brasil do final do século XIX, Arlt, em seu romance, conseguiu antecipar o que Theotônio Dos Santos chamaria de terceiro tipo de dependência econômica, tempo que ainda estamos vivenciando, no qual são as corporações transnacionais as que acabam ficando com o poder de condicionar as realidades dos países subdesenvolvidos, como principais responsáveis pela obstaculização do progresso dos Estados da periferia. Para isso, o relacionamento com a mídia e os jornais é fundamental.

É evidente que este não foi o objetivo de nossa pesquisa, mas após observar que o mesmo tipo de lógica colonial encontra-se presente na literatura em português e em castelhano, consideramos que a literatura, as pesquisas sobre literatura, têm a possibilidade de fazer um aporte importantíssimo para compreender não só a lógica sobre a qual a mesma está estruturada, quanto as formas que utiliza para conseguir construir a ficção, uma ficção capaz de condicionar as condutas humanas. Sobre esse assunto, tanto Lima Barreto quanto Arlt tinham

consciência, porque sabiam, como jornalistas, da capacidade da palavra escrita de condicionar o comportamento humano, como destacamos ao abordar a dimensão epistêmica da matriz colonial do poder.

A ligação entre literatura e jornalismo é de longa data. A informação é um recurso fundamental para o capital financeiro, capital que ganha sobre a base dos riscos que supõe dar um empréstimo, razão pela qual uma narrativa que dissemine medo e perigos na sociedade é benéfica para seus interesses. Assim como Saítta considera que Arlt não teve uma capacidade especial para conseguir antecipar o golpe de Estado por vir, senão que tinha informações por trabalhar num jornal, consideramos que foi essa mesma possibilidade que lhe permitiu antecipar que seriam as empresas transnacionais as que seriam colocadas na posição de atores mais poderosos da cena mundial.

É por esse motivo que, em tempos nos quais vivenciamos cenas que foram descritas nos romances de Lima Barreto e Arlt, como ataques contra o Estado, contra as bases da República, como consequência da aliança entre os grandes proprietários das terras, aqueles que comercializam os recursos naturais, e o setor financeiro, encarregado de dar empréstimos ao Estado, a literatura tem um papel social fundamental, enquanto pode desmanchar a lógica discursiva sobre a qual se sustenta uma narrativa que consegue construir uma ficção, na qual a maioria da população acaba acreditando.

Para finalizar, considerando as possibilidades que tem a literatura, de fazer uma contribuição para entender os processos pelos quais desde a mídia é possível condicionar o comportamento humano, citamos um trecho escrito por Lima Barreto em sua conferência *O destino da literatura*, que nos permite mostrar a capacidade do escritor de entender a força e o poder que tem a palavra, a literatura, de construir imagens, que se transformam em forças que, por sua vez, acabarão condicionando a sociedade. O prêmio Nobel de economia de 2017, bem como o de 2002, foram entregues a psicólogos que conseguiram mostrar como é possível enganar as pessoas a partir de uma narrativa. Da mesma forma, o último livro do antropólogo indiano Arjun Appadurai, *Fazer negócios com palavras* (2017), procura explicar que a crise econômica de 2008 foi consequência de erros na linguagem, que fizeram possível fazer crescer e sustentar a narrativa financeira, consideramos que as pesquisas literárias podem fazer um importante aporte para pensar e conseguir compreender o momento que atualmente vivemos.

Nos despedimos como começamos, citando o grande escritor latino-americano Lima Barreto:

Os homens só dominam os outros animais e conseguem em seu proveito ir captando as forças naturais, porque são inteligentes. A sua verdadeira força é a inteligência; e o progresso e o desenvolvimento desta decorrem do fato de sermos nós animais sociáveis, dispondo de um meio quase perfeito de comunicação, que é a linguagem, com a qual nos é permitido somar e multiplicar a força de pensamentos do indivíduo, da família, das nações das raças, e, até, mesmo, das gerações passadas graças à escrita e à tradição oral que guardam cogitações e conquistas mentais delas e as ligam às subseqüentes.

Portanto meus senhores, quanto mais êsse poder de associação fôr mais perfeito; quanto mais compreenderemos os outros que nos parecem, à primeira vista, mais diferentes, mais intensa será a ligação entre os homens, e mais nos amaremos mutuamente, ganhando com isso a nossa inteligência, não só a coletiva como a individual. A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos e idéias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade.

Atualmente, nesta hora de tristes apreensões para o mundo inteiro, não devemos deixar de pregar, seja como fôr, o ideal de fraternidade, e de justiça entre os homen e um sincero entendimento entre êles.

E o destino da Literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar êsse grande ideal de poucos a todos, para que ela cumpra ainda uma vez a sua missão quase divina. (BARRETO, 1961, p. 68)



## REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo de Paiva. Os Funding loans brasileiros—1898-1931. In: *Pesquisa e planejamento econômico*, v. 32, n. 3, p. 515–540, 2002.

ANDRADE, Almir de. *Aspetos da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Schimdt Editor, 1939.

ANTELO, Raúl. *Algaravia: discursos de nação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

\_\_\_\_\_. *Crítica acéfala*. Buenos Aires: Editorial Grumo, 2008.

ARDAO, Arturo. *Génesis de la idea y el nombre de América Latina*, v. 3. Montevideo: Centro de Estudios Latinoamericanos Rómulo Gallegos, 1980.

ARLT, Roberto. *Aguafuertes cariocas: crônicas inéditas desde Rio de Janeiro*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. *Aguafuertes madrileñas. Presagios de una guerra civil*. Buenos Aires: Losada, 2000.

\_\_\_\_\_. *Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires: Losada, 2008.

\_\_\_\_\_. *Aguafuertes porteñas: cultura y política*. 1 ed. Buenos Aires: Losada, 1994. (Biblioteca clásica y contemporánea, 553).

\_\_\_\_\_. *Comentario a “Los siete locos”*. Disponível em: <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/comentario-a-los-siete-locos/html/12565301-3d6b-4ac9-944c-73e464084331\\_2.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/comentario-a-los-siete-locos/html/12565301-3d6b-4ac9-944c-73e464084331_2.html)>.

\_\_\_\_\_. *El jorobadito y otros cuentos*. Buenos Aires: Losada, 2006.

\_\_\_\_\_. *Los lanzallamas*. Gualeguaychú: Tolemia, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Los siete locos*. Gualeguaychú: Tolemia, 2007b.

\_\_\_\_\_. *Nuevas aguafuertes*. Buenos Aires: Losada, 1975.

AYALA, Felipe Guaman Poma de. *La nueva crónica y buen gobierno*, v. 3. [S.l.]: Editorial Cultura, Dirección de Cultura, Arqueología e Historia del Ministerio de Educación Pública del Perú, 1956.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1964.

BAYER, Osvaldo. *La Patagonia rebelde*. 1 ed. Tafalla: Txalaparta, 2009.

BERCHERIE, Paul. *Los fundamentos de la clínica*. Buenos Aires, Manantial, 1986.

BIELSCHOWSKY, Ricardo; VEREINTE NATIONEN (Org.). *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Record [u.a.], 2000.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. 2008. Disponível em: <<[http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/BOMFIM\\_A\\_America\\_Latina\\_Males\\_de\\_origem.pdf](http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/BOMFIM_A_America_Latina_Males_de_origem.pdf)>>.

BORGES, Jorge Luis. *Borges, oral & Sete noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia., 1925.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá, D.C: Siglo del Hombre Editores: Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, IESCO-UC: Pontificia Universidad Javeriana, Instituto de Estudios Sociales y Culturales, Pensar, 2007 (Biblioteca universitaria).

CESÁIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

CLAUSEWITZ, Karl Von. *De la guerra*. Buenos Aires: Solar, 1983.

COSENTINO, Gastón. *Delírios artianos: extimidades, orientalismos e melancolias nas águas-fortes escritas no exterior*. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/179006>>>.

CUGOANO, Ottobah; WINTER, Fernanda. Pensamentos e sentimentos sobre os males da escravidão. In: *Locus-Revista de História*, v. 18, n. 2, 2012.

DU BOIS, W. E. B.; EDWARDS, Brent Hayes. *The souls of Black folk*. Oxford [England]; New York: Oxford University Press, 2007 (Oxford world's classics).

DUSSEL, Enrique et al. *Pensando el mundo desde Bolivia*. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2010.

DUARTE, Edward et al. Identificación de los máximos eventos de inundación marina miocenos y su uso en la correlación y análisis de la Cuenca de Antepaís de los llanos orientales, Colombia. In: *Boletín de Geología*, v. 39, n. 1, p. 19–40. Bucaramanga (Santander): Universidad Industrial de Santander, 2017.

FABIÉ, Antonio María. *Vida y escritos de fray Bartolomé de las Casas: obispo de Chiapa*. [S.l.]: M. Ginesta, 1879. v. 2.

FANNON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. *Pele negra, Máscaras brancas*. Trad. Alexandre Pomar, Porto: Edição A. Ferreira, 1983.

FOUCAULT, Michel. *El poder psiquiátrico: curso en el Collège de France (1973-1974)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

\_\_\_\_\_. *La arqueología del saber*. Tradução Aurelio Garzón Del Camino. México: Siglo Veintiuno Editores, 1970.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder, trad.* Las ediciones de La Piqueta, Madrid, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigilar y castigar: nacimiento de la prisión*. 1ª ed. reimp. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores S.A., 1983.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUTIÉRREZ, Juan María; MYERS, Jorge; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Cartas de un porteño: polémica en torno al idioma y a la Real Academia Española*. Buenos Aires [u.a.: Taurus, 2003.

HANSEN, Joao Adolfo; FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Manuel da Nóbrega*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Ed. Massangana, 2010.

HARNECKER, Marta et al. *El partido: su organización*. [S.l.]: Editorial Nuevos Horizontes, 1979.

JARAMILLO, Carlos et al. *Miocene flooding events of western Amazonia*. Science Advances, v. 3, n. 5, p. e1601693, 2017.

JÜNGER, Ernst. A mobilização total. In: *Natureza humana*, v. 4, n. 1, p. 189–216, 2002. Disponível em: <<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v4n1/v4n1a06.pdf>>>.

KRIEGER, Ana Carolina. Lei do Ventre Livre, 1871: reflexos da aprovação da lei imperial de abolição gradual da escravidão na Província de Santa Catarina. In: *Revista Santa Catarina em História*, v. 4, n. 1, p. 30–42, 2010.

LANDER, Edgardo. La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. In: *Perspectivas latinoamericanas*, v. 1. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

LEANDER, Birgitta; MARGULIS, Mario; MARTINEZ LEGORRETA, Omar. *Europa, Asia y Africa en America Latina y el Caribe: migraciones “libres” en los siglos 19. y 20. y sus efectos culturales*. Mexico; Paris: Siglo 21; UNESCO, 1989.

LENIN, Vladimir Illich. *O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução*. [S.l.]: Expressão Popular, 2007.



LIMA BARRETO, Afonso Henriques De. *Correspondência* (Vol. 1). São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Correspondência* (Vol. 2). São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Diário íntimo*. São Paulo: Mérito S.A, 1953.

\_\_\_\_\_. *Impressões de leitura: crítica*. [S.l.]: Editora Brasiliense, 1961.

\_\_\_\_\_. *Marginália: artigos e crônicas*. [S.l.]: Editora Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Os Bruzundangas*. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. *Sátiras e outras subversões: textos inéditos*. São Paulo: Companhia das Letras: in association with Penguin Group (USA) Inc, 2016 (Ficção).

\_\_\_\_\_. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1. ed ed. Madrid: Allca XX, 1997. (Coleção arquivos, 30).

MARTINS DE SOUZA, Silvia Cristina. Crise! Crise! Crise! A quebra da Casa Souto nas letras de lundus compostos no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. In: *Topoi*, v. 15, n. 29, p. 588–611. Rio de Janeiro: [S.e], Jul 2014.

MIGNOLO, Walter. *A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

\_\_\_\_\_. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. [S.l.]: Ediciones del Signo, 2010.

\_\_\_\_\_. *La colonialidad: la cara oculta de la modernidad*. Catalog of museum exhibit: Modernologies, p. 39–49, 2009. Disponível em: <<[http://www.macba.es/PDFs/walter\\_mignolo\\_modernologies\\_.pdf](http://www.macba.es/PDFs/walter_mignolo_modernologies_.pdf)>>.

\_\_\_\_\_. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. 1a. ed ed. Barcelona (España): Gedisa Editorial, 2007. (Biblioteca Iberoamericana de pensamiento).

MIGNOLO, Walter D; OLIVEIRA, Marco. Colonialidade: O Lado Mais Escuro da Modernidade. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: <<<http://scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>>>.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

NÓBREGA, Manuel Da. *Cartas do Brasil: 1549-1560*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.

PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Barcelona: Anagrama, 2001.

\_\_\_\_\_. Ficção e teoria: o escritor enquanto crítico. In: *Travessia*, n. 33, p. 45–59. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Literatura, 1996.

\_\_\_\_\_. *O último leitor, trad.* Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Teoría del complot*. Buenos Aires: Mate, 2007.

PROUDHON, P-J.; GÓMEZ PINILLA, A. *¿Qué es la propiedad?: investigaciones sobre el principio del derecho y del gobierno*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2007.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. In: *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, p. 11–20. Lima: Instituto Indigenista, 1992.

QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial. In: *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, v. XLIV, n. 4. Catalunya: Editora Unesco, 1992.

RABELO, Belkiss J. Correspondência entre LN Tolstói e MK Gandhi. In: *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 9, p. 85–113. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

RAMA, Ángel. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1988.

RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. *Tradução de Águas-Fortes Portenhas, de Roberto Arlt*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Biblioteca Digital da USP. Disponível em: <<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-12042002-115005/pt-br.php>>>.

RODRÍGUEZ, Simón. *Obras completas Tomo II*. La Paz: Embajada de la República Bolivariana de Venezuela en el Estado Plurinacional de Bolivia ed., 2011.

SAÍTTA, Sylvia. Vientos de conspiración en Los siete locos. Los lanzallamas. In: *Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras*, v. 32. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

SANTOS, Theotonio Dos. A estrutura da dependência: 40 anos da teoria da dependência. In: *Revista Soc. Bras. Economia Política*, n. 30, p. 5–18. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011.

\_\_\_\_\_. *The structure of dependence*. The american economic review, v. 60, n. 2, p. 231–236. Nashville: American Economic Association, 1970.

SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988, pp. 50-62.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

TOLSTOI, Lev Nikolaevich. *Lo que yo pienso sobre la guerra*. Barcelona: Desván de Hanta, 2014.

YUNQUE, Álvaro. “Sin novedad en el Frente de Erich Maria Remarque”. Disponível em: <<http://www.alvaroyunque.com.ar/estudios/alvaro-yunque-sin-novedad-en-el-frente.html>>. Acesso em: 8 dez 2017.

ZAFFARONI, Raúl. El derecho latinoamericano en la fase superior del colonialismo. In: *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, v. 7, n. 2. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015.

\_\_\_\_\_. *La palabra de los muertos: conferencias de criminología cautelar*. 1ª ed. Reimpr. Buenos Aires: Ediar, 2011.